

A
Bíblia
traída

Dr. Aníbal Pereira dos Reis

Edições Cristãs

ÍNDICE

Prefácio

O entusiasmo pela propagação da Bíblia

Quando a Palavra de Deus não é a verdade

Uma pergunta atrevida

A jogada do Diabo

A SBB engajada nos artificios de Satanás

Quem lucra com a cooperação dos padres?

Resposata à pergunta

Linguagem de Hoje!!!

A Palavra de Deus é digna do mais belo

Os “santinhos” da LH

A confissão da SBB

O mar de chá

A linguagem que o povo entende

Alguns pecados da LH

Atentatdos diretos contra Jesus Cristo

Unigênito e único

O sangue de Jesus é depreciado

“Dar a Bíblia à Pátria”? Sim!!!

.oOo.

PREFÁCIO

Quando do lançamento da 1ª edição da “**BÍBLIA NA LINGUAGEM DE HOJE — NT**” uma circunstância alheia aos meus propósitos embarçou minha entrada franca e de peito aberto em prol da preservação das palavras de Deus para a conservação da Palavra de Deus.

Apesar de minha descrença na validade de remendo novo em pano velho, consoante a solene informação de que “A 2ª EDIÇÃO SERÁ MUITO MELHOR” (Ewaldo Aives), resolvi aguardá-la.

Confirmaram-se as minhas suspeitas. Os remendos desta edição desmereceram a informação do Secretário da SBB: As correções havidas, o «*paletó*» retirado de Mateus 5:40 e Lucas 22:30, a volta do “*arrepender-se*”, dos vocábulos: *bispo*, *presbítero*, *diácono*, raras correções havidas não a escoimam de sua má qualidade e de sua infeliz incumbência de desservir o Evangelismo.

A LH persiste como literatura de banca de jornal, indigna de revestir a sublime Palavra de Deus e como obra de descrédito da Bíblia em resultado das alterações textuais.

Vem em nosso aval a assertiva do Pastor Sebastião A. de Souza, que, há mais de 70 anos, estuda a Bíblia: “O texto da LH não é uma nova tradução, e sim, uma interpretação, aliás, numa linguagem inaceitável... Acho que jamais poderá ser usado na evangelização, pois nada tem de evangelístico. Eu nunca dele faria presente a um incrédulo, nem mesmo a um irmão na fé” (Jornal Batista, 20 de Janeiro de 1974).

Com esta obra a SBB pratica o maior crime que cometer se possa contra a Palavra de Deus, qual seja o de traduzir erradamente a Bíblia, ou seja, corromper o ensino bíblico na própria autoridade da fonte.

Minha consciência me impõe o dever intransferível de escrever este livro sobre a Bíblia traída pela SBB.

Aventurar-me-ei à cova dos leões na convicção de servir à Causa da Fé, de uma vez por todas, dada aos santos (cf. Judas 3).

Deus abençoará os meus sofrimentos advindos desta tarefa, que, com toda a certeza, descontentará os comprometidos com a LH, cujos ânimos se acirrarão contra mim. Sei que, abençoados por Deus, esses padecimentos se transformarão em refulgentes pedras preciosas a se

engastarem na coroa de glória com que o justo Juiz cingirá minha frente.

Exatamente para preservar determinadas pessoas esquivei-me de arrolar-lhes os nomes nestas folhas.

Os nomes marcados pela excentricidade não sugerem quem quer que seja. Toda e qualquer semelhança supostamente encontrada por algum apressado leitor, fica a débito da coincidência estranha aos meus designios.

Que as bênçãos abundantes do Senhor se esparjam sobre os leitores, tornando-os cada vez mais intransigentes na fidelidade à Bíblia, Palavra Imarcescível de Deus, é a minha oração.

São Paulo, 16 de Julho de 1976.

Dr. ANÍBAL PEREIRA DOS REIS

Membro da Academia Evangélica de Letras
e da União Brasileira de Escritores.

.oOo.

1

O ENTUSIASMO PELA PROPAGAÇÃO DA BÍBLIA

JAMAIS LIVRO ALGUM sofreu tantas e tamanhas perseguições como a Bíblia. Milhares e milhares de seus exemplares foram atirados às fogueiras inquisitoriais. Suas mensagens foram corrompidas em nome de tradições e sob a chancela de magistérios eclesiásticos. Seus divulgadores sacrificados e as instituições empenhadas em sua disseminação taxadas de PESTE (Leão XII em sua encíclica *UbiPrimum*, de 5 de Maio de 1824).

Quanto mais se aproxima a culminância da História a ocorrer no arrebatamento da Igreja tanto mais se acirra a apostasia e recrudescem os atentados contra a Bíblia, Palavra de Deus.

Na perspectiva dos sinais escatológicos surge uma nova modalidade de perseguição contra o Livro Santo. É a mancomunação dos líderes da idolatria com as Sociedades Bíblicas.

Até há bem pouco aquelas as alcunhavam de pestes e as equiparavam às sociedades clandestinas. Acomadrados e aconchavados aqueles líderes “estão numa boa”. Na de divulgá-la. Mais ainda, na de deturpá-la.

Evangelino Garganta Faladepressa é um velho conhecido. Seu “charme” é dizer que prega o Evangelho a cada instante. A tempo e fora de tempo. Vale-se de todos os recursos e de todos os métodos. Contanto que o Evangelho seja anunciado, diz ele, não importa como. Não importam os meios. Tornam-se irrelevantes as pessoas e as instituições.

Evangelino é pastor de urna Igreja. Diz que, se se lhe oferecer oportunidade, prega até dentro de templo católico. Agora, porque corre muito na sua vida febril e febricitante, não pode evangelizar os “decididos” dos domingos em sua Igreja.

Quando o cidadão diz que, se for o caso, prega em templos romanistas e em terreiros de umbanda, já sei.

O seu Evangelho é de perfume! Suas pregações sentimentalóides! E não prega às pessoas de coração predisposto a ouvir a mensagem de arrependimento e fé em Cristo.

O nosso Evangelino tem programa em rádio. É um ótimo meio de promover a sua pessoa saltitante. Em certa denominação evangélica ocupou um cargo destacado. Afastou-se ou dele foi afastado como consequência de um desentendimento.

Ferido em sua vaidade pessoal, envidou todos os esforços a fim de ocupar outro cargo de relevo numa instituição evangélica indenominacional.

A sua grande preocupação é a sua pessoa.

Se os padres se dispõem a espalhar a Bíblia, o rev. Evangelino acha isso excelente. Diz até que os padres não são filhos do diabo. São cristãos e pastores de almas.

Afirma mesmo que aceitará a colaboração dos comunistas se eles se dispuserem a divulgar a Bíblia na Rússia.

O Evangelino adotou a filosofia dos jesuítas. Se o fim é bom, não importam os meios. O fim justifica os meios.

Se o fim é nobre, embora os meios em si sejam imorais, tornam-se legítimos pela nobreza do propósito.

Espalhar a Bíblia, a Palavra de Deus, é excelente coisa. Então quaisquer meios servem. Até os mais desonestos.

Aconselhou um comerciante a oferecer uma Bíblia a cada freguês. E para que não se prejudicasse em seu lucro sugeriu-lhe cobrar mais caro a sua mercadoria.

O nosso Garganta Faladepressa é fã daquele macaco esperto. Do macaco das castanhas. Daquele gorila que entrou numa casa cujos moradores se ausentaram por alguns instantes. Logo ao invadir a cozinha, viu uma porção de castanhas torrando na chapa do fogão. Entusiasmou-se. Chegou-lhe água à boca. Tinha de comer as castanhas. Mas, como tirá-las da chapa quentíssima? Por ali não viu nenhum pedaço de ripa com que pudesse arrastá-las fora da chapa. Deu tratos à bola. Pensou... Pensou... Impossível arriscar-se a queimaduras. Enquanto pensava aparece um gato. Um bichano assustado com a presença do macaco.

Amainou-lhe o espanto com palavras brandas. Afagou-lhe o pelo macio. Elogiou-lhe a fofice e a brancura. Enalteceu-lhe aquela destacada mancha preta do pescoço, a se salientar no branco das costas. E o bichano a ronronar de prazer... Com tantos elogios como jamais ouvira...

-- E o diabo não é tão feio como se pinta, refletia o gatinho. Diziam que o macaco é um bicho safado. Como se enganam! Este macaco é tão bonzinho e sabe reconhecer o valor dos outros.

Todo charmoso, o bichano se esfregava nas pernas do macaco a demonstrar-lhe a maciez do seu farto pelo numa confirmação dos elogios do símio.

E o macaco, boca cheia d'água, um olho no gatinho felpudo e outro na chapa cheia de castanhas a se torrarem.

Depois de algum tempo de "detente", de distensão, de entendimento ecumenista, de avaliação, o gorila pega o gato. Segura-o firme. Aproxima-se do fogão. E com as patas do bichano tirou da chapa quente todas as castanhas.

Ventre guloso e coração duro, pouco ou nada se lhe davam os miados lancinantes e doloridos do gato de patas a se cozinharem na chapa do fogão.

O nosso rev. Faladepressa, embora saiba das astúcias do clero romano, parboleado no macaco da fábula, quer dele aceitar a aproximação, a "détente", na difusão da Bíblia. Acha que vale a pena correr o risco.

É a era da massificação. Massifique-se também a Palavra de Deus!

Acontece que o Evangelino esqueceu-se que o diabo também divulga a Bíblia.

Com que Satanás tentou Jesus? Valeu-se das Escrituras. **“Se Tu és o Filho de Deus, lança-Te de aqui abaixo; porque está escrito: Que aos Seus anjos dará ordens a Teu respeito; e tomar-Te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra”** (Mateus 4:6).

O maligno citou o Salmo 91:11.

Ele conhece as Santas Escrituras. Cita-as quando lhe convém.
Divulga-as.

Com que intento?

O da salvação das almas?

É evidente que não!

Menciona-as exatamente com o intuito oposto ao bem das almas.
Para prejudicá-las, isso sim!

Foi o que fez com Eva.

Satanás, por ser sagaz e astuto, materializou-se na forma da serpente, a mais astuta de todas as alimárias do campo, aproximou-se da mulher e, blandicioso, lhe afirma: **“É ASSIM QUE DEUS DISSE...”** (Gênesis 3:1).

O primeiro pecado de Eva foi o de aceitar a Palavra de Deus da boca do diabo. Foi o seu pecado capital. O pecado de receber a corrupção da Palavra de Deus feita por Satanás. E daí para a desobediência foi questão de segundos.

Recorreu às Escrituras o inimigo para tentar o Mestre porque desejava averiguar e certificar-se de Sua Messianidade e de Sua Filiação Divina.

Os judeus exigiram de Pilatos a condenação de Jesus Cristo. E, em seu propósito, valeram-se das Escrituras. **“Nós temos uma Lei, e, segundo a nossa Lei, deve morrer, porque Se fez Filho de Deus”** (João 19:7).

Os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo se especializavam no estudo da Bíblia. Quando surgiram os magos do Oriente à procura do Messias recém-nascido, ofereceram a Herodes preciosos informes quanto ao Seu nascimento.

Dispunham das Escrituras e recusaram crer no Mestre.

Herodes, de sua parte também, esclarecido de tudo, mandou assassinar Jesus Cristo ainda com pouco tempo de vida terrena.

Os padres sempre se salientaram como perseguidores da Bíblia. Especializaram-se em queimar os seus exemplares. Requentaram-se em corromper-lhe as mensagens, em tirar-lhe e acrescentar-lhe achegas.

Agora resolvem aproximar-se das Sociedades Bíblicas.

Por que essa guinada de 180°?

Converteram-se eles?

Que nada!

E então?

Ah! Querem fazer como o gorila. Macacos do velho paganismo e do caduco judaísmo querem agora macaquear o macaco das castanhas.

Mas o rev. Evangelino Garganta Faladepressa está numa boa de inclusivista. Junta tudo. Também o diabo de contrapeso, na sua arrancada fulminante de espalhar a Bíblia.

Alguém quer esparramar exemplares da Bíblia? Não importa quem seja e como vai fazer.

Seja babalorixá, médium espírita, padre, o diabo...

Acrescida de “notas explicativas”, de subtítulos tendenciosos, pejada de excrescências, vítima da tesoura, enxertada de retoques... Nada disso importa para o rev. Faladepressa.

De cambulhada com a tradição, com o magistério eclesiástico, com as profecias dos novos videntes, com as revelações dos centros espíritas, com a missa dos padres, com a bênção do papa, com as imagens e os santos católicos, com as “nossas senhoras”, com os despachos e as mirongas da macumba, com a subversão dos comunistas... Não interessa nada disso para o rev. Garganta Faladepressa.

Contanto que se espalhe a Bíblia entre o povo, os seus comparsas e os métodos deles não importam. O fim justifica os meios.

Nem que seja a Bíblia vilipendiada, achincalhada como a paródia da “Linguagem de Hoje”.

.oOo.

2

QUANDO A PALAVRA DE DEUS NÃO É A VERDADE

E PODE SER ISSO? Quando a Palavra de Deus não é a Verdade?

O que significa: NÃO É A VERDADE?

Quer dizer: MENTIRA?

Então? E a Palavra de Deus pode ser mentira?

Isso é blasfêmia!!!

É blasfêmia, sim! Mas acontece. E muito!

Elias, o grande profeta, ao ser perseguido por Jezabel, a ímpia rainha de Israel, refugiou-se na casa da paupérrima viúva de Sarepta.

Prodigiosamente o Senhor multiplicara-lhe o pão e o azeite tendo em vista o sustento do ministério de Elias.

Enfermara o filho da pobre viúva, vindo a morrer.

Aflitíssima, a mãe reclamou do profeta: **“Que tenho eu contigo, homem de Deus? Vieste tu a mim para trazeres à memória a minha iniquidade, e matares a meu filho?”** (I Reis 17:18).

Clamou ao Senhor Elias e o rapaz ressuscitou. Ao contemplá-lo redivivo, em grande júbilo, a mãe exclamou: **“Nisto conheço agora que tu és homem de Deus, e que a PALAVRA DO SENHOR NA TUA BOCA É VERDADE”** (I Reis 17:24).

Na boca de Elias a Palavra de Deus é a Verdade.

Na boca de Moisés a Palavra de Deus é a Verdade.

Na boca de Abraão a Palavra de Deus é a Verdade.

Na boca de Davi a Palavra de Deus é a Verdade.

Na boca de Daniel a Palavra de Deus é a Verdade.

Na boca de Isaías a Palavra de Deus é a Verdade.

Na boca de Jeremias a Palavra de Deus é a Verdade.

Na boca de João Batista a Palavra de Deus é a Verdade.

Na boca de Paulo a Palavra de Deus é a Verdade.

Na boca de Jesus Cristo, o próprio VERBO DIVINO, a própria Verdade, a Verdade por excelência, a Palavra de Deus é a Verdade.

Porém, a Palavra de Deus na boca do diabo ao induzir Eva, ao investir contra o Mestre, ao tentar os pobres mortais, é mentira.

A Palavra de Deus na boca dos escribas e fariseus, conhecedores das Escrituras, é mentira.

A Palavra de Deus na boca de Herodes é mentira.

A Palavra de Deus na boca de Judas Iscariotes é mentira.

A Palavra de Deus na boca dos falsos profetas (cf. II Crônicas 18:21; Jeremias 23:25-26) é mentira.

A Palavra de Deus na boca de Zedequias, filho de Quenaaná, é mentira.

A Palavra de Deus na boca de Anás e Caifás é mentira.

A Palavra de Deus na boca do babalorixá é mentira.

A Palavra de Deus na boca do médium espírita é mentira.

A Palavra de Deus na boca do pastor mercenário é mentira.

A Palavra de Deus na boca do missionário-curandeiro é mentira.

A Palavra de Deus na boca do sacerdote católico é mentira.

A Palavra de Deus na boca do diabo é mentira.

A Palavra de Deus na boca de quem contrafaz a mensagem divina é mentira.

Em si mesma, em sua intrinsicidade, a Palavra de Deus sempre é a Verdade.

Torna-se mentira quando contrafeita, quando deturpada, quando inquinada, quando infectada, quando poluída, quando podada, quando enxertada, quando forçada à *scriptura ex machina*, quando subjugada a

maus propósitos, quando avacalhada por seus falsos e hipócritas seguidores.

Um dia desses, no bairro de Santana, na Capital Paulista, vi um aglomerado de gente defronte de uma casa em cuja parede se lia a inscrição: *“Centro Espírita — Escola Bíblica às 9 horas de domingo”*.

As pessoas entravam. Acompanhei-as.

Interpelado logo no início da aula, identifiquei-me como visitante.

E permaneci na expectativa. Na escuta. Na observação.

Cada aluno com um livreto. O professor lia e explicava.

A lição versava sobre os “passes” de Jesus, o “meigo nazareno” (?).

O preletor, ao expor a lição daquele domingo, afirmava ser do hábito de Jesus dar “passes” e com eles curar os doentes. E, para justificar a informação, com desenvoltura, abriu a Bíblia e leu em Marcos 1:40-44, a cura do leproso: **“Estendeu a mão, e tocou-o...”**, eis um exemplo dos muitos “passes” dados pelo Mestre.

Leu ainda em Lucas 7:11-15, a ressurreição do filho da viúva de Naim: **“E, chegando-Se, tocou o esquife”**, outro exemplo de “passe”.

Leu também em João 9:1-7, o milagre do cego de nascença: **“Tendo dito isto, cuspiu na terra, e com a saliva fez lodo, e untou com o lodo os olhos do cego”**, mais um exemplo de “passe” dado por Jesus.

Jesus deu “passes” até em crianças, dizia o preletor espírita. E leu Marcos 10:13-16.

Os textos bíblicos lidos pelo professor kardecista são lindos e, em si, verdadeiros. Agora, na boca daquele preletor, a Palavra de Deus se torna mentira pois é estúpida mentira afirmar-se haja Cristo dado “passes”.

Enquanto os espíritas e macumbeiros querem encontrar nos Evangelhos um Cristo dando “passes”, os padres querem encontrar nos gestos de Jesus Cristo a base para suas benzeduras e sacramentos, obras de feitiçaria.

O Evangelho é o Poder de Deus!

É o Poder de Deus em favor de quem?

De todo aquele que crê!

Para quem não crê deixa de ser o Poder de Deus.

Para o incrédulo, o ímpio, o contrafeitor, torna-se em mentira.

Na boca dos padres, a Bíblia não é a Verdade.

Não é a Verdade porque eles a corrompem. Eles a poluem.

Quando lemos os Atos dos Apóstolos e as Epístolas Paulinas empolgamo-nos com o empenho de Paulo Apóstolo em pregar o Evangelho. Admiramo-nos de suas múltiplas e incansáveis viagens. De sua ousadia em enfrentar os judeus nas sinagogas e os pagãos nos areópagos e nas praças públicas.

Mas por que não nos admiramos de sua intrepidez em combater a mentira do antievangelho?

Salienta-se Paulo como pregador do Evangelho. Destaca-se, porém, muito mais como defensor desse mesmo Evangelho.

Os chamados judaizantes ou legalistas diziam-se crentes em Jesus Cristo. Afirmavam ser Jesus Cristo o Salvador. Ensinavam, contudo, que, além da fé em Cristo para que o pecador possa ser salvo, há a necessidade das obras e da prática de devoções religiosas.

Na boca deles, por isso, a Palavra de Deus se tornara em mentira. E contra eles Paulo batalhou a mais não poder.

O Apóstolo jamais quis aproximação com aquela gente para pregar o Evangelho e sempre recusou a ajuda deles. Combateu-os sempre e com a maior tenacidade e valentia.

Aquela tese legalista ou judaizante é o fundamento de todas as seitas católicas.

Os padres ensinam que o pecador, para se salvar, deve crer em Cristo e também merecer com as suas obras, com a recepção dos sacramentos, com o exercício de devoções religiosas e com a submissão ao clero-mediador. Isso é antievangelho.

Como pregadores do antievangelho os padres -- quais filhos de Belial no corrompimento da Palavra de Deus -- os padres hoje divulgam a Bíblia.

Transformam-na em mentira porque torcem e retorcem a mensagem divina. Anulam-na com as suas tradições (cf. Mateus 15:6-9).

A teologia católica se baseia fundamentalmente na tese judaizante das necessidades das obras para a salvação e, no intento de divulgar sua base antievangélica, gosta muito de isolar do contexto e do teor da Bíblia certos versículos.

Dentre estes aprecia sobretudo Mateus 24:13, esquecendo-se de Mateus 24:22. Gosta muito de Mateus 25:31-46, esquecendo-se de propósito de que se trata do *juízo das nações* que se dará depois do arrebatamento da Igreja e que aqueles pequeninos (v. 40 e v. 45) são os judeus convertidos após o arrebatamento e perseguidos por seguirem a Jesus Cristo e por se rebelarem contra o Anticristo.

Sem reconhecer na Bíblia a exclusividade da fé em Cristo como Único Salvador de maneira solene, clara e insistente, proclamada por Paulo Apóstolo, sobretudo em suas Epístolas aos Romanos e aos Gálatas, a teologia católica, no seu contexto de mentiras, invoca versículos isolados da Carta de Tiago.

A SBB que não lê as obras de Paulo e que, por interesse comercial, conforme a informação do rev. Sambalate Contaprosa e Sempreatrasado, espalha a Bíblia, a SBB, em sua circular: "A

SOCIEDADE BÍBLICA INFORMA”, de Agosto de 1975, dá sob o título: “*Papa Paulo VI manda distribuir Escrituras*”, a seguinte notícia: “Quem visitar o Vaticano, em 1975, receberá um exemplar do Novo Testamento, oferecido pelo papa Paulo VI.

A promoção integra as celebrações do Ano Santo, obedecendo recomendações do Concílio Vaticano II de tornar as Escrituras Sagradas acessíveis a todos os homens.

Além do Novo Testamento, editado em espanhol, inglês, francês, italiano e alemão, Seleções Bíblicas, EXTRAÍDAS DA EPÍSTOLA DE TIAGO, estão sendo oferecidas aos que visitam a Basílica de S. Pedro, em Roma”.

A SBB, alheia à atuação de Paulo contra os judaizantes e empenhada em trair a Bíblia, ao exibir aquela informação não quis notar o destaque: “SELEÇÕES BÍBLICAS, EXTRAÍDAS DA EPÍSTOLA DE TIAGO”, que transcrevemos em caixa alta para quem tem olhos de ver.

O desígnio vaticano é patente! É o de levar os seus fiéis a se convencerem da necessidade de méritos pessoais provenientes das obras para a salvação do pecador. É a de levar os seus fiéis a se persuadirem da fundamentação bíblica para a sua tese antievangélica.

O católico turista do Ano Santo recebe à entrada da Basílica de S. Pedro um exemplar do Novo Testamento e, em papel separado, lê em letras salientes, os versículos isolados do contexto: **“A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo... Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo? E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos, e fartai-vos; e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?**

Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma.

Mas, dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras: mostra-me a tua fé sem as tuas obras. E eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.

Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o crêem, e estremecem. Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta?

Porventura o nosso pai Abraão não foi justificado pelas obras, enquanto ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque?

Bem vês que a fé cooperou com as suas obras, e que pelas obras a fé foi aperfeiçoada. E cumpriu-se a Escritura que diz: E creu

Abraão em Deus, e foi-lhe isso imputado como justiça, e foi chamado o amigo de Deus.

Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé.

E de igual modo Raabe, a meretriz, não foi também justificada pelas obras, quando recolheu os emissários, e os despediu por outro caminho?

Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tiago 2:14-26).

Ao leitor católico esta passagem dá a impressão de que a sua religião tem razão ao exigir a caridade da esmola e a prática de boas obras para a salvação eterna do pecador.

Coitado! Ele ignora as Escrituras!

E vão as Sociedades Bíblicas aceitar a colaboração dos padres para espalhar a Bíblia e aplaudir em seus boletins a atuação clerical.

De certo, o rev. Evangelino Garganta Faladepressa aplaude com todo frenesi e batendo os pés no chão de tanto contentamento o gesto da padralhada e dos mestres espíritas que ensinam as mais mefistofélicas mentiras em nome das Sagradas Escrituras.

A missão da SBB seria também a de defender a integridade da Bíblia e renegar a ajuda do diabo e seus comparsas.

Agora, se ela for correta em sua atuação, seus rendimentos comerciais cairão, pois há de se acreditar na informação do seu vendedor, rev. Sambalate Contaprosa e Sempreatrasado, que diz ser do interesse comercial da SBB a máxima divulgação de cópias das Escrituras e de porções dela.

Afinal, o que seria preferível para a Glória de Deus? A defesa da integridade, da genuinidade da mensagem bíblica ou os lucros da SBB?

A Bíblia, Palavra de Deus, na boca do padre, do bispo e do papa não é a Verdade porque a base fundamental do catolicismo é antievangélica por se constituir no recurso às boas obras para a salvação do pecador. Negada a todo-suficiência de Cristo, está negado o valor infinito do Seu Sacrifício. Está negada toda a Soteriologia evangélica. E negada esta, nega-se a própria Divindade de Jesus Cristo.

Então, o catolicismo não faz parte do Cristianismo.

Acaso é cristã a sua doutrina sobre os sacramentos? É cristã a sua doutrina sobre o batismo?

É cristã a sua doutrina sobre a missa?

É cristã a sua doutrina sobre o purgatório?

É cristã a sua doutrina sobre a co-redenção de Maria?

É cristã a sua doutrina sobre Maria, mãe da igreja?

É cristã a sua doutrina sobre a autoridade do papa e a sua infalibilidade?

É cristã a sua doutrina sobre o culto aos santos?

É cristã a sua doutrina sobre a confissão de pecados ao sacerdote?

É cristã a sua doutrina sobre o sacerdócio sacramental, sacramentífero e sacrificífero?

Se o catolicismo nada tem de cristão, exatamente por ser antievangélico, por que acomodar-se com os padres na difusão da Bíblia?

À luz da Verdade da Bíblia é insensatez do rev. Evangelino Garganta Faladepressa a cooperação dos padres, filhos de Belial, na propagação da Bíblia. É desrespeito à Palavra de Deus.

É, outrossim, reconhecimento da própria fraqueza e da incapacidade do povo evangélico.

Com o seu frenesi de entusiasmo pela ajuda dos padres, o rev. Evangelino afronta os crentes, taxando-os de ineptos e indolentes.

.oOo.

3

UMA PERGUNTA ATREVIDA

ENDEREÇÁ-LA-EI A QUEM?

Ao rev. Evangelino Garganta Faladepressa ou ao rev. Sambalate Contaprosa e Sempreatrasado?

Embora haja outros, como o rev. Apoteose Triunfo Festivo, o Prudentino Água-Morna da Paz, a quem poderia dirigir a pergunta?

É muito séria à vista das informações da própria SBB e da situação calamitosa do mundo.

Lembrando o que Deus disse em Isaías 55:11: **“Assim será a Minha Palavra, que sair da Minha boca; ela não voltará para Mim vazia, antes fará o que Me apraz, e prosperará naquilo para que a envie!”**, propala-se que, disseminando-se a Palavra de Deus, as almas naturalmente se converterão.

Diz-se que Jesus mandou semear o Evangelho a fim de se salvarem as almas. E se este é o propósito de se distribuir a Bíblia, ou seja a salvação das almas, ao espalhá-la, evidentemente, arrepender-se-ão e se converterão a Jesus Cristo os pecadores.

Sobre isto se insiste sempre. E a SBB promove campanhas, esparrama vendedores e representantes, sustenta uma máquina promocional muito bem estruturada com o fim de “dar a Bíblia à Pátria”.

Durante os seus 27 anos de existência, a crer-se em seu boletim de Agosto de 1975, ela distribuiu 115 milhões de exemplares ao povo brasileiro.

“JOGUE a Semente que em breve VOCÊ VERÁ nascer o FRUTO!”, é o incitamento da SBB para se espalhar a Bíblia.

Cento e quinze milhões de cópias da Bíblia!

É a semente jogada a mãos cheias.

Uma para cada brasileiro!

As Sociedades Bíblicas Unidas informam que, de 1972 a 1974, em 3 anos, portanto, a circulação mundial de Escrituras foi de 721.720.282 exemplares.

É um número comprido, mas dá para ler. SETECENTOS E VINTE E UM MILHÕES, SETECENTOS E VINTE MIL, DUZENTOS E OITENTA E DOIS exemplares.

Nesses três anos apenas, quase um terço da população mundial recebeu a Bíblia.

Só em 1974 foram distribuídas 254.138.606 de cópias das Escrituras.

Ano após ano, a Bíblia supera os mais célebres “bestsellers”, com todos os apelos ao sexo, ao emagrecimento e ao dinheiro.

Nos Estados Unidos a Days Inn, uma rede de motéis, desde 1973, distribuiu gratuitamente 100 mil exemplares da Palavra de Deus por ano.

O conhecido rev. Jim Reed, da cidade de Las Vegas, já espalhou 30 mil cópias dela em boates e cassinos.

Agora, a pergunta importante!

Ah! Já sei a quem vou dirigi-la. Dirigi-la-ei ao rev. Evangelino Garganta Faladepressa, pois se trata de um “expert” em matéria de evangelismo e um grande entusiasta por essa Causa. É renomado pregador de campanhas evangelísticas e professor de Evangelismo em seminário evangélico. Mantém um programa radiofônico do assunto que, através de muitas emissoras, cobre boa parte do seu país.

Até a infidelidade é para ele quase uma afirmação de Evangelismo.

Seu entusiasmo evangelizante é tamanho que tudo sacrifica por ele.

Quer dizer! TUDO em termos. Sua gostosa casa, não. Seu conforto, não. Sua vida boa, não.

Sacrifica TUDO! Ou seja, a fidelidade à sã doutrina do Evangelho.

TUDO! Ou seja, imola no altar ecumenista a separação que deve existir entre os crentes e os comprometidos com a heresia.

Rev. Evangelino, perdoe-me a indiscrição da atrevida pergunta.

-- V. S. está por dentro daqueles dados estatísticos todos sobre a circulação da Bíblia, eu sei. No Brasil um exemplar para cada patricio meu, no mundo um exemplar para cada pessoa de um terço da humanidade. Agora, a pergunta! Antes de lançá-la, por ser ela muito atrevida, peço-lhe, de novo, perdão: POR QUE O MUNDO VAI DE MAL A PIOR?

Se a Palavra de Deus não volta vazia e se a sua função é converter os pecadores, por que, apesar de tantos exemplares da Bíblia, os pecadores não se convertem? Não é a Palavra de Deus “como um martelo que esmiúça a penha” (Jeremias 23:29)? A penha, a rocha dura do pecado?

Se se espalham tantas cópias da Bíblia por que o aumento monstruoso dos assassinatos, dos roubos, dos estelionatos, das injustiças, dos latrocínios, dos assaltos à mão armada?

São esses os FRUTOS nascidos da semente jogada?

Se se espalham tantas cópias da Bíblia por que o abaixamento cada vez mais profundo da imoralidade dos costumes? Do amor livre? Do adultério? Do aborto provocado?

São esses os FRUTOS nascidos da semente jogada?

Sabe, rev. Evangelino, as mocinhas dizem que a virgindade já era! As senhoras casadas julgam ser de bom tom o adultério! Elas querem ter pelo menos dois amores: um para a estabilidade material e social e o outro ou os outros para a emoção. Fidelidade conjugal para elas já era.

São esses os FRUTOS nascidos da semente jogada?

Sabe, rev. Garganta Faladepressa, apesar dos 115 milhões de cópias da Bíblia para o meu povo brasileiro, já há neste País 2 milhões de abortos provocados por ano? Dois milhões de meus patricios assassinados pelas suas próprias mães! E antes de nascer!

São esses os FRUTOS nascidos da semente jogada?

Se se espalham tantas cópias da Bíblia como se explica a impressionante e avassaladora toxicomania?

São esses os FRUTOS nascidos da semente jogada?

Como se explica a rebeldia dos filhos para com seus pais? O desrespeito aos velhos? A falta de dignidade e de honra dos velhos?

São esses os FRUTOS nascidos da semente jogada?

Como se explica tudo isso, rev.? Então, a Palavra de Deus volta vazia para Ele? Deixou de ser martelo que esmiúça a penha?

Se se espalham milhões e milhões de cópias das Escrituras, como se explica a infâmia do homossexualismo?

O rev. sabe que em muitas cidades -- e daqui a pouco será em todos os lugares!!! -- quem não é homossexual é pichado de quadrado?

São esses os FRUTOS nascidos da semente jogada?

Se se espalham tantos exemplares da Bíblia, como se explica a avalanche de mistificação religiosa através dos “missionários”-curandeiros? Como se explica o analuvião da macumba e do demonismo a se abater sobre o mundo?

São esses os FRUTOS nascidos da semente jogada?

Se se espalham tantos exemplares da Bíblia, como se explica a insensibilidade moral? Como se explica o haver o Homem perdido a dignidade? Como se explica a regressão do Homem?

São esses os FRUTOS nascidos da semente jogada?

A América do Norte não faz exceção em todos os aspectos da decadência do Homem. Como se explica isso se lá se centralizam as maiores organizações evangélicas do mundo? Se lá está a sede das mais poderosas Sociedades Bíblicas do mundo?

Será que as prostitutas das boates e os jogadores e farristas dos cassinos contemplados pelo pastor Jim Reed com um exemplar das Escrituras se converteram? Um ou uma ao menos?

São esses os FRUTOS nascidos da semente jogada?

Desculpe-me o desdobramento da pergunta em tantas facetas.

Quero a resposta!!!

Tenho direito a ela!!!

Se V. S. não sabe responder, sonde lá na SBB quem me possa satisfazer.

Rev. Evangelino, falhou a Palavra de Deus? Ela está retornando vazia para o Senhor? Tornou-se um martelo de borracha incapaz de entortar um prego enferrujado?

.oOo.

4

A JOGADA DO DIABO

SE ACINTOSAMENTE e logo na primeira investida Satanás zombasse da Palavra de Deus ou a negasse, Eva teria resistido à tentação.

Eva vivia no Éden em comunhão com o Senhor. Queria ser-Lhe fiel. Propôs em seu coração obedecer ao Mandato Divino: **“De toda a árvore do jardim comerás livremente; mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”** (Gênesis 2:16-17),

Surge-lhe o diabo na forma de serpente, a **“mais ASTUTA que todas as alimárias do campo”** (Gênesis 3:1). Astucioso, Satanás diz-lhe: **“É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?”** (Gênesis 3:1).

O diabo reinterpretou a Palavra de Deus. Blandicioso em sua malícia, adulterou a expressão do Senhor.

Deus dissera: **“De toda a árvore do jardim comerás livremente; mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás”**.

E o diabo: **“É assim que Deus disse: não comereis de toda a árvore do jardim?”**.

Eva aceitou o erro proposto por Satã. Esquivou-se de protestar. Deu uma de ecumenista. Uma de “progressista”. Uma de SBB!

É sempre assim! Todo o desvio moral parte de um erro de doutrina religiosa (cf. Romanos 1:18-32).

Incidindo na proposta herética do diabo, Eva estava disposta a desobedecer. E foi o que aconteceu.

Os padres, filhos do diabo, são muito dóceis ao pai deles.

Jesus invejou duramente os líderes religiosos Seus contemporâneos. Suas objurgatórias se prestam ainda mais para os padres: **“Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos do vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na Verdade, porque não há Verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira”** (João 8:44).

No passado, os filhos do diabo queimavam as cópias da Bíblia e incendiavam os seus leitores e divulgadores.

O papa Paulo V, pela Bula *Domini Gregis* proibiu -- e excomungava quem a usasse -- a tradução vernácula das Sagradas Escrituras.

E a excomunhão naquele tempo traduzia-se por fogueira da “santa” Inquisição!

Paulo V, à margem da lista das edições da Bíblia em vernáculo constante no *Index Librorum Prohibitorum*, após a seguinte observação: “Não se podem ler, imprimir-se ou possuir-se, sem licença do Santo Ofício, as edições da Bíblia em língua vulgar”.

No rastro das normas decorrentes do Concílio de Trento, de Paulo IV e de Paulo V, o papa Pio VII, em sua carta *Magno et Acerbo*, de 3 de Setembro de 1816, ao ocupar-se da então recente fundação da

Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, em 1804, e da Sociedade Bíblica Americana, em 1816, hostilizou as traduções vernáculas do Livro Santo, como “a mais astuta das invenções, pela qual se abalam os fundamentos da religião e se levam os fiéis a beberem nessas fontes o letal veneno”.

E quando as Sociedades Bíblicas começaram a deslançar a difusão dessas versões, aterrado, o pontífice romano Leão XII, na sua encíclica *Ubi Primum*, de 5 de Maio de 1824, chama aquelas Sociedades Bíblicas de “PESTE”.

O papa Gregório XVI pela sua encíclica *Inter Praecipuas*, de 6 de Maio de 1844, conserva-se em igual propósito de afrontar às Sociedades Bíblicas.

A encíclica *Qui Pluribus*, promulgada em 9 de Novembro de 1846 por Pio IX, sustenta acesa a luta. E no § IV do *Syllabus*, Pio IX nivelou aquelas Sociedades ao comunismo, ao socialismo e às sociedades clandestinas “porque semelhantes pestes devem ser reprovadas muitas vezes e com as expressões mais graves”.

O seu sucessor imediato, Leão XIII, apesar da expectativa causada nos meios evangélicos pela sua encíclica *Providentissimus Deus*, de 18 de Novembro de 1893, mandou incluir no *Index Librorum Prohibitorum*, em 25 de Janeiro de 1897, as versões da Bíblia publicadas pelas Sociedades Bíblicas.

As labaredas inquisitoriais, os anátemas papais, as excomunhões dos hierocratas jamais conseguiram barrar o entusiasmo dessas Sociedades.

Quanto mais perseguidas, mais se estimulavam na divulgação da Bíblia e na defesa da sua integridade doutrinária. Repeliam qualquer instigação de corruptela do texto mesmo a título de atualização da linguagem. Mesmo a pretexto de mais fácil compreensão por parte do povo ignorante com o intento de favorecer o evangelismo.

Aliás, evangelismo e fidelidade à Bíblia caminhavam unidos. Interdependiam-se.

Os hierocratas vaticanos se rolam de raiva com o desenvolvimento sólido da evangelização através da sementeira sensata da Bíblia.

As estruturas da credence popular nos dogmas e práticas católicas desmoronavam-se lenta, porém inexoravelmente na alma dos leitores do Livro Santo.

Quem lesse o livro proibido ficava imunizado das feitiçarias papistas.

Era eu adolescente quando, certa noite, tentei ver de perto um culto evangélico que se realizava a portas abertas na casa de um piedoso crente, o Prof. Henrique Cyrillo Corrêa. contei a “tentação” ao

padre no confessionário. Levei do sacerdote tremenda descompostura e recebi a advertência: aquele livro de capa preta é do diabo.

O clérigo sabia que, se ouvisse a Palavra de Deus, tornar-me-ia refratário às doutrinas romanistas.

Já quando sacerdote, vigário em Guaratinguetá, passei a ler a Bíblia. Lendo-a surgiram-me, de pronto, muitas e atrozés dúvidas. Recorri ao meu bispo. Advertiu-me S. Excia. de que desistisse da leitura daquele livro se não quisesse acabar louco e apóstata.

Teimei na leitura vetada. Acabei louco por amor à Causa de Jesus Cristo porque a pregação do Evangelho à qual me dedico de corpo e alma é loucura (cf. I Coríntios 1:21, 23 e 25). Acabei apóstata da idolatria, do papismo, da missalatria, da santolatria, da purgatoriolatria... Acabei apóstata da hierocracia para me tornar um crente em Jesus Cristo.

Mudados os tempos, o Vaticano deveria mudar de tática. O diabo precisou aplicar outra jogada.

Com que propósito?

Com o propósito de avacalhar a Bíblia e, em sua jogada, envolveu as Sociedades Bíblicas. Tornou-as subservientes à idolatria, ao papismo, ao diabo...

A mais espetacular atuação ecumênica ocorreu no envolvimento daquelas Sociedades.

Cegos, os seus discípulos negam qualquer compromisso com o ecumenismo porque, alegam, o interesse deles é difundir a Bíblia entre o povo.

Quer queiram proclamar, quer se recusem a isso, o fato incontestável é que ecumenisticamente as Sociedades Bíblicas se agacharam e se acapacharam perante os hierofantes vaticanos.

Aceitando os acenos astuciosos da serpente vaticana do ecumenismo, as Sociedades Bíblicas Unidas, cuja sede está em Nova Iorque e que abarcam uma cadeia de 35 Sociedades Bíblicas Nacionais a operar em 150 países, inclusive o Brasil, já em 1963 elas assediavam o ecumenista Secretariado para a Unidade dos Cristãos, tentando uma ação comum para tradução, publicação e distribuição da Bíblia no mundo inteiro.

Na assembléia de Buck Hill Falls, celebrada de 16 a 21 de Maio de 1966, os representantes das 35 Sociedades Bíblicas Nacionais (inclusive da SBB) ligadas às Unidas, unanimemente declararam-se engajados na sortida ecumenista dispostos a colaborar com a "igreja católica romana" para a tradução e difusão das Escrituras, aceitando a idéia da inclusão dos livros apócrifos em lugar especial entre o Velho e o Novo Testamento. Confirmaram as **NORMAS PARA A COOPERAÇÃO INTERCONFSSIONAL NA TRADUÇÃO DA BÍBLIA** estabelecidas na

conferência de Roma da qual, em Janeiro de 1966, participara o cardeal Agostinho Bea, presidente do Secretariado Unionista.

Aquelas NORMAS foram então endossadas e aceitas pelo presidente do Comitê Executivo das Sociedades Bíblicas Unidas, dr. Laton E. Holmgren.

Sim, senhores! A Bíblia ecumênica, que incluirá os APÓCRIFOS, a ser lançada em conluio entre o Vaticano e as Sociedades Bíblicas Unidas, inclusive a SBB, está em vias de concretização.

Envolvidas, as Sociedades Bíblicas caíram no engodo do diabo como aconteceu com nossa mãe Eva.

.oOo.

5

A SBB ENGAJADA NOS ARTIFÍCIOS DE SATANÁS

EM CONCHAVO COM AS SUAS CO-IRMÃS, a SBB colima a Bíblia ecumênica que incluirá os APÓCRIFOS. É esse o seu diabólico propósito. E chegará lá no extremo da apostasia.

Começou a ceder. Sua queda é inexorável. É só questão de tempo. Um pouco mais apenas.

A SBB precisou amainar os horizontes carregados das nuvens densas da oposição. Mister se lhe fora amaciar os redutos evangélicos contrários ao cabal engatamento na composição apóstata do ecumenismo.

Essa obra de amaciamento, contudo, demanda algum tempo.

O seu primeiro passo aconteceu em 1967 com a proposta do lançamento de uma tradução conjunta do Novo Testamento.

Com efeito, a “Diretoria da SBB reunida no dia 24 de Outubro de 1967, resolveu autorizar a composição de uma comissão paritária, formada de elementos da igreja católica e de evangélicos, para o estudo da possibilidade de tradução conjunta do Novo Testamento” (Circular da SBB, de 15 de Fevereiro de 1968).

Deflagrou-se nos meios evangélicos brasileiros uma onda de descontentamento contra aquela decisão da SBB, que, premida,

resolveu convocar as pessoas interessadas para reuniões em que, por meio de perguntas e respostas, acontecesse o “DEBATE ESCLARECEDOR”.

Propalou-se que a SBB iria auscultar a opinião pública evangélica sobre o lançamento de uma tradução conjunta do Novo Testamento.

A verdade, contudo, foi bem outra!

A SBB resolveu convocar aquelas reuniões depois do acordo consumado e com o fim de dirimir dúvidas quanto àquele lançamento.

Esses encontros de “DEBATES ESCLARECEDORES”, a começar do de São Paulo, em 5 de Março de 1968, foram agitados e as respostas dos representantes da SBB não satisfizeram os temerosos de conchavos ecumênicos.

Conhecendo-se a Constituição Dogmática *Dei Verbum* emanada do Concílio Ecumênico Vaticano II e os desígnios ecumenistas da hierarquia clerical expressos nos seus contactos com as Sociedades Bíblicas Unidas, tem-se a certeza de que a proposta da Tradução conjunta do Novo Testamento é o ponto de partida para o lançamento da denominada Bíblia Ecumênica que, sob a chancela do *Imprimatur*, enfeixará os APÓCRIFOS e “notas explicativas” ao sabor vaticano.

Pacientemente a hierarquia do antievangelho prossegue minando e solapando as resistências com o intuito de se utilizar da SBB em sua ação ecumênica.

Na sua primeira investida saiu vitoriosa por duas razões: primeira porque levou ao descrédito a SBB diante de larga faixa evangélica e depois porque obteve o seu intento de chancelar com o seu *Imprimatur* o Novo Testamento divulgado por aquela instituição.

E vitoriosa, ainda, porque agora está segura de poder contar com parte da diretoria da SBB empenhada também em confundir os crentes.

Aliás, este fato pode-se constatar desde as suas primeiras manifestações favoráveis aos desígnios da CNBB.

Em sua circular de 15 de Fevereiro de 1968, dizem tratar-se da TRADUÇÃO conjunta do Novo Testamento.

Explodida a onda de descontentamento nos redutos evangélicos, ao convocar as reuniões para esclarecimentos, não se fala mais em tradução e sim em REVISÃO conjunta.

Aliás, a malícia da mudança do vocábulo tradução pelo termo revisão se caracteriza muito bem na circular de 15 de Fevereiro de 1968 em que se fala de uma tradução “EM LINGUAGEM MAIS ACCESSÍVEL, INDEPENDENTEMENTE DOS TEXTOS JÁ EXISTENTES”.

Houve aí um jesuitismo! Ou as palavras perderam o seu real significado.

Entre tradução e revisão existe enorme diferença.

Em virtude da reação vigorosa manifestada nas reuniões convocadas com o objetivo de informar o povo evangélico sobre um fato consumado, a diretoria da SBB decidiu conformar-se à velha tática do clero: ESPERAR.

Aos 20 de Maio do mesmo ano de 1968, a cognominada Comissão Paritária se reuniu “para estudar a possibilidade de uma revisão conjunta do Novo Testamento, tendo por base a fidelidade absoluta aos textos originais”.

Esses estudos, conforme informa outra circular, “duraram algumas horas, suspendendo-se os trabalhos às 18 horas do mesmo dia da instalação”.

Afirma-se, outrossim, que “a Comissão Paritária não voltou a reunir-se”.

Alguns dias posteriores, contudo, a SBB recebeu ofício assinado por todos os membros católicos da referida Comissão, dizendo que “aceitavam o texto de João Ferreira de Almeida, tal como foi revisto e atualizado pela SBB”.

Pergunta-se: Em poucas horas poder-se-á examinar com fidelidade absoluta os textos gregos originais para se concluir que a versão revista e atualizada de João Ferreira de Almeida atende aos desejos de uma tradução “em linguagem mais acessível”?

Quem não vê naquelas expressões uma evasiva? Um subterfúgio? Uma submissão à conjuntura do momento criada pelo repúdio dos evangélicos?

Uma submissão aparente!!!

Aparente porque a CNBB mandou o seu *Imprimatur* e a SBB o aceitou e o tem estampado numa edição especial do Novo Testamento.

Assim, de qualquer forma, a hierarquia romana e a SBB lançaram o “seu” Novo Testamento.

Traduzido ou não! Revisto ou não! O fato é que se consumou a perfídia amplamente aceita nos redutos evangélicos, mesmo entre aqueles refratários à tradução ou revisão anteriormente proposta.

Nessas condições a CNBB saiu-se amplamente vitoriosa. E mui vitoriosa também porque os evangélicos aceitaram o seu envolvimento... Aceitaram serem amaciados.

E, acreditando haver recuado a SBB, continuam emprestando-lhe larga confiança e fornecendo-lhe suas contribuições financeiras. O Novo Testamento sacramentado com o *Imprimatur* apareceu na ribalta ecumenizante sob o estrugir das ovações daqueles mesmos que repeliram a tradução conjunta.

Outro aspecto dessa obra de diluição das resistências da opinião pública evangélica do Brasil está exatamente na declaração insistente

dos diretores da SBB de sua posição independente do movimento ecumênico.

Sabem eles que os grupos evangélicos empenhados na conquista de almas para Cristo repelem o ecumenismo. Evangelização e ecumenismo são posições opostas e irreconciliáveis...

Nesse caso -- é o que se está fazendo -- conquanto se neguem compromissos e vinculações com o movimento ecumênico, age-se amplamente de acordo com as normas de sua ação.

O lançamento do Novo Testamento autenticado com o *Imprimatur*, além de preparar o terreno para a vindoura Bíblia Ecumênica, já faz parte da ação programada pelo movimento ecumenista.

Qualquer pessoa de juízo normal percebe isso.

Mas, na já mencionada circular de 15 de Fevereiro de 1968, a SBB declara: "O trabalho de tradução conjunta do Novo Testamento, de cuja possibilidade se cogita, não tem qualquer objetivo ecumênico. Ecumenismo não faz parte das finalidades da SBB.

A SBB e as Sociedades Bíblicas Unidas (entidade mundial que congrega 35 Sociedades Bíblicas) não participam do Concílio Mundial de Igrejas, não estão a ele subordinadas e também não exercem sobre ele autoridade nenhuma, nem sofrem dele nenhum controle, aliás, de acordo com o Art. 3, § 1 do seu Estatuto que declara: "Para atingir o seu objetivo, a Sociedade se empenhará na obra de traduzir, revisar e distribuir as Escrituras Sagradas, com os seus próprios meios e em cooperação com pessoas físicas ou jurídicas, bem como organizações cristãs, recomendadas pela Diretoria" (Alíneas A e B).

Aliás, no manifesto de Oaxtepec, México, a Conferência Regional das Sociedades Bíblicas, ao sabor da artimanha ecumenista, declarou a mesma coisa, conforme já consideramos anteriormente: "Está tão fora de seu propósito participar no diálogo ecumênico como o de legislar sobre o método do batismo cristão".

O subterfúgio é a espinha dorsal das Sociedades Bíblicas atreladas na máquina ecumênica, pois importa a fim de melhor atender os seus objetivos nesse sentido, ludibriar o povo evangélico.

A essa declaração apresentamos as seguintes ponderações que demonstram à sociedade o envolvimento da SBB na ação ecumênica como ocorre com as suas co-irmãs:

1) -- Se consciente da posição da Bíblia na dogmática romana pós-conciliar teria rejeitado de imediato quaisquer propostas de parceria por parte do clero para a tradução ou divulgação da Bíblia, ou porção dela, pois **"porventura, andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?"** (Amós 3:3).

As Sociedades Bíblicas concordam com a dogmática romana que considera a Sagrada Escritura como Fonte de Revelação secundária e

incompleta ao admitir também a Tradição e o Magistério Eclesiástico como Fontes de Revelação Divina?

Se se acomodam é porque se entendem...

2) -- De fato, nenhuma Sociedade Bíblica participa como membro do Concílio Mundial de Igrejas, pois não é Igreja. E o Concílio é composto só de Igrejas. Do seu rol de membros estão ausentes todas as Sociedades Bíblicas e quaisquer outras organizações.

3) -- Os diretores das Sociedades Bíblicas Unidas, como o metodista Laton E. Holmgren, presidente do seu Comitê Executivo, e muitos das Sociedades Bíblicas nacionais, como o referido senhor, secretário geral da Sociedade Bíblica Americana, pertencem a Igrejas filiadas àquele Concílio. É evidente que, ao gerir essas instituições, eles, quais agentes do inimigo, se norteiam pelas táticas ecumenistas numa autêntica conspirata interna.

4) -- Aliás, são eles simpatizantes e cooperantes daquele Concílio e jamais nenhum deles levantou a voz em testemunho de sua fidelidade à Bíblia em face das afrontas contra elas assacadas pelo Concílio ecumenista que, em sua assembléia de Upsália, em Julho de 1968, chegou ao desplante de recomendar para as reuniões ecumênicas: "Devemos escolher textos bíblicos que evitem as passagens que possam dar lugar a polêmicas" (item IV, letra c). Se se pretende controlar a leitura da Bíblia, quanto mais não quererá controlar o seu exame!

5) -- O clérigo Abbott, embora jesuíta, tem, pela clareza dos seus pronunciamentos, sido bem mais honesto do que os líderes das Sociedades Bíblicas. Ele, como membro destacado do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, o órgão destinado à aplicação das normas ecumênicas pelo Vaticano, abriu francamente o jogo e rasgadamente fala dos objetivos ecumênicos de suas atividades junto dessas instituições. E quanto à SBB em particular, Walter Abbott, ao se empenhar pela Bíblia Ecumênica em língua portuguesa, enviou à CNBB as **NORMAS PARA A COOPERAÇÃO INTERCONFSSIONAL NA TRADUÇÃO DA BÍBLIA**. Ao lume dessas diretrizes ecumênicas é que a CNBB assedia a SBB.

6) -- É verdade que as Sociedades Bíblicas não se vinculam ao Concílio Mundial de Igrejas. A sua ação ecumênica, porém, está muito mais adiantada do que a das igrejas filiadas ao Concílio porque elas se entrosaram e se afinaram com o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, que, em matéria de ecumenismo, opera com muito mais intensidade e afinco do que o Concílio Mundial de Igrejas.

As Sociedades Bíblicas não estão vinculadas ao Concílio Mundial de Igrejas! Mas, quanto ao seu comprometimento com o ecumenismo, a sua situação é mais grave do que se lhe estivessem filiadas. São dependentes do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, que é o

órgão promotor do ecumenismo por parte do Vaticano. As Sociedades Bíblicas, numa subserviência total, se puseram a seu serviço. Capitularam diante das investidas daquele órgão vaticano. Deixaram-se por ele encabrestar...

Tanto o envolvimento da SBB se enquadra na ação ecumênica do Vaticano, embora com negativas os seus diretores queiram manter ludibriados os evangélicos desacompanhados, que a Revista Eclesiástica Brasileira, em seu volume nº XXVIII, fascículo 1, Março 1968, p. 199, ressalta, dentre os primeiros passos ecumênicos no Brasil, o lançamento do Novo Testamento da SBB com o *Imprimatur*.

7) -- Se, de acordo com o seu Estatuto (Art. 3, § 1), a SBB aceita a cooperação de organizações cristãs, recomendadas pela Diretoria, ao aceitar a cooperação da hierarquia romana é porque reconhece no catolicismo uma área do Cristianismo. E exatamente isso é ecumenismo. E evangelizar os católicos, portanto, é proselitismo. Neste particular, a SBB também se afina com a I Regional do Oaxtepec, México, quando se decidiu: "Dada a possibilidade, poderão os católicos romanos ser incluídos nas juntas administrativas". Evidentemente dessas Sociedades participantes do conclave, inclusive a do Brasil.

8) -- As três circulares da SBB expedidas no primeiro semestre de 1968, sobre o assunto da tradução conjunta do Novo Testamento e que tenho em mãos, pelas suas tergiversações, revelam os compromissos ecumenizantes assumidos pelos seus diretores com a hierarquia autodeificada.

9) -- Sem ser futurólogo, asseguro que oportunamente a SBB, em conluio com o clero romano, lançará a Bíblia Ecumênica acrescentada dos livros apócrifos e notas explicativas, conforme requer a *Dei Verbum* (§ 24), e sacramentada com o *Imprimatur*, chegando assim às últimas conseqüências de sua franca, decidida e decisiva ajuda à ação ecumênica do Vaticano deflagrada para reprimir o impulso evangelístico dos crentes. Aliás, em nota de esclarecimentos à imprensa, a SBB, na alínea 3, destaca: "Esse trabalho conjunto de tradução das Escrituras Sagradas, já vem sendo realizado em mais de 35 países, com apreciável aceitação, e proporcionando reconhecido incremento na divulgação da Palavra de Deus". Além da recomendação da sua matriz, ela tem o exemplo de suas co-irmãs que já atingiram o clímax da traição à Bíblia. O "reconhecido incremento na divulgação da Palavra de Deus" fica por conta da demagogia para iludir os incautos.

Essas razões que fundamentam minha assertiva no sentido de que a SBB caminha decidida para atender as diretrizes vaticanas quanto ao lançamento da Bíblia Ecumênica se valorizam mais ainda com a seguinte constatação estarrecedora:

Em sua circular “Rio de Janeiro, 1968”, com o fac-símile da assinatura de Benjamim Moraes, então presidente da SBB, esta notícia:

“1. Cumprindo determinação da Diretoria da SBB, reuniu-se a 20 de Maio do corrente, a Comissão Paritária, composta de quatro ministros evangélicos e quatro sacerdotes católicos, para estudar a possibilidade de uma revisão conjunta do Novo Testamento, tendo por base a fidelidade absoluta aos textos gregos originais.

2. Os estudos duraram algumas horas, suspendendo-se os trabalhos às 18 horas do mesmo dia da instalação.

3. Alguns dias depois, a SBB recebeu ofício assinado por todos os membros católicos da referida Comissão, dizendo que aceitavam o texto de João Ferreira de Almeida, tal como foi revisto e atualizado pela SBB.

4. À vista deste fato, sumamente auspicioso para a Sociedade, a Comissão Paritária não voltou a reunir-se, considerando-se encerrados os trabalhos.

5. A SBB registra sinceros agradecimentos ao evangelismo nacional pelo amor que tem demonstrado sobejamente aos trabalhos desta Sociedade, aumentando, este ano, extraordinariamente suas ofertas à nobre Causa sintetizada no nosso lema: Dar a Bíblia à Pátria”.

Em confronto com essa circular lacônica distribuída para informar -- ou desinformar? -- os evangélicos do nosso País, verificamos como a CNBB, através do Boletim Telepax, nº 141, científica o clero romano: “No dia 20 de Maio deste ano, reuniu-se a SBB, sob a presidência de Dom José Gonçalves da Costa, Secretário-Geral da CNBB, e do rev. Ewaldo Alves, Secretário-Geral da SBB, com a presença de assessores, observadores e convidados, a Comissão Paritária Nacional (quatro evangélicos e quatro católicos), com o fito de estabelecer os PRINCÍPIOS orientadores para a edição conjunta do Novo Testamento, para uso de todos os católicos e evangélicos do Brasil. De manhã os representantes de cada parte se reuniram separadamente para estabelecerem a própria posição. À tarde houve reunião de todos para trocarem idéias em torno dos princípios que nortearão as futuras edições conjuntas do Novo Testamento. As perguntas estudadas e respondidas foram estas:

1ª pergunta: É possível uma revisão-conjunta ou uma tradução-conjunta do Novo Testamento, preparada paritariamente por evangélicos e católicos, para uso de todos os cristãos do Brasil? A resposta foi afirmativa.

À 2ª pergunta: Entre as duas possibilidades -- de uma revisão conjunta ou de uma tradução conjunta -- que se deve fazer primeiro: rever um texto evangélico ou católico já existente, ou traduzir diretamente dos originais, conjuntamente, um novo texto? Respondeu-se unanimemente que era melhor começar por uma revisão conjunta de algum texto já existente.

3ª pergunta: Deve-se começar logo também uma nova tradução dos originais? Respondeu a Comissão Paritária que no momento não há condições para tal tradução nova dos originais e expressou o desejo de que tal tradução seja logo iniciada, assim que as circunstâncias o permitam.

4ª pergunta: Dado que a Comissão Paritária, unanimemente, aprova a proposta de uma revisão imediata, de algum texto já existente, a partir de que texto deve ser feita tal revisão? Depois de longa troca de idéias, pesadas as vantagens e as desvantagens, a Comissão Paritária, por sete votos contra um (favorável, mas com reservas) decidiu que se tome como texto-base o atual texto do Novo Testamento que está sendo distribuído pela SBB (a Bíblia traduzida por Ferreira de Almeida). Há novos encontros previstos, para tratar da revisão e edição definitiva do Novo Testamento”.

Ao cotejarmos esses dois documentos verificamos sobretudo o seguinte:

A) -- A SBB informa o já repetido em outras circulares anteriores: A Comissão Paritária se reuniu “para estudar a possibilidade de uma revisão conjunta do Novo Testamento”. A CNBB esclarece: A referida reunião de 20 de Maio de 1968, aconteceu “com o fito de estabelecer princípios orientadores para a edição conjunta do Novo Testamento”.

B) -- Pela alínea 4 da circular da SBB conclui-se que os trabalhos da Comissão Paritária foram encerrados tendo em vista o pleno êxito das demarches com a aceitação por parte da aristocracia clerical da versão João Ferreira de Almeida a que ofereceu a pública chancela do seu *Imprimatur*. Assim crêem os evangélicos para quem o assunto está definitivamente encerrado. A CNBB, porém, comunica que na reunião da tarde trocaram idéias “em torno dos princípios que nortearão as futuras edições conjuntas do Novo Testamento”.

O Boletim da CNBB, aliás, arremata o seu comunicado de maneira clara quanto aos encontros futuros da Comissão Paritária.

Saliente-se, outrossim, esta observação: A SBB insiste no subterfúgio do termo possibilidade, enquanto a CNBB, na verdadeira dimensão dos fatos e objetivos ressalta o vocábulo PRINCÍPIOS.

C) -- Pelas respostas às quatro perguntas, constata-se que efetivamente o *Imprimatur* na versão de Almeida é o primeiro passo na meta colimada por ambas as instituições.

D) -- A 3ª pergunta com a ressalva: “Assim que as circunstâncias o permitam”, respondida positiva e afirmativamente, deve ser meditada no objetivo de colocar prevenidos os evangélicos.

Da versão ecumênica do Novo Testamento à Bíblia Conjunta livre estará de percalços o caminho da rendição total da SBB ao Vaticano.

Com efeito, o Novo Testamento na SBB sacramentado com o *Imprimatur* romanista foi lançado como parte da arrancada pró Bíblia Ecumênica.

O outro passo -- e gigantesco passo -- aconteceu com a divulgação da obra cognominada A BÍBLIA NA LINGUAGEM DE HOJE em Julho de 1973 da qual 80.000 exemplares receberam a água benta do *Imprimatur*.

O que o clero católico pagou à SBB para que esta se sujeitasse a semelhante chancela oficial?

Jacta-se a SBB de haver-se esgotado essa edição de uma tiragem de 200.000 exemplares em poucos meses.

Teve ela a eficientíssima colaboração dos padres na rápida divulgação da obra além de favorável à sua hierarquiologia e à ação ecumênica.

Sob o prisma da programática ecumenista, a LH (são as siglas por nós adotadas para a “Bíblia na Linguagem de Hoje — Novo Testamento”) favorece a valiosíssima contribuição de dissolvente de barreiras e de oposições.

A sua 2ª Edição persiste em conservar quase todos os erros da 1ª. As pequenas e superficiais modificações havidas não a desviaram da rota para que foi engendrada. Continua o seu papel de amaciamento nas esferas evangélicas.

Daqui a pouco a SBB contará com mais apoio para o Velho Testamento em “linguagem de hoje”.

E, a seguir, a Bíblia Ecumênica terá sua oportunidade de subir à ribalta da apostasia sob a aprovação geral.

O nosso povo evangélico acostumou-se à postura de anjo de boca-de-cofre dos templos romanos. A tudo inclina a cabeça a dizer amém. Perdeu o espírito de observação e de crítica. Aceita tudo com uma passividade impressionante.

E os maus se valem dessa submissão.

Basta um “cartola” abrir a boca e despejar um enxurro de sandices e os aplausos estrugem e os meneios de cabeça aprovam.

Diz-se que a LH facilita a compreensão da Revelação Divina e é, por isso, ótimo fator evangelístico. Pronto! A turma sem maiores exames aceita.

E, aceitando, as barreiras se deterioram em prol do avanço do ecumenismo, sinônimo de apostasia.

A LH demonstra outra vez que o atrevimento dos ecumenistas cresce e se impõe com a omissão dos crentes sinceros.

Avacalhada a Bíblia com a LH o que faltará para a Bíblia Ecumênica?

.oOo.

6

QUEM LUCRA COM A COOPERAÇÃO DOS PADRES?

ENCONTREI-O ENTUSIASMADO com a LH. Saltitante no seu corpo coberto de bela roupa, a gesticular com as mãos bem tratadas e a riscar exclamações no ar com os seus dedos iluminados de bonitos anéis.

Olhando para as prateleiras da livraria entulhadas de cópias da LH, como um juiz indefectível, o Pascácio Diplomata da Simplicidade sentenciava:

-- É o zênite da glória. É o supra-sumo da perfeição. Esse Novo Testamento em linguagem atual é o máximo para se evangelizar. Qualquer semi-analfabeto o entende.

-- Ó mocinha, quero levar cinco! Pode embrulhar. Quero evangelizar uma empregada lá de casa. (Ela acaba de concluir o Mobral, sabe?). Dois vizinhos e mandar um para a cunhada que mora na roça. (A cunhada dela, da empregada, já se vê). E outro fica comigo. Vou me deliciar com essa leitura.

Mas, quando a mocinha, pacote embrulhado, apresentou-lhe a nota com o preço, o saltitante Pascácio se arrepiou de susto e arrepiou a carreira do negócio.

-- Não pensei que fosse tão caro. Já que vocês não vendem fiado, doutra vez eu levo.

E toca a mocinha a desfazer o pacote e a repor os volumes na prateleira.

O Pascácio Diplomata da Simplicidade, falante que só ele, macio, maneiroso, pediu mil escusas à balconista da livraria, chamando-a de “meu benzinho” e prometendo-lhe uma lembrancinha. Se é diplomata até no nome, faz questão de sustentar sua imagem com muito brilho.

Concorda com todo o mundo, contanto que sua digníssima pessoa seja sempre apreciada.

Colocou-me nos ombros a mão direita e cochichou em meu ouvido:

-- Desculpe-me! Quero-lhe muito bem. O dr. é muito culto. Muito inteligente. Aprecio-o grandemente. Sou crente há mais de 40 anos e conheço muito bem o povo evangélico e, de modo particular, os batistas. Aceita um conselhinho deste seu servo e amigo? Não é por mal! Quer ser mais apreciado? Deixe de se referir ao pecado, à idolatria e aos erros religiosos. Ninguém ganha nada em ser palmatória do mundo. Elogie todo o mundo. Espalhe sorrisos. Concorde sempre...

Surpreendeu-me o conselho intempestivo. Enrubeci-me. Sufocou-se-me a voz na garganta. Desvencilhei-me de sua mão direita e olhei-o fixo.

Num gesto demagogo, deu meia-volta e se passou para o outro lado e descançou o seu braço esquerdo sobre meus ombros e, cara bezuntada de pieguice, continuou:

-- Pois é! Ser palmatória do mundo! O que é que se ganha? Nada! Absolutamente nada, meu amigo! Perde-se! Perde-se muito! Perde-se a oportunidade de se fazerem novos amigos. Espantam-se as pessoas. Cá pra mim. Sou crente. E crente muito cooperador. Mas acho, cá com os meus pensamentos, as minhas idéias, que Jesus Cristo teria feito muito mais se não tivesse querido ser palmatória do mundo. Teria vivido muito mais tempo e nós teríamos ganhado muitos outros sermões. É um pensamento meu. Não se escandalize. Não o digo a toda gente porque há pessoas que se horrorizariam. São uns fracos. Sou pastor de uma igreja. Ganho bom salário. Tenho casa boa, um belo carro. Minha mulher tem lá o dela. A igreja me dá as despesas dos dois carros. Ocupo cargos na denominação. Por que vou perder tudo isso? Lá na minha igreja faço que não vejo muita coisa. Elogio todos e a todos desculpo. Nas minhas pregações nada de ataques, nada de advertências, nada de exortações severas. Porque a leitura de certos textos bíblicos? Se se acha que magoa alguém, deixa-se pra lá...

E o Pascácio Diplomata da Simplicidade continuou a exhibir a sua estrambótica e cômoda filosofia.

Depois derivou-se para a LH.

-- Veja aquela obra! A Bíblia na Linguagem de Hoje. Bela! Humana! Sim, humana porque os semianalfabetos a entendem. Por que não a fizeram há mais tempo?

O vocabulário do rev. Pascácio em torno da LH se limitou aos adjetivos laudatórios: perfeito, belo, maravilhoso, notável. O seu argumento se cingia a adjetivar a obra da SBB.

-- Veja só! Outra beleza da SBB. Ela é orientada por gente hábil, diplomata. No passado os padres perseguiam a Bíblia e queimavam suas cópias. Os evangélicos eram sempre humilhados. Até seus filhos tinham problemas nas escolas. Hoje não. Os evangélicos ocupam as cátedras de ensino. Muitos são funcionários públicos graduados. Temos até

deputados. Mas, a SBB foi se aproximando dos bispos, dos arcebispos. Até dos cardeais. Seus representantes visitavam cordialmente um bispo. Em solenidades importantes ofereciam a Bíblia a um cardeal... E os padres foram se amaciando. Isto não é ecumenismo. Desculpe-me, o senhor entende muito de ecumenismo. Mais do que eu. Mas, acho que isso não é ecumenismo, não. Agora, os padres estão aprovando a Bíblia que eles, no passado, perseguiram. Isso não é maravilhoso? E mais! Os bispos até deram o Imprimatur ao Novo Testamento que eles mandavam queimar. Que maravilha! O senhor não acha? E ainda mais. Agora os padres estão divulgando a Bíblia da SBB. Noutro dia um padre, veja, um padre só, comprou da SBB três mil exemplares da LH para vendê-los aos seus fiéis. Isso tudo é por Deus, o senhor não acha? As portas nos abrem de todos os lados. Os padres, que, até há pouco, queimavam a Bíblia, agora nos ajudam a distribuí-la...

E o rev. Pascácio Diplomata da Simplicidade continuaria a despejar pascacices se não o interrompesse:

-- Rev., com licença! Deixe-me falar. Acabe com esse monólogo! O rev. monopolizou a conversa. Quero porque preciso falar.

Assustou-se o cidadão com a minha energia. Arregalou os olhos. Arredou um passo. Supunha que se fosse. Cruzou os braços em posição de quem quer ouvir.

-- Rev. Pascácio, V. S. faz do ministério uma carreira política. De político demagogo. V. S. só olha seu bem-estar material. Pague-lhe a igreja um bom salário e o resto que se afunde na miséria. Jesus Cristo, sr. Diplomata, jamais foi "diplomata" por ser sincero, honesto. João Batista cumpriu a sua missão de maneira digna. Nunca foi capacho de ninguém. Por isso foi o valoroso precursor de Jesus. Paulo Apóstolo ainda não foi superado como evangelista e como defensor do Evangelho. Rev. Pascácio, suas convicções não suportam um sopro de apagar vela de aniversário. Por não ter espinha dorsal, amolda-se a qualquer situação. V. S. é como líquido. Toma a forma de qualquer vaso.

Compadeci-me do moço. Olhos esbugalhados, um sorriso amarelo (amarelo? — sorriso tem cor?) nos lábios trêmulos, balbuciou:

-- O sr. está me agravando?

-- Estou, sim! Ouvi-o calado! V. S. despejou as piores sandices. Agora, continue a ouvir. E limite-se a responder minhas perguntas se as fizer. Sei que minhas palavras de nada lhe valerão porque sua consciência de ganancioso está cauterizada. Só o seu conforto, a sua posição, a fofice das suas banhas é que lhe interessam. Falo-lhe porque V. S. deve saber que nem todo o mundo é sonso e o aceita apesar de sua diplomacia de reles demagogo. Sabe quantos milhões de exemplares da Bíblia a SBB já distribui aqui no Brasil?

Revelou ignorar.

-- 115 milhões, rev. Pascácio! Cento e quinze milhões. E qual é a população do Brasil?

-- É por aí. Entre 110 e 120 milhões, respondeu.

-- Então, a BBB espalhou uma média de 1 exemplar da Bíblia para cada patricio. Não é?

-- Sim, sr., balbuciou o Diplomata da Simplicidade.

-- E V. S. acha que essa distribuição fartíssima das Escrituras produziu a conversão de muitas almas? V. S. supõe que a moralidade pública está melhor? Ou estacionou no que era há dez anos passados? Ou piorou?

-- Piorou. E muito, afirmou. Quis estender-se em considerações sobre a atual decadência moral. Interceptei-lhe a loquacidade. Sei que o rev. Pascácio é maneiroso. Sua máxima preocupação é a imagem de sua pessoa. Supôs uma oportunidade de concordar comigo com o propósito de desfazer a má impressão que dele tivera como resultado de sua palavra anterior.

-- Está bem! O mundo está podríssimo. Mas, a Bíblia não é o Poder de Deus? Se o povo a lê, pois suas cópias se espalham à farta, por que cada vez mais se corrompe? O que está faltando? Ou a Bíblia não é mais aquele Poder de Deus? Ou ela não é mais aquele martelo que esmiúça a penha? Ou a Palavra de Deus agora volta vazia para o Senhor? Será que a Palavra de Deus passou?

Coitado do rev. Pascácio! Sua barriga redonda tremia ao ritmo dos lábios trêmulos. Dos cantos da boca corria a baba branca...

-- Rev., pense nessas perguntas e quando quiser dê-me a resposta se encontrá-la. Até num passado recente os padres queimavam a Bíblia. Perseguiam seus pregadores. Agora eles se entrosaram com a SBB. Isso não é ecumenismo? Rev. Pascácio, de ação ecumenista V. S. entende tanto como um chinês analfabeto entende dos Lusíadas de Camões. É evidente que o atual comportamento do clero romano está enquadrado no contexto ecumênico.

Repeti-lhe a estória do macaco que se valeu das patinhas do bichano para tirar da chapa do fogão as apetitosas castanhas.

-- O clero romanista não mudaria de atitude a não ser por conveniência própria, por interesse próprio. Quem ganha com essa aproximação são os padres. Sabe, rev. Pascácio, se eu ainda fosse padre, não distribuiria apenas 8 mil exemplares da LH. Distribuiria 3 milhões. TRÊS MILHÕES! Essa divulgação interessa-lhes. Dou-lhe só uma demonstração.

Apanhei da prateleira da livraria um exemplar da LH. Abriu-o em Mateus 16:18.

-- Leia, por gentileza!

As mãos trêmulas do Pascácio Diplomata da Simplicidade mal podiam sustentar o volume. E, gaguejante de emoção, leu: “Portanto eu afirmo: Pedro, você é uma pedra, e sobre esta pedra fundamental construirei a minha Igreja”.

-- Veja!, prossegui. O grego original não autoriza essa tradução. É uma paráfrase. É muito do sabor romanista. Do teor papista. Ouvi um sacerdote dizendo que agora os protestantes já reconhecem ser Pedro a pedra fundamental da Igreja e baseava sua assertiva lendo esse versículo na LH. Rev. Pascácio, só aceitam e aplaudem a LH pessoas como V. S.. Quem tem um pingão de senso e de dignidade em suas convicções rejeita essa blasfêmia. Se eu fosse padre, -- e como padre era docílimo ao papa -- só por causa desse verso, divulgaria ao máximo a LH. Ah, sei que na 2ª edição a SBB mudou a frase. Ela sofreu a pressão dos evangélicos ajuizados. O mal, todavia, já está feito. Os 200 mil exemplares da 1ª edição se esgotaram rapidamente porque os padres os espalharam quanto puderam para desmoralizar a ênfase evangélica quanto ao ser Jesus Cristo o único fundamento da Igreja. Aconteceu com a SBB o mesmo que ocorreu com Eva. Foi na conversa do diabo e apostatou.

Não pude prosseguir porque o rev. Pascácio Diplomata da Simplicidade sofreu tremenda crise de dor-de-barriga que, bufando, correu ao banheiro...

E até hoje não respondeu a minha pergunta!

.oOo.

7

RESPOSTA À PERGUNTA

QUAL FOI MESMO a pergunta?

Recordemo-la!

Em seu boletim informativo de Agosto de 1975, a SBB noticia que, ao longo dos seus 27 anos de operação aqui no Brasil, distribuiu 115 milhões de cópias da Bíblia. Considera o fato um magnífico ministério.

Além dessa ampla divulgação feita pela SBB, a Imprensa Bíblica Brasileira, mais antiga do que a primeira, tem também disseminado

exemplares das Escrituras. Os testemunhas de Jeová fazem o mesmo. As editoras católicas se afanam em idêntico trabalho.

Se todas as outras publicadoras da Bíblia (Imprensa Bíblica Brasileira, a dos jeovitas, todas as católicas) todas juntas fizeram o que a SBB fez -- como é de se imaginar, pois os russelitas e as freiras vão de porta em porta -- nestas três últimas décadas, aqui no Brasil, foram distribuídos 230 milhões de cópias das Escrituras. Dois exemplares para cada patricio.

ua pena, se é lâmpada, se é o instrumento do Espírito Santo para a regeneração do pecador, se a Bíblia é tudo isso **POR QUE A MORALIDADE PÚBLICA É TÃO BAIXA?**

Por que o povo recusa como obsoletos e antiquados os padrões morais que fazem a dignidade do ser humano?

Por que a depravação dos costumes? Por que a toxicomania? O homossexualismo? O amor livre? O despudor? As injustiças? O ódio? O desrespeito à propriedade alheia? A ambição desmedida? O luxo desenfreado? A fome? A indolência? O suborno?

Por que esta coincidência? Tantos exemplares da Bíblia distribuídos e tão trágica decadência do Homem?

Porquê?

É só abrir os olhos. Apurar os ouvidos. Auscultar com um mínimo de inteligência os sinais contemporâneos do clima, do ambiente, das Igrejas Evangélicas.

O rev. Ivan Espindola de Ávila, sob a epígrafe: “AVACALHAÇÃO”, publicou em “Ultimato” de Março de 1971, um magnífico e oportuno artigo. E, com muita propriedade, dizia: “Chega-se à nostálgica conclusão de que há, presentemente, mais do que nunca, o propósito de ridicularizar tudo o que é sério, tudo o que é sagrado. Para conseguir isso, todos os veículos de comunicação, e como são excelentes, são usados impunemente, sacrilegamente. Assistir alguns momentos de TV, nos horários chamados nobres, nos programas conhecidos como campeões de audiência, é expor-se, no fenômeno da massificação, a verdadeiro caudal de irreverência e de aleivosias. A enxurrada é insopitável. E os objetivos, magnificamente colimados. A coisa dá mesmo para pensar.”

Alude, em prosseguimento, à caricaturização de Jesus Cristo e à ridicularização de músicas imortais como “Jesus, Alegria dos Homens” e o “Aleluia” de Handel, nas propagandas comerciais e nos deboches de programas de auditório da TV. Revela sua justa tristeza com o achincalhe a que expôs o ministério de Pastor certo indivíduo cobiçoso de um prêmio num desses programas.

A avacalhão, é verdade, se generalizou a conspurcar inclusive o Nome Sacratíssimo de Jesus Cristo.

O rev. Espíndola de Ávila observou bem o pormenor de que a avacalhação parte do “mundo para a igreja. Da igreja para o mundo.”

As próprias igrejas avacalham porque se avacalham. O rev. Espíndola de Ávila tem toda razão.

Agora, o mesmo rev. Ivan Espíndola de Ávila omitiu-se. Desculpe-me! Omitiu-se ao deixar de mencionar a SBB, que lhe é bem e profundamente conhecida como funcionário categorizado dela que é.

Omitiu-se o rev. porque a SBB, em que pese o seu lema “DAR A BÍBLIA À PÁTRIA”, a SBB está avacalhando a Bíblia.

Avacalha-a por três motivos:

PRIMEIRO: Ao atender o seu propósito de “dar a Bíblia à Pátria”, ela se limita a comercializar a Bíblia. A vender os seus exemplares. O rev. Sambalate Contraprosa e Sempreatrasado assegura que a SBB, ao apresentar a sua Bíblia atualizada e revisada e agora a LH, quis realizar um grande negócio comercial.

Deflagra a propaganda, excita a curiosidade. “E os evangélicos compram pra ver como é”. E daí os lucros certos.

A SBB espalha a Bíblia, porém, não estimula a sua leitura e o seu estudo.

Limita-se a dar o volume fechado.

E o que vale ter esse volume, embora em si mesmo valioso, se permanecer fechado?

Assim avacalha a Bíblia tornando-a um livro banal. Que só serve para enfeitar uma mesa ou preencher uma vaga da estante.

SEGUNDO: O seu acomodamento com os padres. O supremo interesse deles, que no passado inutilizaram tantas cópias da Bíblia nas fogueiras da Inquisição, o supremo interesse deles hoje é avacalhar diante do povo o Livro Santo. Deste eles gostam de retirar versículos do contexto e, com uma esdrúxula interpretação, constroem seus dogmas absurdos e antibíblicos.

Ao massificar a Bíblia os padres querem banalizá-la. Inferiorizá-la aos olhos do povo. Nivelá-la ao plano de qualquer outro livro.

E eles conseguem. No passado, a Bíblia era o livro respeitado. Hoje, quem o considera? Muitos crentes se servem dele para guardar bilhetes de namorado e notas de dinheiro.

TERCEIRO: A LH que é uma paródia. Ao invés de facilitar a compreensão do texto sacrossanto o expõe ao ridículo.

A LH avacalha a Bíblia.

Eis aí a resposta para minha insistente pergunta.

A Bíblia não produz os seus resultados porque a Bíblia também foi avacalhada.

Massificada, avacalharam-na.

Tornada artigo altamente rentável, avacalharam-na.

Vendida pelas freiras, avacalharam-na.

Usada nos centros espíritas e nos terreiros de macumba, avacalharam-na.

Espalhada pelos evangélicos que não a estudam e não a vivem, avacalharam-na.

Avacalhada, a Bíblia foi desmoralizada.

Fizeram com a Bíblia o mesmo que os judeus fizeram contra Jesus. Disseram que Ele era louco, um vulgar comilão, um homem pecador, um qualquer, um reles sublevador do populacho, assim um indivíduo sem classificação, um igual a todo o mundo. Quiseram massificá-lo ao nívelá-lo a todos os vulgares para diminuí-lo e desmoralizá-lo.

Hoje, contra a Bíblia, Palavra de Deus, o diabo, através de seus ministros faz a mesma coisa.

.oOo.

8

LINGUAGEM DE HOJE!!!

ESTES DIAS se caracterizam pela avacalhação de tudo. E a maioria das pessoas também se avacalha porque deseja a simpatia dos outros.

Então, só o que é atual, de HOJE, é válido.

O passado é “quadrado”.

O cidadão com 40 anos está velho, é “quadrado”. E, se procurar emprego, batem-lhe a porta na cara. Só os jovens têm vez. Os de HOJE.

Só as normas didáticas de HOJE são as boas. As de antanho eram “quadradas”. São superadas. Obsoletas. O tempo as venceu...

Os princípios morais, o pudor, a virgindade, o respeito ao matrimônio, a fidelidade à palavra dada, tudo isso é do passado. São tabús dos velhos, dos “quadrados”.

HOJE, a mocinha de calça esporte, unissex, senta-se de qualquer jeito. Sem dignidade. Sem respeito próprio...

HOJE, a mulher grávida, de 8 meses, vai de tanga à praia. Sai de calça comprida bem agarrada, de mini-blusa, com o umbigo de fora...

HOJE, toma-se emprestado e não se devolve. Compra-se a fiado e caloteia-se...

HOJE é preciso ter automóvel e trocá-lo cada ano. TV a cores. Roupas sempre na moda. Porque é preciso com essas coisas conseguir prestígio e sustentá-lo.

HOJE procura-se emprego. E emprego que dá o maior ordenado. Serviço, não! Responsabilidade e cumprimento das obrigações no trabalho, não!

HOJE o rapaz quer ir para a escola. Mas estudar de verdade, não!

HOJE a garota de 10 anos tira o seu cigarro, acende-o e, com toda desenvoltura, joga fumaça pra cima...

HOJE às moças tentam os rapazes...

HOJE o que a juventude vê de escândalo na TV pratica às escancaras nas ruas.

HOJE é “legal” ser mãe solteira contanto que o Estado se arrume com os recém-nascidos.

HOJE é charmoso a garota dizer que vai abortar...

HOJE são “prafrentex” o homossexualismo e o lesbianismo...

HOJE, lá na sauna, as mulheres casadas contam suas aventuras amorosas com o seu fulano de tal, um “pão”.

HOJE é elegante o cidadão conformar-se com um par de chifres bem galhudos na testa...

HOJE o papai nem quer orientar o filho e a mamãe nem se dá ao trabalho de repreendê-lo.

HOJE é a era das viagens interplanetárias, da TV, do telefone discagem direta à distância, do avião a jato, da pílula anticoncepcional.

HOJE significa o sepultamento de todos os princípios sadios, da dignidade humana, da honra, da virtude...

HOJE -- é quase uma tautologia mencionar-se! -- a degradação absoluta do Homem. Somos centauros modernos: metade homem, metade máquina...

HOJE é sinônimo de preteritoclastia, ou seja a destruição absoluta do passado.

HOJE significa degradação e é preciso destruir todo o passado -- porque o passado nos lembra normas: controle, domínio próprio, nobreza de alma...

HOJE quer dizer uma situação de esquizofrenia social em que tudo está desagregado. Desagregamo-nos como seres individuais e como povo. E como poderia a linguagem escapar desse fenômeno?

HOJE, enfim, quer dizer BURRICE.

BURRICE generalizada, comprovada em 1976 pelos candidatos da Mapofei que responderam terem sido Jânio Quadros, Pôncio Pilatos e El Cid grandes matemáticos que se notabilizaram durante a civilização helenística; ser o presidente da República eleito pelo papa e pelo conselho de ministros; que Getúlio Vargas construiu a vacina

siderúrgica; que o Rio Amazonas fica próximo do Porto de Vitória (ES); que esse Rio faz a ligação do S. Francisco com o Tietê; que o carvão brasileiro não é intensamente usado porque se multiplicaram as fábricas de fogão a gás; que a Zona da Mata está na fronteira do Brasil com o Oceano; que o Sertão é separado por uma cordilheira de vegetação; que Napoleão, sob ordem da Inglaterra, navegou para descobrir terras e encontrou a América; que os símbolos nacionais são a impressão digital riscada em forma de “x” do Mobral e os desenhos dos símbolos do metrô de S. Paulo e da Companhia Telefônica; que Camões fez a última flor do Lácio; que os Lusíadas contam como foi a primeira missa no Brasil.

HOJE é a BURRICE canonizada, elevada aos altares “prafrentex”...

Porque HOJE a BURRICE se elevou a trilhionésima, à infinita potência (Desculpem-me os do HOJE a menção à terminologia matemática, ignorada por eles!)

HOJE, então, é a gíria a dominar...

Por isso, HOJE nos redutos “cristãos” se sinonimiza com SECULARIZAÇÃO, MODERNISMO, NEO-UNIVERSALISMO, ECUMENISMO, PLURALISMO TEOLÓGICO, SINCRETISMO RELIGIOSO, INCLUSIVISMO e TEOLOGIA ESPECULATIVA.

HOJE É APOSTASIA...

Que se cortem as amarras do passado! Que restará do HOJE?

Que os preteritoclastas consumem a destruição total das velharias, das “quadrádices”! Perdurará o HOJE?

Havia nas rádios paulistas uma propaganda engraçada. Um indivíduo com voz esganiçada gritava: “Bota fogo nos velhos..., bota fogo nos velhos... Não, não comadre! Não é pra tocar fogo nos seus pais e nos seus avós. Toca fogo nos móveis velhos. Queima todos os móveis velhos porque a loja Tal tem novinhos e por preço muito barato...”

Bota fogo nos velhos, nos “quadrados”! Desligue-se o passado. O que restará para HOJE?

Destrua-se o alfabeto. O sal. A eletricidade. Tudo é do passado...

Destruam-se os sais minerais, as vacinas, os medicamentos descobertos nos laboratórios do passado...

Destruam-se as máquinas, o telefone, o rádio, a lâmpada. São do passado...

Destruam-se as regras da culinária. Do futebol. Do trânsito... São do passado...

HOJE o moderninho, o de agora, o dos jovens, que é “legal”. É o “prafrentex”! Joinha!!!

Destrua-se todo o passado em matéria de descobertas e de invenções como se destroem os princípios da ética e da moral. Se por serem estes tabús, por que preservar aqueles?

LINGUAGEM DE HOJE!!!

Essa linguagem de HOJE da SBB continuará, porventura, a ser de HOJE daqui a 10 anos?

A persistir na idéia do “*aggiornamento*”, da atualização da linguagem daqui a 10 anos a SBB lançará outra “tradução” (?) da Bíblia. E terá outra oportunidade de grande investimento financeiro...

A BÍBLIA NA LINGUAGEM DE HOJE!!! Que linguagem?

A linguagem dos malandros dos morros do Rio de Janeiro? Ouçamos a conversar. É um linguajar próprio.

A linguagem dos “hippies”? Dos homossexuais? Eles têm uma terminologia própria.

E porque os malandros, os “hippies”, os homossexuais, os traficantes de tóxicos têm o seu linguajar próprio, exclusivo, esotérico, a supor-se o propósito da SBB no sentido de facilitar a compreensão da Bíblia, deveria ela arranjar uma Bíblia com o linguajar próprio de cada um desses grupos.

Uma para os malandros, os arrombadores que usam o “pé de cabra”, os batedores de carteira, os vigaristas... Outra para os “hippies”. Uma para os traficantes de entorpecentes. Outra para os homossexuais...

Não têm eles alma? E se uma alma vale mais do que o mundo inteiro, por que não procurá-los e entregar-lhes uma Bíblia em sua linguagem de HOJE?

Ou a SBB é preconceituosa?

Não tem dinheiro suficiente? Isso é conversa. A SBB tem muito dinheiro. E garanto que as traduções para essas categorias de gente seriam procuradíssimas por meio mundo.

Ah! faltam-lhe recursos financeiros. Façam, contudo, um pequeno esforço. É só mexer nas suas contas bancárias. Imprima 200 mil cópias de uma tradução no vocabulário dos “hippies”, por exemplo. Anuncie. A SBB sabe fazer propaganda explorando o sentimentalismo piegas. E garanto que em três meses esgotar-se-ão todas. Assanhar-se-á a curiosidade de meio mundo para ver a novidade. A SBB auferirá elevados lucros e a Bíblia ficará mais uma vez desmoralizada.

E é certo ainda que nenhum “hippie” se converterá com essa leitura...

A BÍBLIA NA LINGUAGEM DE HOJE!!! Que linguagem?

Sempre houve em todos os povos duas linguagens distintas: a erudita e a popular.

Atualmente há, além do falar do povo, a linguagem mais nobre.

O importante, o fundamental, é divulgar a Bíblia em linguagem que o povo entenda. E o povo entende, embora, não use, um vocabulário mais erudito.

A BÍBLIA NA LINGUAGEM DE HOJE!!! Que linguagem?

Acaso não é esta a geração sem palavras?

Entre a sociedade e a linguagem existe profunda interação. Então, quando os “emissores” são reduzidos ao silêncio como ocorre agora quando não se tem mais tempo para conversar e ler, é praticamente impossível recuperar o poder demiúrgico da linguagem sem que se descubra previamente uma terapêutica adequada para a afasia social.

Aproxime-se de um jovem universitário. Fora dos assuntos banais em que usa a gíria e dos assuntos da sua escola em que usa, e mal, a terminologia própria, ele não tem vocabulário. É vazio de palavras. Sua linguagem é monossilábica.

Faltam-lhe vocabulário e expressões quando o jovem deve ser, por natureza, fluente, exuberante, rico de imagens, de cores, de sons.

Em nossas escolas -- em todas elas e de todos os níveis e graus -- o desinteresse pelo vernáculo é total. É completo o descaso pelo preparo dos alunos em área de aptidão verbal.

Falta todo e qualquer estímulo à leitura. Os exames são os mais simplistas possíveis, limitando-se a algumas perguntas que são respondidas com uma cruzinha dentro de uma chave de três indagações. São exames de adivinhação, não são provas de raciocínio. Fizeram dos vestibulares sessões de adivinhações, onde o concorrente marca com o seu “x” por palpite.

Um levantamento preparado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, vinculado ao Ministério da Educação, apurou que a maior dificuldade que os estudantes enfrentam ao estudar a matemática é a falta de compreensão dos enunciados por ignorarem português. De igual modo, um estudo sobre os vestibulares do Estado do Rio de Janeiro provou que mais de 80% -- OITENTA POR CENTO -- dos candidatos a escolas superiores não conseguem nota superior a 5 em português. E nos exames supletivos do Estado de S. Paulo, levados a efeito em 1975, o índice de reprovação em língua portuguesa foi superior a 70% -- SETENTA POR CENTO.

Alguns setores do ensino alarmados com essa pobreza vocabular e com o desprezo da sintaxe entre os estudantes sugerem a volta da redação nas escolas e nos exames, inclusive vestibulares. E a moçada do monossílabo e em vias de sistema gutural, pilheriando, pergunta: -- *É um sarro ... corta essa, bicho ... pô ... quem vai corrigi, pó?*

Já tenho feito experiências com esses jovens.

Ao abrir a boca o “cara” se restringe às expressões “*tá legal*”, “*falô*”, “*pô*”, “*poxa*”, que vai repetindo entre gestos barafustados, esgares na cara e sacudidelas de cabeça...

É a geração sem palavras!

Noutro dia estava na agência do correio da Lapa, em S. Paulo. Encostado ao balcão um rapaz alto, barbudo, pediu ao funcionário um formulário de telegrama. Riscou, rabiscou... Amassou o papel e jogou no chão sem se dar conta do cesto apropriado ali perto.

Pediu outro formulário. Tentou de novo. Fracassou. Rasgou e atirou no chão o papel.

Outro formulário -- e já o funcionária reclamou -- inutilizado.

Ao pedir o quarto, o servidor postal disse-lhe um desaforo.

Aí o “bom estampa” chegou-se a mim.

-- *Pô, minha gata, pô, corta bolo, poxa. Pô que legal um plá. Ia adorá, pô.*

Entendi seu desejo, embora não o expressasse por lhe faltarem palavras, de que lhe redigisse o telegrama.

A custo, consegui fornecer-me os dados: nome e endereço de sua namorada. Era de Belo Horizonte. Entendi-o quando me disse: “*Belô*”.

Se não me falha a memória foram estes os dizeres que escrevi: “*Gata querida vg poxa vg parabens*”.

Gingando, o indivíduo sacudiu a cabeça e, dedo polegar pra cima, agradeceu: “*Tá legal*”.

Arrisquei a pergunta:

-- *Você fez o curso primário?*

-- *Tô terminano poxa o científico!*

Precisei de um atestado médico. O meu ortopedista, por força das circunstâncias, bem jovem e recém-saído da faculdade médica:

-- *Dr., não sei fazê, pô. Escreve como quê, que eu assino, poxa. Tá legal?*

É a geração sem palavras.

Faça-se, pois, uma Bíblia para a geração sem palavras. Uma Bíblia em monossílabos para a geração UNIVERSITÁRIA sem palavras.

Marshall Mc Luhan prognostica o aparecimento para breve do “homem pós-letrado”, perdendo então a escrita a razão de ser. “A cultura literária acabou”.

O próprio sistema educacional norte-americano está criando uma geração de semi-analfabetos.

Ronald Berman, diretor do Fundo Nacional de Humanidades, acha que a decadência do inglês escrito é apenas um dos muitos sintomas de maciça “regressão aos invertebrados intelectuais” das academias americanas.

Dorothy Matthews, diretora do Departamento de Inglês de Illinois, se surpreende com a “incapacidade dos jovens para organizar com clareza os seus pensamentos”. Uma redação de um calouro de Illinois dá um testemunho claro da gravidade do problema.

Se a decadência vocabular é trágica nos EUA, nos meios universitários brasileiros é mais grave.

Por isso falar corretamente e escrever bem é contribuir para o aprimoramento do homem atual. Desse homem do HOJE DA BURRICE.

A LH é um crime contra essa humanidade falida e desgraçada. Ao invés de levar a Palavra de Deus aos espíritos sinceros, perturba-os. Faz-lhes o que fazem os conjuntos de jovens ao ritmo estridente do gíngô.

Meus familiares são muito católicos. Uma circunstância especial levou-os a assistir um culto evangélico. A pregação foi boa, apesar da falta de afirmatividade no apelo.

Mas o conjunto de jovens estragou tudo. Carregou o ambiente com uma temperatura agitada de gafeira.

Perguntou-se a um rapaz:

-- *Gostou do culto?*

-- *Entrei aqui para ver coisa diferente. Lá fora tenho isso e até melhor. Se quisesse ouvir guinchos e relinchos, iria ao "sambão".*

Os espíritos retos em busca da Verdade espiritual, os que têm palavras, se escandalizam com a LH.

Os levianos, os vazios, os desligados dos assuntos espirituais não se interessam pela leitura da LH. E se por milagre tentassem lê-la, nada entenderiam. Eles são sem palavras. E a LH tem 3 mil vocábulos diferentes. Faça-se, pois -- se se quiser atingir os redutos universitários -- uma Bíblia sem palavras. Ou os universitários sem palavra não precisam de salvação? A SBB acaso não se interessa por eles?

Os evangélicos que apreciam a LH são da estatura espiritual de um rev. Pascácio Diplomata da Simplicidade ou de um rev. Evangelino Garganta Faladepressa ou, ainda, de um rev. Sambalate Contaprosa e Sempreatrasado.

Estatura espiritual mirrada. Raquítica!

Estatura espiritual que não agüenta um sopro de apagar velinha de aniversário.

Estatura espiritual de subintelectualidade ecumenistóide.

A LH é a adrenalina da incapacidade dos comodistas e dos acomodados à secularização, que tentam um evangelismo de fachada.

A versão de Almeida, feita há 300 anos, ainda é atual. Sua bela forma é do alcance de qualquer pessoa que sabe ler. Por isso, ao longo desses 3 séculos, ela serviu a tantos genuínos pregadores do Evangelho e se constituiu no instrumento do Espírito Santo para a conversão de milhares e milhares de pecadores.

No decurso desse tempo sucederam-se vários estilos ou correntes de literatura. A obra de Almeida sempre permaneceu atual em todas as décadas.

Com efeito, aquele servo do Senhor recebeu do Espírito Santo uma iluminação especial.

Nenhuma obra literária do seu tempo é hoje facilmente entendida como a sua versão.

A versão de Almeida é sempre de hoje por ser perene.

Leia-se em Almeida e na LH o texto de Mateus 25:1-13:

LH

VA

Jesus disse:

-- Naquele dia o Reino do céu será como dez moças que pegaram as suas lamparinas e saíram para se encontrar com o noivo. Cinco eram sem juízo, e cinco ajuizadas. As moças sem juízo pegaram suas lamparinas, mas não arranjaram óleo de reserva. As outras levavam vasilhas com óleo para suas lamparinas. O noivo estava demorando, e então elas começaram a cochilar, e pegaram no sono.

-- À meia-noite ouviu-se um grito: “O noivo está chegando! Venham se encontrar com ele”!

-- Então as dez moças acordaram e acenderam as suas lamparinas. Aí as moças sem juízo, disseram às outras: “Dêem um pouco de óleo para nós, porque as nossas lamparinas estão se apagando”.

-- “De jeito nenhum” -- responderam as moças ajuizadas. -- “O óleo que temos não dá para vocês e para nós. Se querem óleo, vão comprar”!

-- Então as moças sem juízo saíram para comprar óleo, e enquanto estavam fora, o noivo chegou. As cinco moças que estavam prontas entraram com ele para a festa de casamento, e a porta se fechou.

-- Mais tarde as outras chegaram e começaram a gritar: -- “Senhor, senhor! Deixe-nos entrar”!

-- O noivo respondeu: “Eu não sei quem são vocês”!

E Jesus terminou dizendo:

-- “Portanto, fiquem vigiando, porque vocês não sabem qual será o dia nem a hora”.

Então o Reino dos Céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo.

E cinco delas eram prudentes, e cinco loucas.

As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo.

Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas.

E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram.

Mas, à meia noite ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro.

Então todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas.

E as loucas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam.

Mas, as prudentes responderam, dizendo: Não seja o caso que nos falte a nós e a vós.

E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta.

E depois chegaram também as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos.

E ele respondendo, disse: Em verdade vos digo que vos não conheço.

Vigiai pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do Homem há de Vir”.

Qualquer pessoa entende Almeida.

E qual das duas é mais nobre? Mais de acordo com as circunstâncias?

No Nordeste brasileiro o povo entende melhor “fifó” do que “lâmparina”. No caso da lâmparina a LH deveria usar querosene e não óleo.

Atos importantes, contudo, só se descrevem com linguajar nobre! E a VA tem esse mérito!

.oOo.

9

A PALAVRA DE DEUS É DIGNA DO MAIS BELO

EM SENDO PALAVRA DE DEUS, credencia-se a Bíblia ao maior respeito e ao máximo acatamento. É digna de ser revestida e apresentada com a linguagem mais bela e mais solene.

No trato com a Bíblia deve-se ter a mente de Davi ao pretender edificar **“MAGNÍFICA EM EXCELÊNCIA”** a casa do Senhor **“para nome e glória em todas as terras”** (cf. I Crônicas 22:5).

Usarem-se na Bíblia termos vulgares, em vez de um vocabulário mais elevado, constitui-se pecado de irreverência.

O JORNAL BATISTA de 9 de Dezembro de 1973 estampou um artigo do presidente da SBB, rev. David Gomes, que afirmava: “Estamos empenhados em traduzir a Bíblia em linguagem do povo, como aliás a Bíblia primitiva foi escrita em linguagem do povo: o grego do Novo Testamento era chamado o grego comum, o grego do povo comum, e isto estamos repetindo hoje”.

Destaco em caixa alta a expressão: “O GREGO DO POVO COMUM” para posteriores considerações.

Ao enfoque das palavras do rev. David Gomes a VA não está na linguagem do povo e, em consequência, a SBB precisa fazer uma especial.

Se não está na linguagem do povo como tantas gerações dos seus três séculos a entenderam? Como tanta gente aprendeu a ler nela?

Ou S. Excia. entende por povo só os modernos mobralizados?

A penetração das doutrinas comunistas, outrossim, é um fato incontestável. E, dentre elas, a do antropocentrismo, isto é, a de se colocar o Homem como o centro de todas as considerações e preocupações, inclusive na religião. E isto significa secularização, materialismo religioso ou religião materialista, apesar da contradição dos termos.

Horizontalizou-se, sob a influência marxista, a religião, quando deveria ser ela vertical na direção de Deus.

O primeiro preceito, fundamentalíssimo, do Homem é para com Deus. O de adorá-lo e amá-lo sobre todas as coisas e com todo o seu ser. A partir do cumprimento deste mandamento essencial são cumpridos os preceitos relativos ao Homem.

Se não se cumprir aquele, estes se tornam inexecutáveis.

Poderíamos simbolizar a religião numa cruz. Retirada a haste vertical, a da direção a Deus, a horizontal cai e apodrece na terra.

A primeira preocupação da Bíblia é levar o Homem a Deus pelo Único Caminho, Jesus Cristo. movê-lo a adorar e a submeter-se ao Ser Infinito e Superior.

O tradutor da Bíblia deve, portanto, ter isto em mente: Sua máxima preocupação é a de ser leal a Deus, sendo fiel à Bíblia ao traduzi-la.

Daí ser indispensável, acima de tudo, um linguajar e um vocabulário dignos do louvor de Deus.

Nenhum ramo da ciência sacrifica sua terminologia para se fazer entendido. Nem mesmo os esportes, como o futebol. Quem quiser entender da coisa que estude a significação de sua nomenclatura.

Por que não há de ser assim com a Bíblia?

O presidente da SBB alude à linguagem do povo em que foi escrita a Bíblia primitiva: “O GREGO DO POVO COMUM”.

GREGO COMUM, ou seja, o grego único falado pelos povos do Império Grego, sim. Mas, grego do povo comum, isto é, diferente de uma língua falada pelos eruditos, não.

A VA está no português comum a todos os povos que falam essa língua, embora não esteja na linguagem do povo comum, ou seja, do povo semi-analfabetizado.

Alexandre Magno, com as suas conquistas, estabeleceu o Império Helênico e a língua grega, e, ao extrapor-se da pequenina Acaia, sedimentou essas conquistas e o Império.

Antes, ao lado do grego clássico, havia os dialetos que constituíam o linguajar do povo comum.

Estendido o Império, a língua se unificou e por ser a de todos (sem mais os dialetos), por ser a língua única, denominou-se **koinê**.

O domínio do **koinê** pode ser enfocado em dois períodos: o alexandrino e o romano.

O primeiro vai de Alexandre até ao final do século I. E o segundo até ao século V.

O helenismo, ou seja, o Império Grego com seu domínio, a sua mentalidade e o seu **koinê**, alastrou-se pelo Oriente durante o período alexandrino.

A língua comum que, à par de Atenas, surgiram novas capitais da cultura como Siracusa, Tarso (a cidade de Paulo Apóstolo), Pérgamo, Antioquia e, sobretudo, Alexandria (onde foi organizada a primeira biblioteca).

O **koinê**, com a sua riqueza idiomática, fecundou o pensamento da Academia como a de Crates, Polemon, Crantor, Speusippo e Xonocrates dentre outros. O Liceu com Aristão, Cristolaos, Theophrates, Lycon, Aristoxenes.

O **koinê** incrementou as correntes filosóficas: o estoicismo, o epicurismo, o ceticismo, a escola de Rhodes, a de Pérgamo.

O **koinê** do período alexandrino ofereceu o vocabulário para o desenvolvimento da História com Ptolomeu, com Pyrrho, com Arato, com Dicearco, com Callisthenes, com Cineas, com Timeo, com Douri e, sobretudo, com Polybio.

O **koinê** favoreceu as palavras para a poesia de Lycophron, de Cailimaco, de Apoilonios de Rhodes, de Leônidas de Taranto, de Aratos.

O **koinê** do período alexandrino criou nomenclatura para a astronomia, a física e a matemática com Hipparco, com Heron de Alexandria e, sobretudo, com Euclides e Arquimedes.

O **koinê** desse período, enfim, espalhado pela vastidão do Império Helênico, criou a unidade cultural, base que alicerçou a unidade política estabelecida pelas forças de Alexandre Magno.

O **koinê** alexandrino, em sua capacidade inesgotável, absorveu a pluriformidade das línguas e dialetos dos povos integrados ao helenismo.

No segundo período, o romano, foi o **koinê** que firmou a influência e o predomínio do helenismo também no Ocidente, tornando-se, então, língua internacional.

Introduzido nos meios intelectuais e aristocráticos romanos continuou a fecundar todos os ramos do pensamento e da ciência.

A geografia, com Estrabão e Pausânias, começa a se tornar mais científica. Os poetas Oppiano, Quintus de Smirna, Nonos e Coluthos, dentre outros, cantam suas odes na bela língua do **koinê**. A História faz-se presente com Dion Cássius, Apiano, Poibio, Diodoro da Sicília, Plutarco, Flávio Josefo, Dionísio de Halicarnasso, Iosimo, Herodiano e Nicolau de Damas. E a filosofia representada pelo ceticismo com Sexto Empírico; pelo estoicismo e neoplatonismo com Marco Aurélio, Posidônio, Panécio, Cornutus, Epicteto, o judeu Philon, Diógenes, Laercio, Plotino, Porphirio, Jamblico, Procos, pela sofística com Luciano de Samosata e com Aristides; e pelo orador Dion Crisóstomo.

Foi nesse período romano do **koinê** que surgiu o gênero literário chamado ROMANCE, com Xenofonte de Éfeso, autor de As Efesiacas, e Heliodoro, autor de Teágenes e Claricléia.

Foi nesse rico grego **koinê**, idioma internacional, fomentador da cultura helenista dos períodos alexandrino e romano, em que nasceu o romance, desenvolveram-se a História, a Geografia, a Física e a Matemática; o **koinê** que estruturou o Império Helênico e, enriquecido pela pluriformidade de outras línguas e dialetos por ele absorvidos, foi esse **koinê** a língua original do Novo Testamento.

Não foi, por conseguinte, um dialeto qualquer. Pobre. Descolorido. Falado pela massa ignara.

O valor intrínseco do **koinê** e sua contribuição para a cultura absolvem-no com as descobertas dos meados do século passado da acusação de ser, como grego degenerado, judaizado e deturpado do classicismo, um *monstrum*.

À parte minha elevada consideração pela pessoa do ilustre Pastor David Gomes, a quem prezo sobretudo, o sr. presidente da SBB, por carência de atualização no assunto à falta de conhecimento das obras de A. Deissmann e de A. Thumb, sobretudo, que a SBB deveria ter em sua biblioteca, o sr. presidente dessa instituição supõe que o **koinê**, como a classifica: “O GREGO DO POVO COMUM” fosse a língua pobre de vocabulário e de sintaxe dos incultos.

“A. Deissmann, servindo-se do imenso material dos papiros descobertos no Egito e de outros documentos, conseguiu provar, sobretudo na parte lexicográfica, que o chamado grego bíblico do Novo

Testamento não era uma língua *a se*, mas aquela mesma que usava o povo em todo o Oriente Grego, a partir das conquistas de Alexandre Magno (323 a.C.). A idêntico resultado chegou A. Thumb para a parte da sintaxe. O grande merecimento de Deissmann, portanto, foi o de tirar o grego bíblico do seu isolamento filosófico e cultural” (M. Zerwick, *Graecitas Biblica*, Roma, 1955).

Todos os estudiosos do assunto são concordes em asseverar que o grego do Novo Testamento não é uma língua à parte, judaizada, degenerada, do uso do povo inculto ou semi-analfabeto, mas a língua comum (o **koinê**) a todos no mundo do helenismo, enriquecida na Palestina, é evidente, com os vestígios de eventuais fontes semíticas.

Jesus falou na Galiléia o mesmo **koinê** encontrado nos papiros do Egito e o usado por Paulo em Roma e em Atenas, o tradicional centro literário do mundo helênico.

William Carey Taylor assegura: “Os escritos do Novo Testamento são ‘clássicos’ também, registrados no vernáculo mais nobre dos séculos, na sua capacidade de preservar as idéias e ensinamentos de Jesus Cristo e Seus Apóstolos” (Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego, Rio, 1960).

Paulo Apóstolo, por exemplo, aprendeu em Tarso, sua cidade e uma das capitais da cultura helênica, o **koinê** de tanta beleza. Por isso, familiarizado com esse idioma, domina-o em sua linguagem vibrante e emocionada. O grego de sua Epístola aos Hebreus (**N. do E.**: Se é que foi o Apóstolo Paulo quem escreveu esta carta), embora matizada de reminiscências dos Setenta, flui com dignidade.

Lucas, por seu turno, cuja língua materna foi provavelmente o **koinê**, escreve num grego literário quase aticista. Sem favor algum, o Evangelho segundo Lucas é a mais importante obra de toda a literatura universal e Camões e Dante Alighieri sentir-se-iam altamente compensados se, em troca de seus *Lusíadas* ou de sua *Divina Comédia*, pudessem apor seu nome, como autor, no terceiro Sinótico.

Supor-se que o **koinê** era um grego corrompido, bastardo, do uso das pessoas de vocabulário pobre é desconhecer o valor desse idioma. Supor-se, outrossim, ser o grego do Novo Testamento uma língua de condições humildes é desconhecer a beleza literária, sintática e de vocabulário das Escrituras Novitamentárias, enriquecido pelo substrato cultural geo-político-histórico da Palestina.

Se, em Seus desígnios insondáveis, Deus preparou uma língua de alta nobreza em seu vocabulário e em sua sintaxe para nos legar o registro original de Sua Palavra, quererá, porventura, que ela seja vertida em vernáculo menos nobre?

A Deus devo entregar o melhor!

Aliás, a nobreza de expressão garante a permanência das idéias. Expressão abastardada, portanto, ao invés de comunicar idéias, estrangula-as.

“Desde que as palavras perderam o prestígio, ninguém mais acredita nelas, mesmo que as entenda, porque elas se identificaram, cada vez mais, com a mistificação da inteligência e com a camuflagem da realidade” (Prof. Geraldo Rodrigues).

Um dos grandes ideais de Martinho Lutero foi o de entregar a Bíblia ao povo alemão. Em seu tempo, a Alemanha encontrava-se sob a ameaça de cisão territorial como consequência dos seus dialetos. Pelo menos cinco!

Dividido o idioma em dialetos, a integridade geográfica se arrisca, de vez que a unidade da língua sustenta a unidade territorial.

Lutero, em sendo homem de vida espiritual profunda, primava pelos seus sentimentos patrióticos. Almejava ver seus patrícios conhecedores das Escrituras.

Em 1522 lançou a primeira edição do Novo Testamento. E, a seguir, toda a Bíblia.

Recusou a idéia de usar um dos dialetos ou um alemão vulgar. Preferiu um alemão castiço para a roupagem da Palavra de Deus.

O povo alemão foi ler a Bíblia no seu idioma. Precisou estudar o alemão nobre e rico. Ao estudá-lo para ler a Bíblia, abandonou os dialetos e o linguajar inexpressivo e anêmico. Unificou-se, como resultado, a língua pátria e a Alemanha se libertou da ameaça de cisão em outras cinco nações.

A linguagem excepcionalmente viva e castiça da versão de Lutero salvou a pátria sob a influência das edições que se sucediam. Só as do Novo Testamento, em 13 anos, atingiram a cifra de 85.

Em sua conferência sobre este assunto, o Pastor Vittorio Bergo, com a sua característica sensatez, afirma: “Se o objetivo da Bíblia é elevar o homem, educando-o no sentido espiritual de modo que atinja a perfeição que se lhe propõe por alvo, desejável é que o faça também intelectualmente e, portanto, no uso de uma linguagem tersa e elevada. Em suma, a Bíblia deve guindar o homem ao plano em que ela se acha, e não baixar, ela mesma, ao nível em que ele se situa”.

.oOo.

OS “SANTINHOS” DA LH

ALUDINDO AO ENCONTRO para o “DEBATE ESCLARECEDOR” acontecido em Março de 1968, quando a SBB quis explicar a sua atitude de aproximação com o clero romano no intento da produção de um Novo Testamento em conjunto, aludindo, no púlpito de sua Igreja, àquele encontro o rev. Sambalate Contaprosa e Sempreatrasado zombou dos opositores a qualquer aproximação com os hierarcas católicos naquele sentido.

Sempreatrasado é muito míope. Sua curta visão nem alcança um palmo além do seu destacado nariz. E tem a característica de fazer “gracinhas”. Quando se trata de assunto mais sério, interfere com uma pilhéria. É a sua maneira de autoafirmar-se desde que lhe faltam qualidades intelectuais e outras...

-- Os padres se interessam agora pela divulgação da Bíblia, disse ele. A SBB se destina a “dar a Bíblia à Pátria”. Não vejo razão porque recusar-se essa disposição.

E continuou suas loas à aproximação clero-SBB.

Revela notar-se a afeição que une Contaprosa Sempreatrasado ao rev. Pascácio Diplomata da Simplicidade. É de se ver o encontro dos dois. Misturam suas babas...

Após a exaltação, ao sabor pascaciano, do conchavo SBB-CNBB, o rev. Sambalate Contaprosa e Sempreatrasado passaram a ridicularizar os contestadores do conluio:

-- Vejam só! Muita gente, só porque a SBB aceitou o Imprimatur católico, já começou a ver “santinhos” dentro da Bíblia. Os padres gostam de dar “santinhos” e os crentes sempre ligam padre a “santinho”. Foi só falar de padre na SBB e já eles começaram a imaginar que na Bíblia apareceriam os “santinhos”.

O rev. Contaprosa quis ridicularizar os crentes piedosos que, na sua intuição, viam com bastante antecipação, os “santinhos” dos padres na Bíblia.

Com efeito, é notável o vínculo indissolúvel do clero romano com a idolatria sob todas as formas. Por isso, onde está o padre tem que haver o “santinho”.

É, aliás, um método de se prestigiar diante das crianças e do povo inculto.

O vaticínio em tom de zombaria do rev. Sambalate Contraprosa cumpriu-se à risca para estarecimento das pessoas sérias.

A LH, que é o cúmulo do achincalhe à Palavra de Deus, se apresentou “ilustrada” de “santinhos”. Tamanho deboche só poderia se completar com o ridículo dos rabiscos mefistofélicos.

Se feitos por um brasileiro, seu valor seria inferior. Convocou-se, então, uma desenhista suíça.

Só a informação de que foi uma suíça, lá das “estranjas”, valoriza as garatujas perante a massa ignara.

Ao menos se fossem “santinhos” artísticos! As freiras os têm. Os piores delas são mais bonitos do que os da suíça.

Na página 585 da LH, encaixada no capítulo 2 de I Timóteo, está o “santinho” de “Jesus Crucificado”. Justamente na I Timóteo!

Paulo Apóstolo, **“posto para a defesa do Evangelho”** (Filipenses 1:17), enviara Timóteo a Éfeso com a incumbência de contestar os cognominados legalistas, os que cobiçavam judaizar o Evangelho. Estes deram origem ao catolicismo. Eram os católicos daquele tempo.

A SBB cometeu, ao colocar na Primeira Epístola a Timóteo a estampa do “nosso senhor crucificado”, uma tremenda maldade contra Paulo.

De certo, o conjúgio SBB-CNBB deseja mover a massa a beijar o “santinho” e a se inspirar diante dele em suas devoções

Lá no Porto das Caixas (Estado do Rio de Janeiro), um “nosso senhor crucificado” está vertendo sangue, fazendo milagres e, por isso, arrastando multidões e multidões. O rev. Sambalate Contaprosa e Sempreatrasado bem poderia ir lá divulgar a LH, recebendo, é claro, a sua comissão de 5%. Abriria o volume na página 585, sugeriria ao devoto beijar o “Bom Jesus das Caixas” estampado nessa página e o induziria a comprar o livro. Garanto que o rev. faria ótimo negócio que lhe sanasse os problemas financeiros e daí a pouco seria informado que o “Bom Jesus da Caixas” da LH estaria também a verter sangue e a curar os enfermos seus devotos.

O Cristo carregando a cruz, ao final de Hebreus, segue acompanhado de só um cidadão. Sua postura provoca risos. Dentro do capítulo 9 da mesma Epístola o “Cristo Crucificado” surge cercado de raios para enaltecer o poder do Sangue de Cristo acima dos sacrifícios de animais.

O “Crucificado” da página 258 causou-me arrepios. Jesus é inocente e jamais mereceria, nem por parte dos Seus mais ignóbeis adversários, semelhante escárnio.

E as cruzes que se reproduzem na extensão da obra? Além dos “nosso senhor crucificado”, encontrei nove cruzes. Cruzes! Cruzes!!!

Tanta cruz! Cruzes!!!

Está de acordo com a crucemania atual. Os evangélicos contaminados pelo vírus ecumenista nada de mal vêm na cruz.

Aceitam-na e a elevam no interior e nas fachadas dos templos, em seus folhetos impressos, nos símbolos de suas campanhas, na frente dos púlpitos... Com ela enfeitam a lapela do paletó ou completam a correntinha do pescoço... Cruz, o sinal, dizem, do Cristianismo.

Desse Cristianismo perfumado. Desse Cristianismo sem renúncia, infiel ao Evangelho. Desse Cristianismo acomodado e acomodaticio. Desse Cristianismo sem a verdadeira Cruz.

Eles penduram a cruz por aí afora e a aceitam rabiscada na LH porque não a querem carregar em fidelidade a Jesus Cristo.

As “ilustrações” medíocres se constituem num acinte ao bom-gosto e a qualquer mediana inteligência. São dignas da LH em sua anemia vocabular.

A das mulheres à distância do Calvário (página 92), a do indivíduo a rolar a grande pedra para fechar o sepulcro (página 93), a dos soldados jogando aos pés da cruz (página 157) avacalham o texto sacro a que aludem.

A da página 253 dá a impressão da criada a queimar sua mão direita nas labaredas.

A de Jesus coroado de espinhos, sendo esbofeteado (página 326) é maior insulto contra o Salvador do que mesmo as injúrias que Lhe assacaram durante o julgamento.

A cruz da figura da página 328 está de lado. O Jesus carregando a cruz das estações da “via sacra” dos padres sensibiliza os beatos, enquanto a da LH leva a cena ao ridículo.

As “ilustrações” da Ceia (páginas 310 e 311), feitas por uma criança de 5 anos ilustrariam uma briga com desforço pessoal. A do lavapés (página 309) é ótima para figurar numa revista de anedotas.

Quando sacerdote, gostava de distribuir uma estampa de Jesus, o Bom Pastor em busca da ovelha perdida. Linda, impressionava por sugerir o esforço do Pastor e sua terna dedicação. A LH até a bondade amorosa do Bom Pastor decidiu achincalhar. A ovelha está imersa no matagal (?) e o pastor (?), inclinado, com a mão direita sobre os olhos a cobri-los do sol (?) provoca revolta nas consciências honestas e sensíveis. Bastaria essa “ilustração” (página 55) para revelar a incompetência da suíça e a leviandade dos editores da LH.

E a agonia de Cristo no horto? (Página 150).

A da noite do Natal (página 169) é muito cômica. A do cidadão preocupado (página 214) apresenta um cidadão furibundo.

No caso da adúltera, somos informados de que durante as acusações, Jesus escrevia no chão. A LH (página 289) mostra-no-lo, numa “ilustração” ridícula como todas, a fazer riscos na terra.

A de Jesus pedindo água à samaritana (página 273) exhibe-nos um adolescente.

Na página 251 encontra-se o “santinho” de Jesus a advertir Simão Pedro. O discípulo parece um menino. E Jesus a lhe agarrar o pescoço.

A da Ascensão de Cristo mostra-nos um Jesus vestido de calça comprida com três dos Seus discípulos ajoelhados aos Seus pés. Suas mãos se desmunhecaram (página 263).

A LH agride Jesus Cristo ao querer transformá-LO em boiadeiro. Ensinou-O a usar o laço. Aquilo não é chicote (página 270).

Que os indiciados pelo crime da LH se arrependam e aceitem a misericórdia que Deus tem deles. Na página 531 fazem do Nosso Salvador um cabo de balde de folha de flandres, de tirar água do poço. Daquele cabo de ferro com argola, aqui no caso a emblemizar o rosto de Jesus. Misericórdia, Senhor!

As “ilustrações” da LH referentes ao Salvador reduzem Jesus Cristo a motivo de afronta.

Se a tradução fosse boa, as “ilustrações” invalidariam a obra por exporem o Mestre ao achincalhe.

São “ilustrações” que não ilustram. Caricaturizam. Debocham!

Mas, se a LH é uma paródia, calham-lhe bem as caricaturas.

Se as consciências sérias reclamam medidas enérgicas dos Poderes Públicos contra as revistas eróticas, a consciência evangélica deveria, com suma e santa ira, repudiar a blasfema LH.

A suíça, outrossim, lembrou-se de algum bispo romanista ao garatujar o petulante “professor da lei” (página 142) a exhibir seu vasto ventre.

Coitado do gallo! Até ele recebeu o seu quinhão na LH (página 154). Quase do tamanho de Pedro. Afinal, a “charge” serviu para se desopilar.

O filho pródigo, rodeado de porcos, desconsolado, pensa na vida (página 225).

Se Paulo visse a caricatura que lhe fizeram! Caiu do cavalo! E o cavalo está furioso (página 363). Jamais Paulo mereceria esse degradante ridículo!

Na página 389 o Apóstolo aparece de novo. Ajoelhado a seus pés o carcereiro de Filipos. O texto diz que os presos lá na cadeia de Filipos tinham os pés amarrados a troncos. Com o terremoto as cadeias se partiram. Mas, no “santinho” de “são” Paulo, aparece um pedaço de corrente preso no pulso do Apóstolo. A suíça tresleu o texto antes de rabiscar a “ilustração” ou quis zombar dos leitores da LH?

Agora, o diabo saiu bem feito! Os “santinhos” do diabo concordam com a descrição que lhe fazem os padres. Tanto na página 7 como na 519 os chifres se salientam. A cara vale pela cara do demo. O gesto dele ao investir contra Cristo é notável. As suas asas a mostrá-lo anjo de luz estão do sabor das sacristias que sabem colocar asas em tudo quanto é anjo.

Na LH os “santinhos” vaticinados pelo rev. Sambalate Contaprosa e Sempreatrasado se nivelam ao desvalor da redação. Uns são dignos da outra. E ao nível da burrice generalizada.

Utilizar-se, portanto, da LH, também por causa de suas “ilustrações”, é apoiar-se num **“bordão de cana quebrada... no qual, se alguém se encostar, entrar-lhe-á pela mão e a furará”** (II Reis 18:21).

.oOo.

11

A CONFISSÃO DA SBB

O MINISTÉRIO DO ANÚNCIO e da divulgação da Palavra de Deus implica em gravíssima responsabilidade e requer condizentes condições espirituais.

É anômala, portanto, a PROFISSÃO de pregador. O divulgar a Palavra de Deus é um ministério. Um serviço de dedicação desprendida que exige do pregador renúncia de muita coisa, inclusive, e sobretudo, de si próprio.

Quem quer se dedicar ao excelente ministério de despenseiro das mensagens sagradas deve desvencilhar-se de quaisquer outros compromissos, consoante o conselho de Paulo Apóstolo: **“Ninguém que milita se embaraça com negócios desta vida, a fim de agradar Àquele que o alistou para a guerra”** (II Timóteo 2:4).

Sirvam-nos de exemplo os Apóstolos alheios até da prática da assistência social porque entregues à Palavra de Deus (cf. Atos 6:2, 4).

O ministério do pregador, outrossim, é uma batalha que o obriga a sofrimentos indizíveis.

A disseminação da Palavra de Deus requer do seu ministro vida de oração, dependência do Senhor, estudo constante e acurado das Sagradas Escrituras, honestidade de consciência, FIDELIDADE INTRANSIGENTE aos ensinamentos divinos.

Destacamos a condição da FIDELIDADE INTRANSIGENTE por competir ao pregador a tarefa da defesa da Verdade do Evangelho contra seus solapadores.

O tradutor da Bíblia é disseminador dela. Requerem-se-lhe idênticas disposições e condições.

Quem se abalança a semelhante incumbência há de se pôr em nível espiritual e intelectual à altura da seriedade sagrada da obra. Uma versão espúria da Bíblia gera conseqüências imprevisíveis para a vida espiritual de muitos.

A LH foi preparada por uma Comissão Tradutora composta, assim se deveria acreditar, de pessoas credenciadas pela sua capacidade intelectual, pela sua intensa e profunda comunhão com o Senhor e pela sua intransigência no propósito de fidelidade ao que está escrito no texto grego original dos Códices.

E por se tratar a LH de autêntica novidade em matéria de tradução da Bíblia, admitirem-se sadios os desígnios da SBB, caber-lhe-ia distribuir cópias dos estudos concluídos ao maior número de obreiros capacitados, piedosos, consagrados à Causa e CUJO MINISTÉRIO DESPRENDIDO E SACRIFICADO PROVASSE O SEU INTERESSE PELO ESTUDO DA BÍBLIA. Auscultar-lhes-ia as observações, as sugestões, as advertências, as críticas, as apreciações, antes de lançar a obra nos meios populares.

Assim seria de se desejar tanto mais que a SBB se proclama escoimada de predileções denominacionais por ser indenominacional e por ser de todos os crentes evangélicos dos quais em constância permanente solicita ofertas.

Terá sido, entanto, essa a sua conduta?

Se é de todos os crentes evangélicos, todavia, ela impõe-lhes suas decisões, muitas vezes profundamente prejudiciais à Causa da Evangelização, como o seu acomodamento com o clero romano que dá a entender a inclusão dos católicos em nosso meio como se eles também fossem crentes evangélicos.

A apresentação das duas primeiras edições da LH, no entanto, falta à verdade quando informa: “O texto grego adotado nesta tradução foi o das Sociedades Bíblicas Unidas (*The Greek New Testament*, 2ª edição, 1970)”.

Falta à verdade porque a versão em nosso vernáculo foi feita da *Good News for Modern Man* obra em língua inglesa.

A LH não foi feita no Brasil diretamente do grego. Veio do grego via inglês.

A Comissão de Tradutores do grego não está em nossa Pátria. A Comissão daqui é para traduzir do inglês.

Ao mencionar a SBB em sua apresentação da LH o texto grego das Sociedades Bíblicas Unidas deixa-me em alerta, desconfiado, haja vista o comprometimento daquelas Sociedades com o ecumenismo, com o modernismo e a secularização.

Esse texto grego foi elaborado à revelia de qualquer *Codex* sério. Confeccionaram-no, sim, nas retortas dos interesses modernistas das Sociedades Bíblicas Unidas.

Para o povo comum todo e qualquer texto em grego oferece uma auréola de fidelidade ao original. Não só para o povo comum, mas também para grande maioria de pastores e até líderes denominacionais. Desgraçadamente, perdemos o espírito de crítica.

Há, contudo, uma franca e estarrecedora confissão do rev. Ewaldo Alves, secretário da SBB.

Estarrece a sua confissão não por proceder do arrependimento, mas por demonstrar a imprudência da SBB ao divulgar a 1ª edição da LH, sem antes certificar-se da seriedade da tradução.

No órgão oficial da Convenção Batista Brasileira, O JORNAL BATISTA, de 3 de Março de 1974, quando os males da 1ª edição da LH já se consumaram, aquele rev., em seu artigo: “A BÍBLIA NA LINGUAGEM DE HOJE”, informou: “A Comissão Tradutora tem cerca de DUAS MIL MODIFICAÇÕES para, visando à melhoria do texto, aperfeiçoá-lo cada vez mais na fidelidade aos originais”.

É meu o destaque em maiúscula das “DUAS MIL MODIFICAÇÕES”.

Num volume de 720 páginas “DUAS MIL MODIFICAÇÕES”!

“Concordamos”, salienta ainda o secretário da SBB, no citado artigo, “Concordamos em que a 1ª edição, como sói acontecer com toda a 1ª edição, tenha saído com erros e omissões”.

Meu Deus! A que situação chegamos! Quanta leviandade!!!

Uma instituição como a SBB que se propõe a “dar a Bíblia à Pátria”, lançar 200 mil exemplares de uma “versão” do Novo Testamento com cerca de DOIS MIL “ERROS E OMISSÕES”.

“ERROS E OMISSÕES” na Bíblia!!!

Essa obra crivada de “ERROS E OMISSÕES”, proventura, deixará a Palavra de Deus falar?

Acaso, a Comissão de Tradutores não era composta de pessoas intelectualmente competentes? Orientou-os o amor para com a SBB?

Se houve amor, esse amor se voltou para qual objetivo?

O comercial?

Tinha a Comissão pressa de que o mercado consumisse em pouco tempo os 200 mil exemplares da obra pejada de “ERROS E OMISSÕES”?

E como permitiram que se repetisse ainda uma vez a tática do diabo no sentido de adulterar a Palavra de Deus?

Será isso “dar a Bíblia à Pátria”?

Se a SBB deixa de primar pela fidelidade na preservação da Palavra de Deus que crédito nos merecerá ela?

O rev. Ivan Espíndola de Ávila, em “A Bíblia no Brasil”, uma revista da SBB publicada cada semestre, em seu n° 102 correspondente a Janeiro/junho/75, lamenta o retraimento de muitos como se fossem incompreensões e murmurações. “É verdade”, assevera esse rev., “que o grande inimigo não deseja que a SBB alcance seus alvos missionários... E quantos ele tem usado e levantado, para prejudicar este ministério! É que lança dúvidas, tristezas, incompreensões, murmurações no meio do povo que precisa estar empenhado na grande luta... E, ó tristeza!, quantas vezes, parece, o inimigo astuto tem prevalecido! Quantos irmãos deixando de cooperar com uma organização...”!

É verdade, o diabo tem suscitado tantos ministros para suas infernais hordas no objetivo de, ao invés da água pura da Palavra de Deus, oferecer às almas sedentas de salvação água poluída.

Aí dentro da SBB estão os ministros do diabo desde que ela, ecumenicamente, se mancomunou com os padres, sacerdotes do antievangelho e da idolatria.

Que o rev. desculpe este pobre e humilde pregador do Evangelho!

V. Revcia. tem toda razão ao se lastimar de que Satanás intenta prejudicar a obra da SBB.

Os seus próprios dirigentes são os responsáveis por isso desde quando aceitaram o envolvimento ecumenista. E o mais grave é a circunstância de que eles recusam publicar esse engajamento inclusivista com as seitas católicas.

O reconhecimento do secretário rev. Ewaldo Alves da aceitação de cerca de “DUAS MIL MODIFICAÇÕES” na 2ª edição da LH para que seja “MUITO MELHOR” e admissão dos “ERROS E OMISSÕES” da 1ª edição, esse reconhecimento é a confissão de que aí dentro da SBB é que se encontram os seus principais adversários e os mais acirrados inimigos da Palavra de Deus.

Os crentes evangélicos piedosos, ESCLARECIDOS e honestos, por amor genuíno à Palavra de Deus repudiam a SBB no seu intento malsão de adulterar e avacalhar a Bíblia.

Eles deixam -- e devem deixar!!! -- de cooperar com a SBB porque jamais contribuiriam com o maligno na tarefa de poluir a Santa Palavra de Deus.

O “velho conselho de Gamaliel”, a que v. revcia. alude, “tem a sua aplicação hoje”, mas não quanto à SBB.

Invocar o conselho do velho mestre (cf. Atos 6:38-39) é tentar embair a boa-fé das pessoas simples e tardas em entender as coisas. Se se fosse, em tudo, admitir aquele conselho, concluir-se-ia que o catolicismo, o espiritismo, a macumba, a feitiçaria, o budismo e todas as organizações multidecadárias e multisseculares se constituem em obras de Deus.

(Ah! é claro, a SBB há de supor o catolicismo, apesar de corruptor da Palavra Santa, como obra de Deus, haja vista o seu conluio ecumênico com os hierofantes vaticanos! E o espiritismo, mais velho que o catolicismo?)

Sobranceiros às aleivosias dos subintelectuais ecumenizantes os que repudiam cooperar com a SBB, fazem-no movidos pelo espírito de fidelidade a Deus e por amor às almas perdidas. Íntegros em suas convicções firmadas nas Sagradas Escrituras, olhos abertos às insídias do diabo corruptor da Bíblia, atalaiam-se na postura de defensores da Verdade do Evangelho e da pureza da Palavra de Deus, atentos, aliás, ao divino preceito: **“Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda e sejas achado mentiroso”** (Provérbios 30:6).

Preceito divino esse, outrossim, consubstanciado em Apocalipse 22:18-19: **“Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; e, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão escritas neste livro”**.

Esses crentes fervorosos e atalaias da Verdade do Evangelho são êmulos de Lô, o justo, que se afligia todos os dias em sua alma justa, pelo que via e ouvia sobre as obras injustas dos falsos doutores que introduziam encobertamente heresias de perdição e negavam o Senhor (cf. II Pedro 2:8).

“ERROS E OMISSÕES numa tradução da Bíblia -- e em tão larga contagem: cerca de DOIS MIL só em o Novo Testamento -- constituem-se nas OBRAS MAIS DO QUE INJUSTAS...

Os crentes fervorosos e atalaias da Verdade do Evangelho se afligem com as provocações dos “falsos doutores” empenhados na deturpação e na avacalhação da Palavra de Deus, embora a SBB meça o valor da LH pela rapidez da venda em tão curto prazo de tempo dos 200 mil exemplares da sua 1ª edição.

O blasonar-se a SBB dessa façanha demonstra, outrossim, o seu engajamento na mentalidade de HOJE de que o valor de uma coisa se aquilata pelo seu consumo.

É um achincalhe expor-se a Bíblia à absolvição de um júri simulado como se fez em certa comunidade de jovens em S. Paulo. Ao ler a notícia desse julgamento da LH e sua absolvição unânime, lembrei-me do julgamento de Cristo, quando Barrabás foi absolvido.

Pobre juventude evangélica! Formada com essa filosofia de que o valor de uma obra está na sua aceitação pela maioria! A LH é boa porque numa determinada assembléia os votos dos incautos a aprova! Ela é boa por, em sendo coisificada, tornar-se massificada!

É por tudo isso que os evangélicos esclarecidos, sinceros na sua fidelidade à Palavra de Deus proclamam o desafio:

“Se você crê que ‘dar a Bíblia à Pátria’ é obra de Deus...

Se você acha que o Brasil necessita da PALAVRA DE DEUS...

ENTÃO NÃO COOPERE COM A SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL!!!”

.oOo.

12

O MAR DE CHÁ

A FORMAÇÃO CATÓLICA adquirida no lar durante a minha infância e os estudos teológicos da Faculdade Teológica da PUC de S. Paulo sedimentaram em meu íntimo profunda convicção nos dogmas referentes ao papa e à missa.

Desde muito criança -- nem me recordo! -- fui levado à prática fiel da assistência à missa dominical.

De certa feita, caiu-me das mãos um pedaço de pão que comia. Colhi-o e, incontinenti, continuaria a comê-lo se minha avó não me orientasse a beijá-lo antes, numa espécie de desagravo pelo incidente. Segundo ela, é preciso respeitar o pão porque na missa ele se transforma em Jesus Cristo. Esta é uma das mais remotas lembranças de minha vida. E foi a primeira vez que ouvi falar da “transubstanciação”.

Jovenzinho, seguia com tanto fervor, em meu missal, o desenrolar da cerimônia que decorei todo o latim da parte fixa da missa.

Nela, conforme aprendera, via a repetição, a renovação do sacrifício de Jesus Cristo no Calvário. Lembrando-me deste sacrifício, quantas vezes derramei abundantes lágrimas durante a missa por compaixão de Jesus, vítima de tanta maldade por parte de Judas Iscariotes, de Pilatos, dos verdugos...

Desde muito criança aprendi a amar o papa. Via nele o vigário de Cristo. O doce Cristo na terra. O “santo” padre. Tinha-lhe entusiasmo e profunda devoção.

Para mim só deveria haver uma bandeira. A bandeira pontificia.

Estuante de emoção, vibrava aos acordes do hino do papa.

Mal balbuciava as rezas que aprendia de cor, e rezava a “Ave-Maria” na intenção de Pio XI. Vesti-me de luto quando este papa morreu em 1938.

Rejubei-me com a eleição de Pio XII, o cardeal Paccelli.

Com que fervor por ele rezava e em seu favor fazia tantas penitências, sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial.

Em conseqüência desta conflagração, no seminário católico passávamos muita fome.

Resignado, suportava tamanho sacrificio na época do meu desenvolvimento físico, correndo os riscos de uma irreversível anemia. Mas, o “santo” padre precisava do meu heroísmo e da minha penitência!

Com que enlevo, assinei com meu próprio sangue, no dia de minha ordenação sacerdotal, o juramento de fidelidade ao papa!

Minha conversão a Jesus Cristo não ocorreu num estalo. Precedeu-a longo processo que me custou sofrimentos inenarráveis.

Relativamente fácil foi o dismantelar-se de muitos dogmas. O da missa, porém, foi-me difícil. Que conflito íntimo terrível! Quanto desespero! Como me podia imaginar sem nunca mais celebrá-la? Sem nunca mais comungar a eucaristia?

Paulo, em sua Epístola aos Hebreus (**N. do E.:** Se é que foi este Apóstolo que escreveu esta carta), é o responsável pela perda de minha fé na missa. Mas, se à luz da Carta aos Hebreus meu intelecto discordava da dogmática alusiva ao “sacrificio do altar”, meu coração ainda se agarrava desesperadamente a ele. Precisou Deus, em Sua infinita misericórdia, propiciar a ocorrência de um incidente para mim, naquela época, terrível. Descrevo-o em minha autobiografia: “ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA”!!!

Quanto aos dogmas relativos ao papa, argamassados em meu íntimo com tantos sacrificios e sofrimentos, Deus me deixou sem a ajuda de nenhuma ocorrência especial.

Entre indizíveis angústias, vi-os se desmoronando com o exclusivo exame da Santa Palavra de Deus.

Com que sofreguidão busquei na Bíblia argumentos que coonestassem a autoridade do papa! Examinei e reexaminei toda a argumentação da teologia romana sobre o assunto, procurando, aflitamente, fundamentar toda ela nas Escrituras Sagradas. Verifiquei todas as objeções e tentei refutá-las todas.

Reestudei o assunto em tantos compêndios de Teologia Dogmática e li sobre ele tantas obras, sobretudo a de Leonel Franca, “A Igreja, a Reforma e a Civilização”.

Reconhecia ser minha fé na autoridade do papa a base fundamental e sólida para a minha sustentação no sacerdócio católico.

Conservada esta fé, minha descrença no restante seria apenas uma crise mais ou menos longa, contudo superável e transitória.

Na sofreguidão imensa de firmar esta fé, vali-me do texto grego do Novo Testamento.

Procedi meticulosa exegese literal de todas as passagens arroladas pela dogmática católica a respeito do assunto. Em meu livro “PEDRO NUNCA FOI PAPA!” exhibo essa exegese.

A perícopre de Mateus 16:13-19 é a basilar, porquanto os teólogos romanos nela vêem a promessa do primado de Pedro.

Estudei-a até lhe esgotar todos os ensinamentos. Revirei-a pelo avesso. Examinei-a na versão de vários idiomas e em todas as traduções portuguesas do Novo Testamento.

O v. 18, então, é a base sobre a qual se estrutura toda a teologia do papa.

No grego está assim: **“kagô dé soi légo óti sú ei Pétros, kai epi taúte tê pétra oikodoméso mou tèn ekklesían, kal púlai Áidou ou katischúmousin autês”**.

E Jerônimo na Vulgata assim o traduziu: **“Et ego dico tibi: Tu es Petrus et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam et portae inferi non praevalerunt adversus eam”**.

E que o nosso Ferreira de Almeida verteu para o português: **“Pois também Eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”**.

O estudo meticoloso desse texto, no original e em vários idiomas, me convenceu do contrário da cobiça de Roma, que quer nele encontrar sustentáculo para a autoridade pontifícia.

Freqüento ainda e tanto quanto meu tempo me permite livrarias católicas. Num dia destes, deparei-me numa delas com uma nova versão católica da Bíblia. Ri a valer quando li o texto acima enunciado da seguinte maneira:

“Ó Pedro, você é uma pedra e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”.

Ri e pensei: Como esse clero é astuto. Torce e retorce a Palavra de Deus a fim de colocá-la a serviço de sua dogmática, a congêrie de suas barbaridades doutrinárias.

Posteriormente chega-me às mãos a LH.

É assim! De toda a versão da Bíblia vou logo a certas passagens. Se bem traduzidas, ótimo!

Uma delas: Marcos 1:4,15. A outra: Mateus 16:18. Pois bem! Na LH estarrecido, estupefacto, li: “Portanto eu afirmo: Pedro você é uma pedra, e sobre esta pedra fundamental construirei a minha Igreja. E nem a morte poderá vencê-la”.

Nem quis acreditar em meus próprios olhos!

-- *Será que enlouqueci?*, perguntei-me a mim mesmo.

Tornei a olhar a capa do volume. Quis constatar se era, de fato, a LH. Fui confirmar nas primeiras páginas se realmente era da SBB.

Não havia enlouquecido! É a tristíssima realidade. A LH para dar ao clero romano o maior balde de chá (desculpem-me a gíria) trai -- não traduz! -- trai o original e se torna cúmplice da máquina mais bem estruturada contra a Palavra de Deus.

Naqueles longos meses de luta íntima à procura de qualquer apoio, por diminuto que fosse, para conservar-me devoto do papa, se tivesse encontrado essa LH, definitivamente não me teria convertido a Jesus Cristo. Continuaria escravo do papa!

O clero tem toda a razão de espalhar esse simulacro. Porque vendo essa versão de Mateus 16:18 apresentada por um Novo Testamento protestante, o católico “esclarecido” se firma em sua crença no primado, na infalibilidade e na autoridade do papa.

Certa tarde, encontrava-me numa livraria romanista a examinar, concentrado, uma obra qualquer, quando uma mão pousou sobre meus ombros. Volto-me e me deparo com o largo sorriso de um eminente hierarca católico.

Caracteriza-o a mesma afabilidade do rev. Pascácio Diplomata da Simplicidade, nosso conhecido. Só que este é ingênuo em benefício do seu comodismo. E o hierarca é afável com o intuito de faturar para sua grei vaticana.

Trocávamos idéias e os olhos de S. Emcia. passeavam pelas estantes apertadas de livros.

Lá pelas tantas a sua dextra, enriquecida de precioso anel cardinalício, retira um exemplar da LH. Com gestos tranqüilos, como a acariciarem página por página, abre o volume em Mateus 16:18 e, voz alçada, lê esse texto.

Sorriso matreiro, olhar de gozo, comenta:

-- Vocês, protestantes, com esta tradução não nos deram uma colher de chá. Nem um balde. Vocês nos deram um mar de chá... Um mar, ouviu?

Eis aí outro motivo porque ultimamente rareiam as conversões de padres e de católicos “praticantes”.

Neste país, de 10 anos a esta parte, qual o padre que se converteu a Jesus Cristo?

A 2ª edição da paródia LH suprimiu aquela paráfrase. O mal, contudo, já se alastrou e, acredito, nunca mais a SBB conseguirá repará-lo.

Rendo graças a Deus por haver, durante o processo de minha conversão, me livrado de quaisquer simulacros da Bíblia, como a LH.

.oOo.

13

A LINGUAGEM QUE O POVO ENTENDE

PROPÔS-SE A SBB apresentar uma tradução da Bíblia “fiel à língua do povo”.

“Estamos empenhados em traduzir a Bíblia em linguagem do povo...”, assegura o presidente da SBB ao JORNAL BATISTA de 9 de Dezembro de 1973.

O que é tradução? É o “ato de trasladar para outra língua”, ensina o *Lello Universal*. E traduzir, portanto, consiste em passar uma obra de um para outro idioma.

A menos que não deseje reduzir-se a tradutor, traduzinheiro ou traduzinhador, o tradutor há de ser fiel, traduzindo o que está escrito, expressando em outra língua o sentido primário, genuíno, germano dos vocábulos.

Paráfrase não é tradução porque ela enxerta, desfigurando, portanto, o original.

Os italianos reservam para os tradutores infiéis o apelido de traidores: *traduttore, traditore*. Os maus tradutores são traidores.

A qualificação fundamental do tradutor é a da fidelidade. Há de ser escrupuloso nisto e jamais poderá sacrificar uma idéia a título de um modo mais fácil de se expressar para ser entendido.

Ao tradutor da Bíblia constitui-se pecado de agressão à Palavra de Deus qualquer infidelidade e jamais se justificará uma impropriedade, embora encapuçada no objetivo de alcançar com a mensagem da salvação milhares de pecadores.

Com efeito, em sendo Palavra de Deus, a Bíblia goza de uma dignidade própria, intrínseca, transcendente, a exigir uma roupagem nobre.

Jesus, o VERBO era pobre. Não miserável. Inclinou-Se diante dos homens. Jamais, porém, Se vulgarizou. Nunca Se plebeizou. Não Se massificou. Longe dEle coisificar-e.

Pobre, era seguido pelas mulheres **“que O serviam com suas fazendas”** (Lucas 8:3). E como Mestre usava a túnica inconsútil dos mestres, tão valiosa que nem a soldadesca boçal se atreveu a rasgá-la.

Por outro lado, vulgarizar o vocabulário e a sintaxe da Bíblia desmoraliza o evangelismo. O grande evangelista Paulo não precisou vulgarizar seu linguajar para transmitir a mensagem divina ao povo.

Os nossos tempos, contudo, forjaram, sob o influxo da mentalidade materialista dominante nos redutos religiosos, um clima secularizado a exigir uma LINGUAGEM POP ao embalo da decadência do homem de HOJE.

Há nesta era da burrice alguns termos mágicos esvaziados, aliás, do seu conteúdo legítimo pela massificação a que foram submetidos. Deles cito alguns: eficiência, amor, paz, diálogo, participação, comunicação...

Desvirtuados de seu significado, eles, encaixados no jargão comunista, servem à causa da avacalhação de tudo desde a avacalhação de si próprios.

A comunicação de massa serve à propaganda de produtos comerciáveis e não à disseminação da Palavra de Deus.

Comparou-a Jesus, e com muita propriedade, à semente.

A semente atirada a esmo perde-se. E é indigno este destino para a Palavra de Deus.

Na parábola do semeador, o Mestre nos oferece uma luminosa lição de prudência no semear a Palavra de Deus.

Ao lê-la muitos notam o valor próprio da semente. Outros, a diversidade da colheita em razão da diversidade do solo.

São observações válidas: Quantos, contudo, inferem da magnífica parábola os ensinamentos para o semeador?

Se amo a Palavra de Deus por crer em seu valor intrínseco, nunca poderei lançá-la a esmo, sujeitando-a à inutilidade e ao desperdício. Seria lançá-la aos porcos, trabalho este recriminado por Jesus (cf. Mateus 7:6).

Perante Pilatos e Herodes calou-Se Jesus (cf. Marcos 15:3; Lucas 23:9). Teria Ele perdido uma oportunidade de evangelizar?

Nenhum agricultor sensato joga ao acaso a sua semente preciosa. Antes prepara o terreno adrede escolhido.

Antes de lançar a semente devo, se desejo ser eficiente semeador, escolher e preparar o terreno (cf. Mateus 13:8 e 23). Do contrário, o meu ministério de semeador será vão para o Reino de Deus e, conseqüentemente, improficuo para a salvação das almas.

À linguagem POP carece terminologia digna e capaz de expressar as subtilezas da Revelação Divina.

A própria SBB, ávida de secularizar a Palavra de Deus com a sua LH, sente-se incapaz de se restringir ao vocabulário da linguagem POP e recorre a termos desusados e incompreensíveis por parte de muita gente boa.

O seu presidente, por exemplo, numa carta circular de 18 de Novembro de 1975 aos pastores evangélicos, dentre outros, usou os seguintes termos e expressões nada POP: *custos operacionais, conjuntura financeira e econômica, contexto mundial, garantia hipotecária, hemos de vencer, obstáculos, nas paragens do Brasil...*

Em seu artigo “SBB, teoria e prática no ideal que propôs”, de A BÍBLIA NO BRASIL (nº 102, Janeiro/Junho/75) mais alguns: *este o ideal proposto, e que está sendo perseguido de modo intenso, foi cunhada uma expressão, lançamento auspicioso, inquestionável valor, estimuladores os frutos numerosos, regulamento interessantíssimo, mobilização, marca peculiar...*

O rev. presidente para as suas mensagens seleciona termos bonitos, mas de nenhum uso POP. Agora, quer a Palavra de Deus em vocabulário descolorido e chão.

Ah!, mas a circular foi endereçada a pastores. Há tantos deles, contudo, que nem lêem a cartilha do Mobral de tão analfabetos e a maioria é absolutamente jejuna quanto à nomenclatura financeira.

Conheço um rapaz, cuja Igreja nomeara uma comissão de três diáconos no objetivo de exortá-lo a se tornar assíduo aos cultos sempre carentes de sua presença.

Frustrada em sua primeira tentativa com a ausência do jovem, retornou à casa dele pela segunda vez, encontrando-o agora.

Um dos diáconos, para início de exortação, reclamou o fato de não havê-lo encontrado quando da primeira visita e o repriminou por isso, supondo-o fugidio. E o rapaz, um pouco agastado, começou a explicar-se:

-- Não pensem que eu sou omissos e pusilânime...

Os diáconos nada mais quiseram ouvir. Saíram correndo a dizer ao Pastor:

-- Ele recebeu a gente com xingamento. Ele disse dois palavrão: omissos e... nois tem inté vergonha di arrepeti o otro... Pu... pu... si... pusilóni.

E o pastor, ignorante do termo *pusilânime* levou a Igreja a eliminar o pobre moço.

Esse pastor entenderá a terminologia do rev. presidente da SBB em sua circular? É capaz dele querer saber quem “*tá perseguino esse tar de ideá*” e quem é essa cunhada chamada “*dona inspressão*”. E ainda de entortar o pescoço na força de soletrar o “*interessantíssimo*”.

O rev. Ewaldo Alves, já que também zomba e ridiculariza (Jornal Batista de 3 de Março de 1974) os vernaculistas, igualmente incorre na mema contradição do seu presidente ao se utilizar de vocábulos de linguagem elevada: *sói acontecer, barreiras intransponíveis, roupagem resplendente, neófitos, vernaculistas, imprevisão, propício, ex-ofício, perlustrar bancos, rebuscadíssimas...*

Ao ler o seu artigo, aquele que quase entortou o pescoço na tentativa de pronunciar o “*rebuscadíssimas*”, saiu correndo para comprar verniz que lustrasse os bancos de sua Igreja...

Aquele mesmo número de “A BÍBLIA NO BRASIL”, com a tiragem de 85 mil exemplares, exhibe o artigo de Ivan Ávila: “*Quando pensamos em 1975*” também com palavras fora da circulação vulgar: *crônica inicial* (irmãzinha vai pensar em apendicite crônica), *agência missionária* (ela vai querer comprar a passagem de ônibus), *primacial, futuro longínquo, retificações* (aquele motorista pensa tratar-se de reforma do motor do caminhão), *entidade cultural e filantrópica* (enquanto a irmãzinha desiste de soletrar a palavra, o marido, aos trambolhões, encrava no tró), *assídua, presenciou, opúsculo, notável investimento, ostentando, uso metódico.*

Porventura essa revista se destina apenas a pessoas de nível universitário, que perlustraram os bancos das escolas superiores? Os contribuintes da SBB são na totalidade absoluta pessoas semi-analfabetas e incapazes de entender artigos vasados nesse palavreado, a supor-se válido o motivo do lançamento da LH trombeteado pelos chefes da SBB.

É praticamente impossível uma tradução da Bíblia com a linguagem vulgar corrente.

Primeiro, porque ela oscila sempre e, então, pelo menos a cada década, a SBB teria de renovar sua obra.

Segundo, porque -- já afirmamos -- o povo é mesmo pobre de vocabulário que signifique a profundidade e a inteireza das mensagens espirituais.

É preciso, isso sim, que a Bíblia seja na linguagem que o povo entenda. As pessoas alfabetizadas comuns não usam as palavras, por exemplo, encolerizar, enfermo, recusar, vindouro, mas as entende ao lê-las ou ao ouvi-las.

Por outro lado, as passagens alusivas ao plano de salvação são registradas em termos muito comuns e simples. Qualquer pessoa, também o analfabeto, as entende.

Depois de convertida, a pessoa freqüentará a Igreja, participará da Escola Bíblica e, então, familiarizar-se-á com a terminologia bíblica ao tempo que se desenvolver na vida espiritual.

A tradução de Almeida, elaborada há 300 anos, tem prestado inestimável serviço à evangelização dos povos de língua portuguesa.

Ainda a revista “A BÍBLIA NO BRASIL”, por nós citada, à página 10, registra a experiência do sr. Sérgio Vieira de Araújo, que tem 86 anos de idade e já leu a Bíblia 94 vezes. E pergunta o noticiarista do fato: “Porventura existe alguém no mundo que tenha lido as Sagradas Escrituras tantas vezes”?

E relata: “Quando Sérgio ouviu falar algo sobre a Bíblia, em 1915, era analfabeto, mas sentiu desejo imenso de ler o Santo Livro e, para tanto, aprendeu o ABC; adquiriu um exemplar e nele começou a sua alfabetização...”

Que o belo exemplo deste ancião inspire os responsáveis da SBB a caírem em si e reconheçam o valor também do “Velho Texto” para a evangelização dos semi-analfabetos! E que se arrependam do crime de avacalhar a Palavra de Deus!

Aliás, a LH é a suprema demonstração da total decadência do homem de HOJE. Ela admite que só no passado surgiram os Sérgio. Tantos que se alfabetizaram no “Velho Texto”. Os pró-homens de HOJE nem com Mobral se alfabetizam!

Com efeito, o paraense Manoel Ferreira Gonçalves, embora não consiga ler a frase: *o mundo é belo*, recebeu o diploma do Mobral. Recebeu-o Maria Pureza Barros mesmo incapaz de redigir a palavra *amanhecer*.

E a pergunta que se faz à boca miúda: o Mobral alfabetiza mesmo?

Os fatos aludidos se constituem em regra geral e não em exceções. O jornal O ESTADO DE S. PAULO (8 de Abril de 1976), em sua última página, se alonga no registro de casos e tece sérias considerações apontando as causas da falência do Mobral.

Garanto que o “Velho Texto” ensinou muito mais gente a ler e a escrever com correção do que todas as salas do Mobral.

Os Sérgio, sem conta por esse Brasil, porquanto são tantos, aprenderam nas Escrituras do “Velho Texto” porque o seu vocabulário, apesar dos seus 300 anos, é compreensível pelas pessoas comuns.

Se tantos aprenderam nele, os já alfabetizados, com maior razão, o entendem.

Acresce-se outra consideração. Para converter-se a Jesus Cristo nem há necessidade de que a pessoa simples leia a Bíblia inteira, nem mesmo o Novo Testamento. Ouvindo a pregação do Evangelho, o pecador se converte, batiza-se, liga-se a uma Igreja e, então, vai desenvolver-se nos ensinamentos das Escrituras, quando terá oportunidade de se familiarizar com a sua própria e característica terminologia.

ALGUNS PECADOS DA LH

O SEU PECADO FUNDAMENTAL é o seu comprometimento com a secularização do contexto ecumênico marxista.

E dele, decorrem, dentre outros, os CINCO seguintes: o do ludíbrio às pessoas semi-analfabetas, o do aviltamento e da alteração de significado de expressões e de vocábulos bíblicos, o do acréscimo e do corte de palavras e o do sacrifício de termos técnicos da Bíblia.

PRIMEIRO PECADO

Propôs-se o conluio SBB-CNBB divulgar uma Bíblia na linguagem POP sem evitar “de usar palavras pouco nobres e expressões simplificadoríssimas e populares para alcançar os setores e zonas rurais do nosso querido Brasil” (rev. Ewaldo Alves, in O JORNAL BATISTA de 3 de Março de 1974).

O conjúgio SBB-CNBB esquece-se de alcançar os andrógenos, os malandros, os batedores de carteira, os punguistas, os vigaristas de toda espécie, os “hippies”, os jovens citadinos sem linguagem.

Ou a alma deles não vale mais do que o mundo todo?

Só queria ver uma Bíblia na linguagem dos malandros! Rev. Sambalate Contaprosa e Sempreatrasado, sugira essa idéia à SBB e, então v. revcia. venderia duas cópias da Bíblia por minuto e seus proventos, conseqüentes da comissão, se multiplicariam em progressão geométrica.

A LH, porém, é um pecado de ludíbrio ao povo porque substituiu palavras comuns e do falar simples dessa gente que ouve rádio o dia inteiro.

Em muitos lugares removeu palavras mui simples e usadas por todo o povo por outras palavras igualmente conhecidas, por circunlóquios ou por termos pouco usados.

Quem ignora o sentido de *geração*? E a LH trocou por antepassados em Mateus 1:1. E ainda nesse primeiro versículo do Novo Testamento ela substituiu o vocábulo *filho* por *descendente*.

E em muitos outros casos como: *magos por alguns homens que estudavam as estrelas; em Belém da Judéia por cidade de Belém, na região da Judéia; discípulos por seguidores; doutor por professor da Lei; palavra por mensagem; ouvir por escutar; dizer por afirmar.*

Quem desconhece a palavra *magos*? (Lá na roça, as músicas dos “santos reis” são cantadas ao som da viola). E *doutor*? (Fui no dotô). E *ouvir*? (Menino mal-ouvido; dor de ouvido).

O termo *mensagem* é conhecido na zona rural? Mas, a *palavra* é. Nenhum agricultor, nenhuma lavadeira -- e qual o estudante? -- asa o verbo *afirmar* em lugar *dizer*.

Por que a LH usa o vocábulo *mestre* para Jesus, ao invés de chamá-lo *professor*? Se deterioram expressões marcantes e técnicas quanto a Jesus Cristo, por que Jesus, que deixou de ser UNIGÊNITO para ser simplesmente Filho único, não pode ser professor?

Se em tantas vezes conserva o substantivo *discípulo* por que em outras grafou *seguidor*? Por que engana o povo? Se em alguns versos conserva o termo *discípulo* é porque julga que o povo o entende. Se o entende em alguns versículos por que não sempre?

A expressão de Jesus: **“Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”** (Marcos 12:17) tornou-se de, tanto usada, ditado popular. Aquela da LH: “Dêem ao Imperador o que é do Imperador” faz o sertanejo acostumado a contar e a ouvir “causos” antigos imaginar o nosso Imperador Pedro II.

O povão é incapaz de entender *certo príncipe*? O trabalhador da roça entenderá melhor *líder judeu* da LH? Príncipe é do vocabulário dele, que o entende como gente muito fina e importante, mas líder não é. Tanto o nosso povo bem humilde conhece os vocábulos das famílias reais que a LH repete a palavra rei e aplica o termo Imperador no caso do “dai a César”.

Em Gálatas 3:1, emprega “quem foi que os enfeitiçou”. Feitiço, nos meios populares brasileiros, lembra macumba, despacho, mironga. Não vá o caboclo dizer que na Bíblia encontrou a prova da autorização divina da feitiçaria...

O nosso povão sabe que é *ateu* e o distingue de *à toa*. No Sermão da Montanha, Jesus Se referiu às pessoas que sobrepõem os cuidados materiais desta vida às preocupações espirituais, recriminando-as e disse: **“porque as nações do mundo buscam todas essas coisas [a materiais]”** (Lucas 12:30). E a LH restringe essas “gentes do mundo” (a maioria das pessoas) aos ateus. Isso é enganar as pessoas e diminuir o vigor da expressão do Mestre.

Em Efésios 6:12, a LH expõe os seus ingênuos leitores à cadeia como subversivos: «Porque nós não estamos lutando contra seres humanos, mas contra as forças espirituais do mal que vivem no mundo

celestial: os governos, as autoridades e os poderes do universo, desta época de escuridão”. Com efeito, alguém, supondo-se autorizado pela Bíblia, poderá rebelar-se contra os nossos governantes e autoridades. Se a LH gosta de tudo muito bem explicadinho para o povão entender, nesse versículo ela falhou dando a compreender outra coisa ao soletrador.

A LH deveria descer ainda mais porque, de fato, são dúvidas, no caso, as suas expressões.

SEGUNDO PECADO

A LH avilta as palavras bíblicas. Massifica-as.

Até o pobre analfabeto quando conversa com o seu “dotô” se preocupa em evitar, tanto quanto lhe é possível, certos termos e expressões do seu linguajar. Às vezes, por isso, usa indevidamente um vocábulo.

Certa ocasião, no meu confessionário, um rapazinho, ao discriminar os seus pecados, querendo ser metucioso, revelou-me que xingara o seu colega de “filho de mulher falada”. É de todo o dia os moços dizerem aos padres em confissão que fizeram “coisa feia com a mão”.

1) -- Se pessoas simples, analfabetas, têm esse procedimento, com referência à Bíblia, deve-se cuidar da nobreza de suas palavras. É questão de ética, de sentimento e de elevação espiritual.

A LH bem poderia, ao invés de dizer: *empregado miserável* dizer *servo malvado* (Mateus 18:32 -- VA); *jantar da Páscoa* repetir da VA o termo *Páscoa* (Mateus 26:11, 19); *e esse boato se espalhou* (lembra fuxico) dizer *e foi divulgado este dito entre os judeus* (Mateus 28:15 -- VA); *raça de cobras venenosas!* dizer *raça de víboras*; *parem de me criticar* dizer *não murmureis entre vós* (João 6:35 -- VA); *pare deduzir, e creia!* dizer *e não sejas incrédulo, mas crente* (João 20:27—VA); *ó gálatas tolos!* dizer *ó gálatas insensatos*; *ninguém engane vocês com palavras tolas* dizer *ninguém vos engane com palavras vãs* (Efésios 5:6 -- VA).

2) — Plebeizam a Palavra de Deus, digna sempre do melhor, da mais apurada atenção e da roupagem mais elevada, as seguintes expressões: *Sem ter medo da raiva do rei* (Hebreus 11:27) (sugere hidrofobia). Aliás, segundo a LH, “quando Herodes viu que os visitantes do Oriente o haviam enganado, ficou com muita raiva” (Mateus 3:16). Também aquele patrão “ficou com muita raiva, e mandou o empregado para a prisão” (Mateus 18:34). Ao invés de prisão o patrão poderia tê-lo mandado *ver o sol nascer quadrado na cadeia*, que é mais popular. Os *professores da Lei ficaram zangados* (Mateus 21:15). (E o zangão?). *Peguem e comam ... pegou o cálice* (Mateus 26:26-

27). *Adivinhe, “Messias”, quem bateu em você* (Mateus 26:27). (O Zé Messias no brinquedo infantil de cabracega?). *Lamparina* (só faltou o querosene) na parábola das dez virgens. Mas em João 5:35, João Batista se assemelhou à *lamparina* (e o querosene?), termo desconhecido nos sertões nordestinos, onde se usa o fifô. João era um fifô, na LH de certas zonas do Nordeste. *E o anjo foi embora* (Lucas 1:38). *Alguns professores da Lei e alguns fariseus espionavam* (Lucas 6:7). *Meu nome é Multidão* (Lucas 8:30). *Todos que viram isto começaram a resmungar* (Lucas 19:7). O analfabeto de certas regiões diz *marmuração, marmurá*, porque entende *murmuração e murmurar*.

Aí todos começaram a caçoar dele, em Lucas 8:53. (Lembra o *caçoá* de *botá* em burro lá no Nordeste, onde o jacá sulista é cognominado de *caçoá*. O verbo *caçoar* do Sul se sinonimiza no Nordeste com *mangar*: *aí todos começaram a mangar dele*, seria a LH própria para o nordestino. *Senhor, dê sempre desse pão para nós!* (João 6:34). *Vinho barato* (João 19:30). *Como vocês são teimosos!* (Atos 7:51). *Que Deus mande você e o seu dinheiro para o inferno!* (Atos 8:20). *Não tem desculpa de jeito nenhum* (Romanos 2:1). *Capim* (I Coríntios 3:12). *Barulho do gongo* (I Coríntios 13:1). Vai começar o quinto assalto! *Potes de barro* (II Coríntios 4:7). Imaginem Paulo um pote escolhido (Atos 9:15). E o Dr. Ebenézer Gomes Cavalcanti lembra o nosso belo hino a ser cantado segundo a LH: “Quero ser um pote de bênção...”. *Carregar as sandálias dele* (Mateus 3:11). Deviam ser pesadíssimas porque só coisas pesadas é que se carregam. As leves podem se levar mesmo. São nuanças do nosso vernáculo que o próprio povo distingue. E as alparcas ou alpercatas são do uso diário de muita gente.

3) -- Inclui-se neste pecado a desconsideração da LH pelos seus próprios destinatários demonstrada, dentre outros, nos seguintes exemplos: *Sejam educados ou ignorantes* (Romanos 1:14). Confunde os educados com os sábios. Mas conheço tanto doutor de anel no dedo, que de educação nada tem. E tanto analfabeto bem educado que sabe perfeitamente o sentido de sábio. *Nem devem ser chamados de “líder”, porque vocês têm um líder -- o Cristo* (Mateus 23:10). O vocábulo *mestre* é muito mais empregado pelo povo do que *líder*. Por que em João 3:2 a LH também não cognominou Cristo de líder? (*Nós sabemos que o Senhor -- líder! -- mandado por Deus...*). *Grande Pastor do rebanho* (Hebreus 13:20). A LH calcula que o povo desconhece a ovelha. Ou supõe ser mais vulgar *rebanho*?. *Dá-nos hoje o alimento que precisamos* (Mateus 6:11). O povo analfabeto da roça também conhece de cor a oração do Pai Nosso. A petição “**o pão nosso de cada dia nos dá hoje**”, aliás, é de muito fácil compreensão. Não venha outra edição da LH com “dá-nos hoje o feijão e o arroz que precisamos comer...”.

4) -- No tratamento pronominal, a LH também persiste em aviltar a Bíblia.

Data venia, valemo-nos do estudo feito pelo rev. Vittorio Bergo sobre a matéria.

“As expressões de tratamento foram também objeto de revisão da LH, em condições igualmente de lamentar, pois o uso das respectivas formas pronominais constitui matéria protocolar, sem qualquer implicação com o entendimento do texto.

Observe-se inicialmente que a segunda pessoa do singular, expressa pelo pronome *tu*, formas oblíquas próprias, possessivo *teu, tua* e desinências verbais correspondentes é consagrada nas línguas cultas em geral no tratamento com a Divindade e, poeticamente, com seres personificados, segundo o modelo grego e o latino (português *tu*, espanhol *tú*, francês *tu*, romeno *tu*, inglês *thou*, alemão *du*).

Isto posto, natural é que Figueiredo e Almeida, como outros tradutores da Bíblia, se fixaram no modelo clássico, dizendo: **“Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo”** (Mateus 16:16) proposição em que a LH substitui *Tu* por *o Senhor*.

Com tal alteração perderam sua graça e viveza certas apóstrofes e prosopopéias do Evangelho, entre as quais a seguinte: **“E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o Meu povo de Israel”** (Mateus 2:6, síntese de Miquéias 5:2) e que na LH começa por *“Você, Belém,...”*.

Note-se a mesma atenuação afetiva em: *“E você, Cafarnaum, acha que vai subir até o céu?”* (Mateus 11:23); *“Ai de você, cidade de Corazim!”* (Mateus 11:21); *“Então disse à figueira: Que nunca mais alguém coma as suas frutas”* (Marcos 11:14).

Acresce, no caso da figueira, que a construção adotada faz supor a existência de frutas na árvore e, no entanto, Jesus a fez secar justamente porque não as encontrou no meio da abundante folhagem.

Quanto ao modo de dirigir-se o pregador ao auditório, em atenção à solenidade do ambiente, à austeridade da palavra e à responsabilidade do ouvinte, a segunda pessoa do plural: *vós, vos, convosco, vosso* -- é a consagrada nas mesmas línguas cultas. Justo é, portanto, que se diga, como Jesus à multidão: **“Vós sois o sal da terra”** (Mateus 5:13).

Também Pedro aos judeus: **“Homens judeus, e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as Minhas palavras”** (Atos 2:14).

E ainda Paulo aos gregos, no Areópago: **“Homens atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos; porque, passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava**

escrito: Ao Deus desconhecido. Esse, pois, que vós honrais, não O conhecendo, é o que eu vos anuncio” (Atos 17:22-23).

O mesmo se observa no tratamento usado pelos escritores sacros nas suas epístolas de caráter universal, que valem por verdadeiros sermões a distância: **“E assim, quanto está em mim, estou pronto para também vos anunciar o Evangelho a vós que estais em Roma”** (Romanos 1:15). **“Misericórdia, e paz, e amor vos sejam multiplicados”** (Judas 2).

É claro que a modernização da linguagem importa no texto de Atos 17:22-23, entre outras pequenas modificações, a substituição de *simulacro* por *imagem* ou *escultura*, e de *letra* por *legenda* ou *inscrição*.

Relativamente à substituição de *tu* por *você* importa ainda observar:

a) -- a expressão pronominal *você* não dispõe de variações casuais próprias, nem lhe servem satisfatoriamente as do pronome *ele*, pelo que se torna forçoso regê-lo por meio de preposição, e com isto a construção da frase não raro se torna monótona e enfadonha;

b) -- *você* não é tratamento usado por todo o povo de língua portuguesa, nem mesmo nas várias regiões do território brasileiro, pois no Sul prevalece o *tu*;

e) -- ainda que fosse extensivo a todo o povo de língua portuguesa, o tratamento *você* não seria aconselhável que se adotasse indistintamente, pois tal generalização estabelece entre as pessoas um nivelamento qualitativo que subverte as relações entre pais e filhos, jovens e velhos, professores e alunos, dirigentes e dirigidos, patrões e empregados, juízes e partes, governantes e governados, desfazendo uma hierarquia indispensável à manutenção da disciplina e da harmonia social.

Aos adeptos e fomentadores do anarquismo é que interessa e aproveita esta prática, pelo que deve ser combatida e não imitada.

Destoa o tratamento *você* atribuído, por exemplo, a Jesus pelo diabo:

“Se *você* é filho de Deus...” (Mateus 4:3); e pelo Batista: “Eu é que preciso ser batizado por *você*, e é *você* quem vem a mim?” (Mateus 3:14).

Também dissona este modo de tratar quando se dirige o Anjo à Virgem Maria: “O Senhor está com *você*” (Lucas 1:28); a Zacarias: “*Sua* mulher vai ter um filho e *você* dará a ele o nome de João” (Lucas 1:13); e às piedosas mulheres que foram visitar o túmulo de Jesus ressurreto: “Sei que *vocês* estão procurando Jesus, que foi crucificado” (Mateus 28:6).

E, segundo a LH, Jesus retruca ao diabo na mesma terceira pessoa: “*Vá embora, Satanás!*” (Mateus 4:10).

Apesar da majestade do Cristo, ou por ela mesma, causa espécie que Ele se tenha dirigido aos discípulos do mesmo modo vulgar e chão, inclusive no soleníssimo ato da bênção: “Que a paz esteja com *vocês!*” (LH - João 20:21).

Longe iria a conta, se não atentássemos na exigüidade do tempo e na limitação da paciência humana... Mas o que aí está basta para demonstrar que não foi das mais felizes a idéia de vulgarizar, a pretexto de divulgá-la, a linguagem circunspecta da Bíblia, que deve manter-se tão elevada quão elevada é a matéria de que trata.

5) -- No propósito de massificar a Bíblia, avacalhando-a, a LH desfigurou todo o Novo Testamento.

Algumas passagens, contudo, deixam-me perplexo. Dentre elas -- pobre hino sobre o amor (I Coríntios 13:1-13) e pobre relato da Ceia do Senhor (Mateus 26:26-30 e textos afins) -- dentre elas aqui exhibo estas: “*Você crê que há somente um Deus? Ótimo! Os demônios também crêem, e tremem de medo. Seu tolo! Você quer saber de uma coisa? A fé sem as boas obras não vale nada*” (Tiago 2:19-20). Como a VA é nobre! E que simplicidade! **“Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o crêem, e estremeçam. Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta?”**

“*Se alguém fizer uma acusação contra você e levá-lo ao tribunal, faça amizade com ele enquanto há tempo, antes de chegarem lá. Porque depois que você chegar ao tribunal, será entregue ao juiz, o juiz o entregará à polícia, e você ficará preso. Eu afirmo que não sairá dali até pagar o último centavo da multa*” (Mateus 5:25). Naquele tempo já havia centavos? Apesar da falta do centavo da multa, a VA tem dignidade: **“Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te encerrem na prisão. Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último centil”**.

“*O empregado, que trabalha somente por dinheiro, não é pastor, e as ovelhas não são dele. Por isso, ele abandona as ovelhas e foge quando o lobo chega. Então o lobo ataca e espalha as ovelhas. O empregado foge porque trabalha somente por dinheiro, e não se importa com as ovelhas*” (João 12:12-13). A VA apresenta o texto assim revestido: **“Mas o mercenário, e o que não é pastor, de quem não são as ovelhas, vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge; e o lobo as arrebatou e dispersa as ovelhas. Ora, o mercenário foge, porque é mercenário, e não tem cuidado das ovelhas”**.

A LH levou ao vilipêndio a parábola das dez virgens. Lemo-la em páginas anteriores desta obra.

Apesar da fartura de lamparinas (desconhecidas dos nordestinos de certas regiões, onde predomina o fifô) falta o querosene com que os seus usuários as acendam e estranharão lamparina que funcione com óleo. Aviltado o linguajar da parábola no intuito de torná-la de fácil compreensão para os da roça onde falta eletricidade, a LH então deveria em lugar do óleo oferecer querosene.

Que motivo, outrossim, levou a LH empregar o termo *moças* ao invés de *virgens*?

Virgens é vocábulo conhecidíssimo de todo analfabeto. E nem em todas as partes do Brasil se sinonimizam. Há lugares onde moça é a solteira, embora mãe solteira. A LH admite a popularidade de *virgem* que o emprega em Lucas 1:34 e II Coríntios 11:2. Em sendo coerente, como seria de se esperar, a Comissão Tradutora da LH obrigar-se-ia à aplicação de *virgens* também na parábola em apreço.

Delongar-nos-íamos *ad infinitum* se trouxéssemos outros exemplos de triste plebeização da Bíblia.

TERCEIRO PECADO

O ímpeto de interpretar ao embalo da onda POP levou a LH a esvaziar e alterar o significado de expressões e de vocábulos consagrados na e pela Bíblia. Exemplifiquemos!

lobos devoradores (Mateus 7:15) por *lobos selvagens*; *voz do que clama no deserto* (Lucas 3:4) por *alguém está gritando no deserto*; *maligna é esta geração* (Lucas 11:29) por *como o povo de hoje é mau*; *o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito* (João 3:6) por *o homem nasce fisicamente de pais humanos, mas nasce espiritualmente do Espírito de Deus*; *apartai -vos de mim* (Mateus 7:23) por *saiam de perto de mim*; *serviu-os* (Mateus 8:15) por *começou a cuidar dele*; *renunciar* (Mateus 16:24; Lucas 9:23) por *esquecer-se de si mesmo*; *e acontecerá que todo aquele que invocar o Nome do Senhor será salvo* (Atos 2:21) por *e todo todo aquele que pedir a ajuda do Senhor será salvo*; *pecadores* (Mateus 9:10, 11; Lucas 5:30; 6:32) por *pessoas de má fama*. Esqueceu-se a LH que nem todo o pecador é de má fama. Há tantos deles altamente conceituados. *Trevas* (Mateus 6:23; João 1:5) por *escuridão*. As trevas são muito mais densas do que a escuridão. *Bem-aventurados* (Mateus 5:1-11) por *felizes*, como se este vocábulo traduzisse o primeiro, esquecendo-se ainda de que o povo conhece o termo marcado pelo Evangelho. *Seara* (Lucas 10:2) por *colheita*; *covil* (Lucas 19:46) por *esconderijo*; *alforje*(id, ib.) por *sacola*; *até o pó, que da vossa cidade se nos pegou, sacudimos sobre vós* (Lucas 10:11) por *até a poeira desta cidade, que grudou em nossos*

pós, nós sacudimos contra vocês! Grudar lembra viscosidade. Se o pó grudasse o espanador não o retiraria; *sal da terra* (Mateus 5:13) por *sal para a humanidade*. A LH, ao interpretá-la, tornou insulsa a vigorosa metáfora de Jesus pelo fato de trocar a preposição *de* pela preposição *para*, que dá apenas uma vaga idéia de atribuição. *Boas-novas* por *boas-notícias*; *filho* *pródigo* por *filho perdido*; *gentios* por *pagãos*; *arca de Noé* (Hebreus 11:7) por *barco*. Se Noé houvesse estado num barco teria soçobrado por ser ele aberto em cima; *Evangelho* por *Boas-Notícias*. O resultado do jogo e o recado da chegada de um amigo são boas notícias sem se constituírem em Evangelho. *Trasladado* (Hebreus 11:5) por *levado*. Quando se diz vulgarmente que Deus levou fulano significa-se a sua morte. Enoque, todavia, não morreu. Foi trasladado aos céus. *Servo* por *empregado* e *servidores*. Entre o servo e o Senhor nenhuma relação empregatícia existe. O servidor público não é servo.

Pessoa ligada à SBB afirma que servo “não é palavra da linguagem do povo”. E como a procurar alguma que atenda à Bíblia POP pergunta: “Alguma sugestão?”

Ah! Eu tenho uma excelente sugestão. Uma palavra bem popular. Ou melhor, duas.

Servo e escravo!

São tão POP que a LH as emprega em João 8:34, 35 (*escravo*) e em Efésios 2:7 (*servo*), admitindo a popularidade deste termo marcado pelas Escrituras. *Escandalizar* (Mateus 18:6) por *abandonar*; *proibindo* por *ensinam* em I Timóteo 4:3: “*Esses homens ensinam que é errado casar, e que é errado comer certos alimentos*”. É evidente o enfraquecimento causado pela LH.

A SBB com a sua secularizada obra revolucionou I João 2: 15: “*Não amem o mundo, nem o que há nele. Se vocês amam o mundo, não amam a Deus, o Pai*”. Confronte-se essa versão POP com a de Almeida: “**Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele**”. Note-se na segunda parte do versículo o transtorno deformante da mensagem divina que a LH provoca. *Dom* (Efésios 2:8) por *presente*. O segundo vocábulo oculta a dimensão do primeiro. Ainda! Se dom fosse ignorado pelo povo, por que a LH, que pretende ser a linguagem popular, em I Coríntios 12 não empregou *presentes*? Ao invés de *dons espirituais*, chama-los-ia de *presentes espirituais*. Evitou assim fazer, de certo, por causa da retirada do apoio dos pentecostais que, com toda certeza ocorreria. *Endureçais os vossos corações* (Hebreus 3:8; 4:7) por *teimosos*: “**Não endureçais os vossos corações**” da VA significa muito mais do que “*não sejam teimosos*”. É, outrossim, teimosia

obstinada querer ignorar o uso corrente de *endurecer* por parte do povão.

Amaciando a pertinácia do coração endurecido, minimiza-se o poder do sangue de Cristo. E a LH não gosta do sangue de Cristo!

QUARTO PECADO

A fidelidade ao original é de estrita obrigação do tradutor. Desconsiderá-la é alistar-se entre os tradutores ou “*traditores*”.

Atinge também os tradutores a recomendação paulina “**não ultrapasseis o que está escrito**” (I Coríntios 3:6). E os traduzinhadores se colocam numa posição nada recomendável consoante Provérbios 30:6: “**Nada acrescentes às suas palavras, para que não te reprenda e sejas achado mentiroso**”.

A LH acrescenta pecado sobre pecado. Infringe as normas criteriosas da tradução e transgredir a determinação divina com as suas omissões e acréscimos.

A LH vale-se da tesoura e do dux segundo a sua conveniência no afã de se constituir em “*traditora*” da Palavra de Deus.

Às censuras neste particular opõe o texto grego *The Greek New Testament*, a cuja sombra quer se abrigar quando indiciada da denúncia de interpolações e cortes.

A sombra de seu refúgio, contudo, não é tão credenciada assim e a deixa, em conseqüência, incurso em Provérbios 30:6 e Apocalipse 22:18-19.

Eis alguns casos de serviço da tesoura e de adesivos! Da boca do moço rico retirou o adjetivo qualificativo *bom* ao chamar o Mestre (Mateus 19:16). Se o jovem não houvesse chamado Jesus de *Bom Mestre*, que sentido teria a palavra de Cristo ao retrucar-lhe: “**Não há bom senão um só, que é Deus**”?

Em Mateus 26:29 ao *cálice* da súplica de Jesus acrescenta *de sofrimento*. Acréscimo destituído de sentido porquanto, no caso, o cálice é símbolo de sofrimento.

Em Lucas 2:46, supondo a LH o desconhecimento do termo *doutor* por parte do povão, sinonimiza-o, no plural, por *professores*, achegando-lhes *judeus*.

Trocou a *roupa resplandecente* (Lucas 23:11) no intuito de ultrajá-lo como louco, posta sobre Jesus quando de Seu julgamento por uma *capa de luxo*.

Ajuntou uns pedaços a Lucas 12:46: “O patrão o cortará em *pedaços*, e o condenará a sofrer o mesmo destino dos desobedientes”.

Em Mateus 3:7 encaixou um *João*.

As expressões *em verdade e, em verdade, em verdade* mais ainda se distinguem como afirmação muito séria, quase como uma fórmula de juramento. Detesta-as a LH. Retirou *em verdade* da assertiva de João Batista (Mateus 3:11) e fez igual coisa quanto à mais vigorosa *em verdade, em verdade* das solenes frases de Jesus como em João 6:32, 47, 53.

Em Mateus 25:11 a LH caiu os túmulos *de branco*.

Em Lucas 19:8 põe um *escute* nos lábios de Zaqueu.

Arranjou para Belém uma *região* (Mateus 2:1).

Na Ceia da Páscoa os hebreus cantavam o Hallel (composto dos Salmos 114-118), hino determinado para a ocasião. A LH indefine-o como *um hino* (Mateus 26:30).

Ao informar a idade de Jesus Cristo, em Lucas 3:23, faz com durex uma aplicação de *começou o seu trabalho*.

Em Mateus 5:41 enxerta *um dos soldados estrangeiros*.

A Jairo invoca de *seu* (Lucas 2:49).

Na cabeça dele é enxertada em Tiago. 5:14.

E do diácono em I Timóteo 3:11.

Arranjaram-se *uns sapatos* para Efésios 6:15.

Em Marcos 14:21 acrescentou *morrer*.

Em Hebreus 10:16 grafou *todo sacerdote judeu*, favorecendo o sacerdote romano ao adicionar *judeu* ao texto.

Em Apocalipse 22:15 a LH falseia o termo *cães por viciados*.

Que Deus mande você é a cunha em Atos 8:20.

A covardia de Pedro -- será que a petrólatra CNBB cochilou? -- aumentou: "*Que Deus me castigue se não estou falando a verdade!*" (Mateus 26:74).

Os hierarcas romanistas são muito agradecidos à LH por havê-los obsequiado com a interpretação de João 6:51, 52 e 55, onde em lugar de *carne*, registrou *corpo*, mui consentânea com a transubstanciação da hóstia.

QUINTO PECADO

Uma tradução precisa da Bíblia é fator de credibilidade na Palavra de Deus. A conservação da terminologia técnica, própria, característica, faz parte essencial desse fator de credibilidade.

Todos os setores da vida expressam-se por vocábulos apropriados.

A culinária os possui. A enfermagem. A pecuária...

E nenhuma cozinheira, nenhum enfermeiro, nenhum pecuarista os dispensa. E se alguém quiser falar-lhes sobre suas atividades há de entendê-los.

As operações bancárias, o mundo dos negócios, os investimentos de capitais, de igual modo, são ricos de uma nomenclatura marcante.

Dispensá-los seria prejudicar a comunicação nesses setores, o que redundaria em falência. Não os omitiu o sr. presidente da SBB em sua carta circular (18 de Novembro de 1975) de pedido de óbulos para a instituição por ele dirigida: *custos operacionais, empréstimo bancário, garantia hipotecária, conjuntura financeira e econômica*, são expressões técnicas das transações dos negócios que recheiam aquela circular.

Os próprios esportes os têm porque, como tudo, precisam de termos técnicos. Deve conhecê-los quem desejar integrar-se entre os aficionados do futebol.

Seria de se sugerir à CBD a substituição da terminologia técnica do futebol no interesse de mais fácil compreensão dessa modalidade de desporto por parte do povo da roça...

Os entusiastas da LH, como o rev. Evangelino Garganta Faladepressa, bem poderiam procurar o Presidente da CBD propor-lhe o assunto, sugerindo-lhe o exemplo da SBB com a sua LH.

Garanto ao rev. Evangelino um punhado de chacotas em cima dele. E se persistisse na sua proposta os dirigentes da CBD lhe aconselhariam um psiquiatra.

Ora bolas!, quem quiser acompanhar futebol e entender as irradiações de suas partidas que primeiro compreenda o significado dos seus vocábulos técnicos: gol, zagueiro, pênalti, escanteio, placar... como os operários conhecem a abundante terminologia do Direito Trabalhista, desde “aviso prévio” até “fundo de garantia”.

Se em tudo é assim por que com a Bíblia haveria de ser diferente?

A terminologia característica do futebol o impede, acaso, de ser o esporte das massas?

Ah!, mas na Bíblia há muitas palavras judaicas...

E no futebol, porventura, rev. Evangelho Garganta Faladepressa, as palavras são brasileiras? Futebol é termo inglês. Arranje um do linguajar do povão que o traduza em brasileiro!

E as religiões do mundo? Dispensam elas a nomenclatura técnica? Omite-a o catolicismo no intuito de se fazer entendido pelas massas? Por exemplo, o adjetivo *benta* com que qualifica a sua água? O substantivo *sacramento*? *Hóstia*? *Purgatório*? *Encomendação*? *Rosário*? E uma infinidade de outros... Dispensa-os?

Se a Bíblia encerra ensinamentos especiais, próprios, ela há de, como qualquer setor da vida e qualquer atividade humana, ter a sua terminologia própria e adequada aos seus ensinamentos. Dispensá-los seria esvaziar a comunicação da Palavra de Deus do seu conteúdo de Revelação.

E o povo, aqui no Brasil, que conhece os vocábulos marcados pelo catolicismo, já distingue, sobretudo nos grandes centros, e as pessoas mais ignorantes, o povo já distingue as palavras do uso reservado da

macumba, da umbanda. E essas práticas feiticeiras de há pouco tempo se generalizaram entre os nossos patrícios. E como se espalham...

A umbanda acaso está interessada em abrir mão de sua nomenclatura técnica no propósito de facilitar o conhecimento de suas doutrinas e práticas no seio da massa ignara?

Ao contrário! Ela se massifica com todos os seus vocábulos, os quais, aceitos, já se vão incorporando ao fraseado POP.

A umbanda, sem rebuços, apresenta-se com os seus orixás, com os seus defumadores, com os seus babalorixás, com as suas entidades, com as suas incorporações, com as suas vibrações, com os seus oguns, com os seus saravás, com as suas mirongas... Com o seu farto vocabulário de raízes africanas.

Só a Bíblia haveria de tentar a dispensa de seu vocabulário técnico?

Dispensá-lo significa secularização e diluição ou deterioração dos seus princípios, de seus ensinamentos.

O linguajar POP não tem capacidade de exprimir as subtilezas das idéias e noções da esfera sobrenatural e espiritual.

É tarefa dos pregadores elucidá-las ao povo.

Ou a SBB pretende conseguir uma Bíblia na linguagem POP que exclua a pregação oral?

A terminologia técnica -- repitamo-lo -- é imprescindível à comunicação. O uso de palavras ao acaso oblitera, falseia, deturpa as idéias.

Aliás, ninguém gosta que se lhe troque o nome ou, por achincalhe, o deturpe.

Deturpar as palavras do próximo é falsear-lhe a idéia, ou o pensamento, ou a informação ou o ensino exposto por ele. E quem gosta de ver as suas palavras mal compreendidas, mal interpretadas, degeneradas?

Muito menos Deus!!!

A liberdade de linguagem causa ímpias maneiras de pensar. Este é, aliás, o alvo do neo-modernismo teológico que mina as Sociedades Bíblicas Unidas engajadas na ação ecumênica.

A Bíblia exige uma regra determinada de vocábulos. Regra essa levantada como bandeira e sinal de ortodoxia da fé, consoante a assertiva do Apóstolo: **“Em tudo te dá por exemplo de boas obras; na DOCTRINA mostra INCORRUPÇÃO, gravidade, sinceridade, LINGUAGEM Sã e IRREPREENSÍVEL, para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós”** (Tito 2:7-8).

A pretexto algum, ou de nova ciência, ou de adaptação à mentalidade dos nossos contemporâneos ou de facilitar compreensão a

pessoas incultas, a pretexto algum as palavras de Deus podem ser mudadas, diluídas, a menos que se queira deteriorar a Palavra de Deus.

Alhures, de certa feita, li: “Conservemos as palavras de Deus e assim conservaremos a Palavra de Deus”.

Progrediremos na inteligência da fé se mantivermos a Verdade imutável da fé revestida sempre com o vocabulário próprio e divino.

Desvirtuado este vocabulário, prejudica-se a inteligência da fé.

Por isso, traduzir erradamente a Bíblia ao diluir sua peculiar regra de falar, é corromper para os leitores o ensino bíblico na própria fonte de autoridade.

A LH, com a sua aventura de nivelar a Bíblia à literatura de banca de jornal, é, por conseguinte, um desserviço ao povo, é um entrave à evangelização e é, no seu contexto secularista, sobretudo a porta para a apostasia.

A LH sobressai-se na aventura de popularizar, corrompendo, os termos próprios da Bíblia.

Desconheço o porquê de haver conservado alguns como: *incenso, fariseu, profeta, saduceu, alabastro, circuncidar, hissope, patriarca*.

As pessoas que desconhecem *incenso* sabem o que é *defumador*. Por que a LH não se valeu de *defumador* em lugar de *incenso*, de *hipócrita* em lugar de *fariseu*?

Interpretou *dízimo* por *décima parte* e traduziu *escribas* por *professor da Lei*. Por que deixou de traduzir *batismo, batizar*? Transliterou-os, apenas!

Porque *imersão* e *imergir* contrariam os “aspersionistas” da SBB. E ela precisa ser “diplomata” a fim de não perder arrecadações financeiras nas áreas aspersionistas.

A LH aquinhoou os sabatistas em Atos 20:7: “*No sábado à noite*”, embora contrariasse o texto grego original: “**E no primeiro dia da semana**”.

Contemplou os pentecostais em Tiago 5:14: “*Ponham azeite na cabeça dele*”, embora interpolasse “*na cabeça dele*” porque a tradução certa, conforme Almeida, é: “**ungindo-o com azeite**”. (Sabe-se que os reis eram ungidos na cabeça e os enfermos recebiam a aplicação do azeite, que era o remédio então, no lugar da enfermidade ou bebiam-no).

Favoreceu ainda os pentecostais porque no texto corrido da exposição traz Marcos 16:9-20, embora entre colchetes e com a explicação em rodapé: “*Os versículos 9 a 20 não fazem parte do texto original grego*”. Onde o favoritismo?

É que em outras passagens de genuinidade duvidosa, a LH retirou-as do texto corrido e as colocou em rodapé como fez em Marcos 15:2. 11:26; Mateus 23:14 e em outros lugares. Se coerente, a LH deveria

fazer o mesmo com Marcos 16:9-20. Isto, porém, suscitaria uma numerosa leva de descontentes.

Se aquinhoou os “aspersionistas”, qual a razão de privar os sabatistas e os pentecostais com afáveis acenos, contanto que eles lhe favoreçam o comércio?

Jungida à secularização comuno-modernista, a LH esvaziou do seu conteúdo divino muitos vocábulos característicos da Bíblia.

Assim, por exemplo, traduziu:

pecador por *pessoa de má fama*;

parábola por *comparação*;

concerto por *acordo*;

sinagoga por *casa de oração dos judeus*;

mistério por *segredo*, *segredos*, *sabedoria secreta*, *verdades secretas*, *plano secreto*, *verdade revelada*, *sentido secreto*, *significado secreto*;

escribas por *professores da Lei*;

sinédrio por *conselho superior*;

converter-se (Mateus 18:6) por *mudar de vida*;

Consolador por *Auxiliador*;

sumo sacerdote por *grande sacerdote*;

Evangelho por *Boas-Notícias*;

UNIGÊNITO por *Único*;

SANGUE por *morte*;

SANTO por *povo de Deus* (Atos 26:10; Romanos 8:27; 15:25; 16:2; I Coríntios 1:2; 6:2; 16:1; II Coríntios 1:1; 13:12; Judas 3 e em outras passagens);

por *os que acreditam no Senhor* (Atos 9:13);

por *os que pertencem a Deus* (Efésios 3:8; I Tessalonicenses 3:13);

por *o que Ele guardou para Seu povo* (Colossenses 1:12);

por *todas as nações* (Apocalipse 15:3);

por *irmãos na fé* (Hebreus 3:1).

O povo analfabeto ou mobralizado do Brasil desconhece o vocábulo *santo*? Em nome de quê a LH adulterou com paráfrases e “interpolações” uma palavra do linguajar POP? Ela planejou uma tradução na “língua do povo” ou se desincumbiu de sua programática secularizante?

.oOo.

ATENTADOS DIRETOS CONTRA JESUS CRISTO

JESUS CRISTO É O CENTRO de todas as Sagradas Escrituras. Desfigurá-las consiste em esvaziar suas mensagens cristológicas.

A LH, parece-nos, intenta culminar seu programa ecumênico-secularizante com a negação da Divindade do Salvador.

Um dia desses desfrutei da ventura de estar em certa livraria evangélica. Compulsava uma obra teológica quando mão reconhecida pelos dedos enfiados de anéis e de unhas manicuradas pousou sobre meus ombros. Volto-me e, solene, jovial, o rev. Pascácio Diplomata da Simplicidade surge a esparramar medidas e efes e erres...

Nem bem concluía as suas magnificentes saudações -- vejam só! --, o rev. Apoteose Triunfo Festivo, no auge triunfalista da sua glória trajada de belíssimo terno e trescalando rescendente perfume, envolve o rev. Pascácio num amplexo retribuído.

Arrematados os ós! e os ahs!, o rev. Apoteose inquire-me sobre minhas excursões evangelizantes. Só para dar uma colherinha de atenção ao perturbador de Israel. Protocolo!

E, despejante, ávido de comentar os outros, entra no assunto que lhe transborda dos miolos efervescentes:

-- *Ó Pascácio, sabe de que soube?*

A ignorância do outro se fez manifesta com o não.

Entrementes, aproxima-se o rev. Prudentino Água-Morna da Paz. Estrugiram no grupo aumentado deste últimas manifestações acaloradas.

-- *Soube*, continuou o rev. Festivo, *que quem fez o Good News for Modern Man, de que foi traduzida a LH foi o dr. Robert Bratcher, filho do velho missionário Bratcher.*

-- *Mas, Festivo, onde a novidade? Todos sabemos, não é verdade, Prudentino Água-Morna?*

Pascácio deseja prosseguir a demonstrar que nem sempre diz não. O rev. Apoteose Festivo caçou-lhe a palavra:

-- *Sou mais ou menos novo no meio batista. Não conheci o filho do Bratcher. Disseram-me que ele era professor do Seminário Batista do Sul, no Rio de Janeiro, e que o dispensaram. E fizeram isso por manifestar ele as suas idéias tidas como erradas por muitas pessoas daquele tempo.*

-- *Nem sempre os tempos são os mesmos. Os homens também mudam, considerou o rev. Água-Morna. Hoje sempre se dá um jeito e há*

mais liberdade de expressão. Cada qual prestará contas de si a Deus e pouco se nos dão das opiniões e convicções alheias. Não sou palmatória do mundo. Ganho de minha igreja um bom salário...

-- Lá vem o Água-Morna com histórias de sua magnânima igreja. Conta o que você sabe do Bratcher filho, ó Festivo, reclamou o rev. Pascácio, seco pela novidade.

-- O Bratcher sempre teve dificuldades em crer na Divindade de Cristo e na eternidade da salvação do crente. Exibia sua opinião de que o crente pode perder a salvação. Um verdadeiro herege, segundo a opinião dos ortodoxos.

-- Olhem, vamos mudar de assunto, propôs o rev. Prudentino Água-Morna da Paz.

-- Dizem que ele, o Bratcher, em sua tradução do “Novo Testamento para o Homem Moderno” reflete suas dúvidas na Divindade de Cristo. Ou as despeja, segundo os mais categóricos.

Prudentino, impaciente com os comentários do assunto deu as costas aos seus dois interlocutores e, voltando-se para mim, perguntou-me sobre meu parecer relativo à capacidade do técnico Osvaldo Brandão à frente do selecionado brasileiro. É que o rev. Prudentino Água-Morna timbra pela indefinição. Quer sempre estar bem com todos porque se realiza ao ocupar postos na sua denominação.

Afastou-se, levando-me consigo, sem se preocupar mais com o rumo da conversa dos outros dois reverendos.

Tenham ou não base aquelas informações, o fato é que ele é o autor do texto inglês do qual foi feita a tradução da LH.

E a LH esvazia do conteúdo alusivo à Divindade de Cristo todos os versículos que a ela se relacionam.

Dentre estes examinaremos alguns que confirmam a assertiva.

1) -- Romanos 9:5 revela em luminosa evidência a Divindade de Jesus Cristo.

A VA registrou-o em vernáculo: **“Dos quais [os israelitas] são os pais, e dos quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém”.**

Esvaziou-lhe o conteúdo a LH na sua nefasta obra de destruir as Escrituras reveladoras da Divindade de Jesus: *“São descendentes dos patriarcas; e Cristo, como ser humano, pertence à raça deles. Que ele, o Deus que governa sobre todos, seja louvado para sempre! Amém”.*

Em qualquer frase a pontuação é de valor essencial. Ela pode mudar completamente o sentido. Marcos 16:6 registra a informação dos anjos às mulheres que foram ao sepulcro: **“Não vos assusteis; buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado; já ressuscitou, não está aqui; eis aqui o lugar onde O puseram”.**

Se mudarmos a pontuação, apesar de conservarmos todos os vocábulos, teremos exatamente o contrário do que o anjo quis dizer às mulheres: “Não vos assusteis! Buscais a Jesus Nazareno que foi crucificado? Já ressuscitou? Não! Está aqui. Eis o lugar onde o puseram”.

Os racionalistas do século passado adotaram esse método em sua avidez de deteriorar os textos alusivos à Ressurreição.

O tradutor tem a grave responsabilidade de notar a pontuação a fim de ser fiel à mente da obra original.

Na VA esplende a Divindade do Senhor: **“Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos [os pais ou patriarcas], Deus bendito eternamente. Amém”**.

O Cristo, também na carne, superior aos patriarcas, é Deus bendito. O verbo *ser* na terceira pessoa do presente do indicativo, *É*, encontra-se oculto, em cujo lugar aparece a vírgula.

Romanos 9:5 quer afirmar que Cristo, embora pela carne seja participante da raça dos pais (dos patriarcas), é superior a eles, por ser **“Deus bendito eternamente”**.

Os israelitas tinham em elevadíssima honra os patriarcas. O texto não quer desfigurar esse conceito. Fundamenta-se nele para dizer que Jesus é maior do que eles e nos dá o motivo dessa superioridade: **“Deus bendito eternamente”**.

A LH, no propósito de anular a Revelação sobre a Divindade de Cristo, cometeu duas assacadilhas:

Primeira: diluiu o ensino no sentido de constituir-se Cristo superior aos patriarcas, conceituadíssimos entre os israelitas. A expressão: *“que governa sobre todos”* foi pela LH desvinculada da primeira parte do versículo e encaixada na segunda para referi-la a Deus.

Segunda: no meio do versículo colocou um ponto, desdobrando a frase em duas outras para provocar a nítida separação entre Cristo e Deus. Na primeira afirma ser Cristo, *“como ser humano”*, da raça dos patriarcas. Na mente de Paulo, conforme a VA, Cristo, mesmo na carne, é superior aos patriarcas. A LH deteriorou este ensino.

E na segunda frase do seu desdobramento, a LH, por causa do ponto apostado, desvincula o nome “Deus” da Pessoa de Cristo, relacionando-o ou referindo-o ao mesmo nome “Deus” (o último vocábulo) do verso 4.

A LH leva o leitor a entender o texto de modo absolutamente contrário ao da Revelação Divina: v. 4. ... e receberam (os israelitas) as promessas de Deus. V. 5. São (os israelitas) descendentes dos patriarcas; e Cristo, como ser humano, pertence à raça deles (dos patriarcas). Que ele, o Deus (v. 4) que governa sobre todos” (israelitas, patriarcas -- e Cristo também?), “seja louvado para sempre! Amém”.

2) -- Colossenses 1:15 é outro verso importante quanto à Divindade de Jesus. A VA, consoante o grego original, grafa-o deste modo: **“O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação”**.

E a LH, no seu intento de desfigurar todos os textos relacionados com a Divindade do Senhor, registra-o desta maneira: *“Cristo é a revelação visível do Deus invisível. Ele é o primeiro Filho, superior a todas as coisas criadas”*.

A distorsão da LH é patente.

Com efeito, há no versículo, como ocorre em qualquer frase, palavras de maior importância quanto ao conteúdo do assunto.

O assunto é Cristo. As duas palavras mais destacadas dessa Escritura, no grego original, são: *EIKON* e *PROTÓTOKOS*.

EIKON, ou seja, imagem. Não imagem no sentido de representação simbólica. Mas no sentido de fotografia.

Paulo quer dizer que Jesus é a fotografia exata de Deus – **“quem Me vê a Mim, vê o Pai”** (João 14:9). **“Eu e o Pai somos um”** (João 10:30), disse o Redentor.

PROTÓTOKOS, isto é, primogênito. Não primogênito no aspecto temporal como se, de todos os filhos de Deus, Jesus fosse o primeiro a ser gerado ou o primeiro, dentre todas as coisas criadas, a ser criado e, por isso, superior.

PROTÓTOKOS, consoante a Bíblia, é um título de dignificação, de exaltação, de nobreza ou de honra.

Embora escravo no Egito, o povo de Deus, o povo hebreu, era nobre para Deus e disto o Faraó deveria ser informado. Mandou-lhe o Senhor dizer: **“Israel é Meu filho, Meu PRIMOGÊNITO”** (Êxodo 4:22).

Repete idêntica proclamação de outra feita, quando o Seu povo encontra-se em condições humilhantes de desterro na Babilônia: **“Porque sou um pai para Israel e Efraim é o Meu PRIMOGÊNITO”**(Jeremias 31:9).

Em Colossenses 1:15, Paulo Apóstolo quer sublinhar esta honra ímpar, única, de Jesus Cristo sobre toda a criação por ser Ele, entre os homens, a imagem fotográfica – *EIKON* -- de Deus.

A LH quando se expressa: *“Ele é o primeiro Filho”*, encobre a Mente do autor sacro e escurece a nobreza única de Jesus Cristo.

Em prosseguimento, a LH consome nesta Escritura sua obra demolidora contra a Divindade de Jesus ao afirmar no v. 16: *“Porque por meio dele, Deus criou tudo”*, como se houvesse sido Ele apenas um INSTRUMENTO de Deus na criação.

Almeida, piedoso e convicto crente em Jesus Cristo, traduziu o v. 16 desta maneira: **“Porque NELE foram criadas todas as coisas”!**

NELE e não POR MEIO DELE. São duas expressões radicalmente diferentes. A primeira é muito mais profunda e, em plenitude, revela-

nos a posição de Jesus Cristo na criação. A segunda coloca-O na inferior condição de simples instrumento.

PROTÓTOKOS, primogênito, encerra outro precioso ensino referente a Jesus. O de constituir-se Ele Messias. Primogênito é, outrossim, um título messiânico.

E de fato! O Salmo 89:27 apresenta a promessa do Messias: **“Também O farei Meu primogênito, mais elevado do que os reis da terra”**.

3) -- Filipenses 2:7 é o outro texto prejudicado pela LH. Apresenta-o assim: *“Ao contrário, pela sua [de Cristo] própria vontade abandonou tudo o que tinha, e tomou a natureza de servo. Ele se tornou semelhante ao homem, e apareceu na semelhança humana”*.

A palavra de destaque na primeira parte do versículo, no original grego, é do verbo *KENOUN*, que literalmente quer dizer em nosso idioma *ESVAZIAR*. O verbo tem o sentido de “tirar algo de um recipiente até que fique vazio” ou o de “derramar algo de tal maneira que nada sobre”.

Paulo usa esse verbo neste versículo 7 do capítulo 2 de Filipenses no objetivo de sublinhar o sacrifício da Encarnação, quando Jesus Se esvaziou -- despojou-Se -- de Si mesmo, ou seja, da manifestação visível de Sua Divindade, aparecendo aos olhos humanos como simples homem a eles em tudo semelhante (cf Hebreus 2:17-18).

A LH falseia a Revelação Divina apresentada através daquele verbo que ela traduz ou “interpreta” por *“ABANDONOU TUDO O QUE TINHA”*.

Alguém pode abandonar tudo: casa, riquezas, família, todos os seus pertences sem se esvaziar, sem se despojar de si mesmo.

4) -- Em sendo Deus, Jesus é o Messias, o Ungido Rei. A LH oblitera a realeza dEle em Mateus 2:2, pondo nos lábios dos magos adoradores a pergunta: *“Onde está o menino que nasceu para ser o rei dos judeus?”*.

E nos lábios do próprio Mestre põe: *“Quando o Filho do Homem vier como rei”* (Mateus 25:31).

Jesus sempre foi Rei!!!

A VA, fiel ao grego original, evidencia a realeza permanente e eterna do Senhor quando traduz as duas Escrituras: **“Onde está aquele que é nascido rei dos judeus?”** e **“e quando o Filho do Homem vier em Sua glória, e todos os santos anjos com Ele, então Se assentará no trono da glória”**.

5) -- Em seu contexto depreciador de Cristo a LH, em sua 1ª edição, grafou em Mateus 27:16-17: *Jesus Barrabás*.

O clamor se levantou no meio das pessoas sensatas.

A 2ª edição da LH persiste no nome *Jesus Barrabás* num evidente interesse de deslustrar o Nome Sacrossanto do Salvador.

Nesta 2ª edição, contudo, tenta acobertar-se com o exemplo de alguns que assim agiram no passado. Com efeito, esta edição traz em rodapé, havendo outrossim fechado de colchetes o nome Jesus anteposto a Barrabás, a seguinte nota explicativa: “A palavra ‘Jesus’, entre colchetes nos versículos 16 e 17, é encontrada em algumas versões e manuscritos antigos”.

Ora, só porque é encontrada em ALGUNS papéis antigos há de se adotar agora? Acaso, os que no passado interpolaram o nome “Jesus”, antepondo-o a Barrabás, não seriam ímpios?

Falta também coerência à LH neste pormenor. Retiraram do texto corrente vários versículos como por exemplo Marcos 4:9; 9:44 e 46; 11:26; 15:28; Mateus 23:4, registrando-os em rodapé com a observação de que não fazem parte do original grego.

Se coerente com seu propósito de expungir as outras traduções das passagens de autenticidade dúbia, por que não prevaleceu o mesmo critério quanto a Barrabás?

6) -- Em Mateus 23:10 a LH outra vez deprecia a Pessoa do Senhor: “*Nem devem ser chamados de ‘líder’, por que vocês têm um líder -- o Cristo*”.

A VA, ajustada ao original, registrou a Palavra de Jesus: “**Nem vos chameis mestres, porque um é o vosso Mestre, que é o Cristo**”.

Admite a LH ser conhecido pelo povo o termo MESTRE porquanto dele se valeu em João 3:2: “*Nós sabemos que o senhor é mestre*”, em João 13:13, 14 e em outros lugares.

Se não surgirem reclamações, de certo, em outras edições a LH substituirá o vocábulo MESTRE em todas as passagens onde ainda se encontra pelo termo LÍDER, prejudicando totalmente mais este título de Jesus Cristo.

Nem todo líder é mestre. Portanto, ser mestre, no caso de Jesus, é mais do que um simples líder.

A LH, porém, jungida ao demagogismo atual, empenha-se em criar um líder Jesus ao sabor POP.

.oOo.

16

UNIGÊNITO E ÚNICO

JOÃO ATRIBUI A JESUS CRISTO, como Filho de Deus, o adjetivo UNIGÊNITO (*monogenes*) em seu Evangelho (1:14, 18; 3:16, 18) e em sua Primeira Epístola (4:9) que a LH simplesmente grafa ÚNICO.

Cobiça ela corrigir as velhas traduções, alegando originar-se o termo grego *monogenes* de *mónos* (= só, um, único) e do radical *gen-*, do verbo *ginomai* (tornar-se).

A LH empenha-se na tarefa de esvaziar de todos os versículos e, de modo particular, deste vocábulo técnico o conteúdo precioso da Divindade de Jesus Cristo, o Verbo Eterno de Deus que Se fez homem.

Defendemos a legitimidade do termo bíblico técnico UNIGÊNITO na sustentação da Divindade do Salvador e na fidelidade ao grego original.

1) -- Os Sinóticos chamam Jesus de *Filho de Deus* como título messiânico.

Reconhecem-no Messias, o Cristo, o Ungido, como Filho de Deus os discípulos (Mateus 14:33), de maneira especial Pedro (Mateus 16:16; Marcos 8:29 e Lucas 9:20), os demônios (Marcos 3:11; Lucas 8:28), o Pai na Transfiguração (Mateus 17:5) e o próprio Jesus (Marcos 14:61-62).

No Quarto Evangelho, a expressão técnica *Filho de Deus* é título messiânico nos lábios de Natanael (1:49), nos de Marta (11:27) e nos do mesmo Jesus (5:25; 10:26; 11:4).

2) — O Quarto Evangelho foi escrito depois dos Sinóticos (Mateus, Marcos, Lucas) e das Epístolas Paulinas e das de Pedro. Expressa ele a maturidade apostólica do Primeiro Século.

É o Evangelho suplementar e final, preparado com o máximo cuidado por João, que o escreveu em destacado centro cultural grego.

Deus Se valeu desses recursos humanos para inspirar o hagiógrafo na obra culminante da teologia neo-testamentária da Divindade de Jesus Cristo.

Se cada termo bíblico encerra conteúdo cheio de Revelação, no Quarto Evangelho, a expressão *FILHO DE DEUS* implica, nos versículos 3:18; 5:25; 17:5; 19:7; 20:31 uma relação peculiar do Filho para com o Pai, como a do Verbo com Deus (1:1).

“Filho de Deus é igual a ser Deus” (W. C. Taylor, Dicionário Grego, in loco).

À luz dos versículos mencionados, para João, Filho de Deus é um título messiânico indicativo da Deidade do Filho.

Para o teólogo João, na frase: *FILHO DE DEUS* há dois matizes essenciais: a Messianidade e a Deidade de Jesus Cristo.

3) – O Verbo, o Filho de Deus (expressões bíblicas, técnicas, grafadas por João, o teólogo neo-testamentário), já existia “**no**

princípio”, ou seja, antes da criação do mundo (Gênesis 1:1; João 17: 5 24; 8:58).

Com efeito, em João, a preexistência de Jesus Cristo e as Suas íntimas relações com o Pai são sublinhadas com todo o vigor (5:17, 19, 23, 26; 6:46; 7:29; 8:55; 10:15, 28-30, 38; 14:10-20; 17:5, 10-12, 21-25).

O Verbo, o Filho de Deus, é Deus Verdadeiro (10:30; 20:28).

O Verbo, o Filho, sem Se confundir com o Pai, sendo Verdadeira Pessoa subsistente desde toda a eternidade, encontrava-Se junto com o Pai (1:18; 3:34; I João 1:12).

O Verbo, o Filho, fez-Se Homem para, qual ÚNICO MEDIADOR, trazer-nos a Revelação do Pai e a Salvação (3:16; 5:24; 6:40,47; 8:51; 11:25-26; 20:31; I João 3:14).

Cheio de Graça e Verdade, os discípulos, da Sua Plenitude, receberam Graça sobre Graça (1:14,16), viram a Sua Glória (11:40; I João 1:1, 3; 2:11).

Em Suas declarações reivindicava a Sua identidade e Unidade com o Pai (3:34, 35; 5:20; 7:16; 10:37; 17:2) e, por isso, os judeus, com toda a razão, concluíram igualar-Se a Deus (5:18; 10:33) e por esse motivo quiseram apedrejá-LO (10:31).

4) -- É nesse contexto bíblico-teológico joaneico que Jesus Cristo é proclamado Filho UNIGÊNITO, UNIGERADO, do Pai.

Insistamos!

Ao ser declarado, nos Sinóticos, Filho de Deus, este título equivale a Messias. Só na Revelação do teólogo-evangelista é que este título recebe a ênfase da origem divina de Jesus Cristo como Verbo Encarnado.

E a Sua Geração Divina, a Sua Natureza Divina, Se consubstancia, em plenitudes no título: Filho UNIGÊNITO.

Diluir esse conteúdo do título Filho UNIGÊNITO equivale a rasgar enorme parte do Quarto Evangelho, porquanto ele marca uma Revelação profunda, central da Bíblia.

O dr. Robert Bratcher, em seu antigo: *“The Nature and Purpose of the New Testament in Today’s English Version”*, supõe elucidar o motivo que levou a LH a adotar o vocábulo ÚNICO em substituição de UNIGÊNITO.

Afirma ele: “A mesma palavra (*monogenes*) é empregada para o filho da viúva de Naim (Lucas 7:12), para a filha de Jairo (Lucas 8:42) e para o menino curado no sopé do monte da Transfiguração (Lucas 9:38). Também é usada para Isaque (Hebreus 11:17), que é chamado de *“único filho”*. Na verdade, Isaque não foi o único filho que Abraão gerou; antes do nascimento de Isaque, Abraão tinha gerado Ismael e, mais tarde, gerou outros filhos por meio de Quetura (Gênesis 25:1-2). Em nenhum

sentido Isaque foi o filho “unigênito” de Abraão -- ele foi o filho único, singular, o único de sua espécie, o **“filho da promessa”** (Gálatas 4:22-23).

O rev. Bratcher engana-se e a sua confusão invalida o seu argumento e favorece ainda mais a tradução vernácula de UNIGÊNITO para *monogenes*.

A) -- A VA, com efeito, sintoniza-se com o original grego ao traduzir *monogenes* por *unigênito* no versículo 17 de Hebreus 11, onde Isaque é chamado de **“unigênito”** de Abraão, apesar de haver o patriarca tido outros filhos com outras mulheres que não Sara.

a)-- Se Isaque, a concordar-se com o sofisma de rev. Bratcher, não é unigênito por haver seu pai Abraão tido outros filhos, também, por igual motivo, não é o único. Como poderia, na linha do raciocínio do rev. Bratcher, ser único filho se Abraão é também pai de outros filhos?

b) -- Ocorre, todavia, que o idioma hebraico é pobre de vocabulário e, em conseqüência, uma só palavra muitas vezes serve a várias aplicações.

Embora a língua portuguesa seja de farto vocabulário, muitas vezes, uma palavra tem vários significados. *Casa* é uma delas. Significa residência, família, firma comercial, a pequena abertura da camisa onde se fixa o botão.

É o caso de *YAHID* (hebraico) que quer dizer “único” e também “querido”, que a Versão dos Setenta traduz em grego por *AGAPETÓS* e não *monogenes*.

É esse *AGAPETÓS* (e não *monogenes*) que a Versão dos Setenta ou Septuaginta usa para Isaque em Gênesis 22:2, 12, 16, adjetivo esse usado na mesma Versão em Juizes 11:34; Jeremias 6:26; Amós 8:10; Zacarias 12:10.

YAHID (*agapetós*, em grego — e não *monogenes*), no caso de Isaque, sublinha, destaca, salienta, enfatiza o significado de “querido”, “amado ternamente”.

c) – Isaque, outrossim, foi realmente o unigênito, no sentido literal da palavra *monogenes*, de Abraão com Sara. Ismael era-lhe filho com Agar e os outros com Quetura. E Sara foi a mulher de Abraão vinculada à Promessa. É por este motivo que Hebreus 11:17, substantivamente, alude a Isaque como o filho unigênito (*monogenes*) por sugerir esse texto uma íntima relação entre o filho unigênito Isaque e o sacrifício de Cristo (cf. Hebreus 9:14, 19).

B) -- a) -- É no sentido de “querido”, “amado ternamente” que, a sublinhar a dor dos pais diante da trágica situação dos seus respectivos filhos unigênitos, Lucas para o caso do filho da viúva de Naim, para o da filha de Jairo e para o menino liberto logo após a Transfiguração usa *monogenes* (= unigênito).

Como, em ilimitada ternura, não amaria o seu unigênito filho a pobre viúva de Naim? E qual o pai que, como Jairo, deixaria de cercar sua filha, mocinha de doze anos, unigênita, de todo desvelo e carinho? Aliás, exatamente por causa dessa ternura em excesso para com o unigênito que surgem problemas de educação da criança nessas condições.

A súplica do pai angustiado: **“Mestre, peço-Te que olhes para meu filho, porque é o unigênito que eu tenho”** (Lucas 9:38) estampa a aflição carinhosa e terna de um coração amante ferido pela dor.

Lucas é o mais humano dos evangelistas por ser especial em descrever as situações de profunda sensibilidade. De sua pena ternamente humana saíram as cores com que nos legou a parábola do filho pródigo e o registro dos três episódios acima mencionados.

Neles manifesta-se o sentido de “muito querido”, “ternamente amado” do vocábulo *monogenes* (= unigênito) por ser o filho unigênito cercado de destacada ternura e especiais cuidados como ocorreu com Isaque e com os três dos relatos de Lucas.

b) -- Por outro lado, há de se relevar, considerar, a condição de UNIGENITIDADE do filho da viúva de Naim, da filha de Jairo e do moço liberto às faldas do Monte da Transfiguração. De fato, eram unigênitos.

Apesar do meu entusiasmo pela VA, não a considero fruto de inspiração divina como a concedida aos hagiógrafos sacros, como Lucas.

Reconheço a necessidade de revisão de certos vocábulos propriamente portugueses como, por exemplo, mancebo, hoje completamente em desuso.

Aliás, já se fizeram outras revisões da VA, quando, inclusive, se modificou a expressão: “e pariu” por “e deu à luz”.

E nesta revisão a ser feita dever-se-ia grafar em Lucas 7:12; 8:42; 9:38 o adjetivo UNIGÊNITO em substituição de *único* como agora se encontra.

É da responsabilidade do tradutor da Bíblia transmitir a idéia total que faz parte da revelação divina. Suprimi-la, deformá-la ou diminuí-la é falta de fidelidade como tradutor e deslealdade para com o Espírito Santo.

Ao aportuguesar uma palavra composta de gêmeas (*monogenes*, no caso), não é humano matar uma das gêmeas.

O vocábulo legítimo, genuíno, coerente com a natureza do fato da ímpar e excepcional Geração Eterna do Verbo, UNIGÊNITO, atribuído a Jesus Cristo está, outrossim, maciçamente carregado de profundo sentido teológico na Escritura de João.

Omiti-lo é praticar grave agressão ao ensino bíblico quanto ao constituir-se Jesus Cristo o Filho UNIGÊNITO, ou seja, UNIGERADO de Deus, segundo a própria Natureza Divina.

O gênito (= gerado) de homem é homem. E o gênito (= gerado) de Deus é Deus!

Jesus Cristo é o ÚNICO GERADO de Deus porque repugna à Natureza Divina gerar outro. Ele é o UNIGÊNITO! UNIGÊNITO por Natureza.

5) -- A tradução UNIGÊNITO do vocábulo grego original é correta porque concorde com a sua constituição etimológica.

A) -- De fato, compõe-se ela (*monogenes*) de *monos* e do radical *gen-* do verbo *gennáo* (= gerar).

a) -- *Monos*, em sua forma adverbial (= só, somente) é encontrado muitas vezes em o Novo Testamento (Mateus 5:47; 9:21; 10:42; 14:36; Romanos 3:29; Gálatas 1:23). E tantas também em sua forma adjetival (= só, sozinho, único, uno) como em Mateus 14:23; Lucas 9:36; João 8:16; Romanos 11:13; I Tessalonicenses 3:1).

b) -- O verbo *gennáo* (= gerar, dar à luz), em suas variadas flexões é encontrado com abundância, mais de 60 vezes, em o Novo Testamento. O capítulo 1º de Mateus repete-o seguidamente.

De sua família são os substantivos *genesis* = nascimento (Mateus 14:6; Marcos 6:21) e *genesis* = geração (Mateus 1:1, 18; Lucas 1:14).

Com seu radical *gen-* compõem-se outros substantivos: *sungeneus*, *sungenes* = parentes (Marcos 6:4; Lucas 1:58; 2:44; 14:12; 21:16; João 18:26; Atos 10:24; Romanos 9:3; 16:7, 11, 21); *sungenis* = parenta (Lucas 1:36) e *sungeneia* = parentela (Lucas 1:61; Atos 7:3, 14).

Na composição etimológica de todas essas palavras relacionadas com geração entra o radical *gen-* do verbo *gennáo*.

Monogenes não haveria de se constituir em exceção. É uma exceção esdrúxula, despropositada. Uma exceção só para atender uma tradução obliterada e tendenciosa em seus compromissos secularizantes.

B) -- Ainda dois aspectos sobre o étimo do nosso vocábulo:

a) -- Etimologicamente, portanto, *monogenes* = unigênito quer dizer o único-nascido, o único-gerado de seus pais.

b) -- Em João, Cristo, o Verbo feito carne é chamado Ô MONOGENES UIÒS TOÛ THEOU = FILHO UNIGÊNITO DE DEUS (1:14, 18; 3:16, 18 e I João 4:9), locução esta que revela dois ensinamentos bíblico-teológicos: Jesus é própria e verdadeiramente o Filho de Deus nascido, gerado, gênito do Pai e Ele é, nessa condição, o único Filho de Deus (cf. Zorrel, *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, Paris, 1931, in loco; Joseph Henry Thayer, *Greek-English Lexicon of the New Testament*).

“O Verbo é ÚNICO na Sua Divina e Eterna Filiação, e é GERADO eternamente” (Geerhardus Vos). Quando João escreveu o Quarto Evangelho os crentes já se reconheciam filhos de Deus (Romanos 8:15; Gálatas 3:26; I Pedro 1:23; 2:9). Este é o motivo de João destacar o título UNIGÊNITO para o Filho de Deus, Jesus Cristo, enquanto os crentes são filhos de Deus por adoção. Jesus é o Filho de Deus por genitude, geração, segundo a Natureza Divina.

Traduzir-se, portanto, a palavra grega *monogenes*, composta de duas gêmeas (*mónos* e *genes*) por *único* apenas é matar uma das gêmeas, a segunda (*genes*).

Se João quisesse expressar somente a unicidade de Jesus Cristo, evidentemente, teria dispensado o termo *genes*. Empregaria o simples adjetivo *mónos*.

C)-- O rev. Bratcher, ainda no artigo mencionado, persiste em contrariar a lógica da etimologia de *monogenes* ao dizer compor-se este vocábulo de *mónos* (= um, único) e do radical (*gen-*) do verbo *ginomai* (= tornar-se) e não do verbo *gennaio* (= gerar). A palavra *monogenes* significa “O ÚNICO DA SUA ESPÉCIE” e não “unigênito” (o único gerado), informa o rev. citado.

a) -- Ser o radical *gen-* do verbo *ginomai* (tornar-se) e não do verbo *gennaio* (= gerar), deixaria de ter sentido essa etimologia, pois dir-se-ia: *o Filho que se tornou único de Deus*.

É impropriedade o recurso a William Tyndall, que, já em 1525, traduzira *monogenes* de João 3:16 por “único”.

A antigüidade não autoriza o erro e nem lhe dá foros de verdade. A velhice não é, outrossim, fator de credibilidade para o erro.

Sabemos que a LH nisto de usar *único* ao invés de *unigênito* nas Escrituras Joaneicas, não está inovando. Sabemos que ela está divulgando um velho erro.

E tanto pior para a LH. Dificulta-lhe a absolvição.

E constituir-se-ia essa etimologia em desapareço e ofensa imperdoável contra João, supondo-o descuidado no redigir esse Evangelho suplementar e obra final do Novo Testamento.

Faz-se notável o fato de haver Deus, além de inspirá-lo sobrenaturalmente, conduzido João a um destacado centro de cultura grega onde pôde escrever a obra mais importante da Cristologia Novitamentária.

b) -- Se *monogenes* fosse apenas *único*, o autor do Quarto Evangelho teria grafado apenas *mónos*, que é o vocábulo, cuja tradução portuguesa é *único*.

Se essa etimologia de *monogenes* fosse certa, isto é, se a explicação, quanto à etimologia do nosso termo, segundo Robert Bratcher, fosse

correta, seria de se perguntar: quando Jesus Se tornou o Único Filho de Deus? Em que tempo?

D) -- Os “testemunhas de Jová”, ou melhor, os russelitas, herdeiros dos velhos gnósticos, se caracterizam pela sua luta pertinaz contra a Deidade de Jesus Cristo.

Pois bem! Nem com todo o seu ódio contra a Deidade de Jesus Cristo conseguiram eles ocultar ou deteriorar o grego adjetivo composto *monogenes* ao traduzi-lo para o português. Traduzem-no por UNIGÊNITO (João 1:14, 18; 3:16, 18 e I João 4:9), embora reconhecendo ser-lhes inconveniente aos intentos essa tradução.

Pelo menos nisto são coerentes com o grego original.

Nem os russelitas tiveram a coragem de corromper o importantíssimo vocábulo técnico da teologia joaneica. A LH, contudo, a isso se atreveu.

Que os partícipes da Comissão de Tradutores e os dirigentes da SBB aceitem a misericórdia de Deus e se arrependam -- e procurem, de todos os modos, reparar o tremendo mal que já fizeram -- se desejam escapar das pragas do Apocalipse e de ser-lhes tirada a participação da árvore da vida (Apocalipse 22:18-19).

.oOo.

17

O SANGUE DE JESUS É DEPRECIADO

AO LONGO DAS ESCRITURAS, o sangue (*haima* em grego) se distingue pelo seu valor intrínseco.

No sangue está a vida da carne. “**O sangue é a vida**” (Deuteronômio 12:23).

E a vida pertence a Deus. Em conseqüência, o sangue é sagrado.

A) -- Inviolável, pertence a Deus e, por conseguinte, não se pode ingerir o sangue dos animais, mas, sim, deve-se derramá-lo como a água sobre a terra. “**E qualquer homem da casa de Israel, ou dos estrangeiros que peregrinam entre eles, que comer algum sangue, contra aquela alma porei a Minha face, e a extirparei do seu povo.**”

Porque a vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; porquanto é o sangue que fará expiação pela alma... Também, qualquer homem dos filhos de Israel, ou dos estrangeiros que peregrinam entre eles, que caçar animal ou ave que se come, derramará o seu sangue, e o cobrirá com pó” (Levítico 17:10-13; cf. Gênesis 9:3-4; Levítico 3:17; 7:26-27; 19:26; Deuteronômio 12:16, 23-25; 15:23; Atos 15:29).

B) -- Sagrado, pertence a Deus e o homem não pode derramar sangue do seu semelhante.

1) -- Por isso Deus Se encoleriza contra o sanguinário. **“O Senhor aborrecerá o homem sanguinário”** (Salmos 5:6; cf. Provérbios 6:17; Ezequiel 33:25; 36:18).

2) -- Deus inclui entre os maus quem planeja derramar sangue. **“Já pereceu o homem piedoso, e não há entre os homens um que seja justo; todos armam ciladas para sangue; cada um caça a seu irmão com a rede”** (Miquéias 7:2; cf. Provérbios 1:11, 16; 12:6; Jeremias 22:17).

3) -- Deus rejeita o culto e as orações de quem tem as mãos cheias de sangue. **“Por isso, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os Meus olhos; e ainda que multipliqueis as vossas orações, não as ouvirei, porque as vossas mãos estão cheias de sangue”** (Isaías 1:15; cf. 59:1-3).

4) -- Deus impediu Davi de construir o Templo por haver ele derramado muito sangue. **“E disse Davi a Salomão: Filho meu, quanto a mim, tive em meu coração o propósito de edificar uma casa ao Nome do Senhor meu Deus. Porém, veio a mim a Palavra do Senhor, dizendo: Tu derramaste sangue em abundância, e fizeste grandes guerras; não edificarás casa ao Meu Nome, porquanto muito sangue tens derramado na terra, perante Mim”** (I Crônicas 22:7-8; cf. II Samuel 16:7-8; I Crônicas 28:3).

C) -- Reservado para Deus, é-lhe atribuído um poder protetor, purificador e reconciliador. Daí a preponderância do seu uso no cerimonial da Lei de Moisés e no culto do Templo (cf. Êxodo 12:7, 13, 22; 29:16-21; Levítico 1:5, 11; 3:2, 8, 13; 7:2, 14, 33; 8:19, 23-24, 30; 9:12; 14:4-7, 14, 25).

Releva notar que o sacrifício oferecido por Abel foi do agrado de Deus. **“E Abel também trouxe dos primogênitos de suas ovelhas, e da sua gordura. E atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta, mas para Caim e para a sua oferta não atentou”** (Gênesis 4:4-5). **“Pela fé Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim, pelo qual alcançou testemunho de que era justo, dando Deus testemunho dos seus dons, e por ela, depois de morto, ainda fala”** (Hebreus 11:4).

D) -- Em sendo sagrado o sangue, com ele foi selado o Concerto do Sinai. **“Por isso também o primeiro [o Concerto do Sinai] não foi consagrado sem sangue; porque, havendo Moisés anunciado a todo o povo todos os mandamentos segundo a Lei, tomou o sangue dos bezerros e dos bodes, com água, lã purpúrea e hissope, e aspergiu tanto o mesmo livro como todo o povo, dizendo: Este é o sangue do testamento que Deus vos tem mandado”** (Hebreus 9:18-20; cf. Êxodo 24:3-8).

E) -- Por ser sagrado, constituiu-se ele em figura do sangue de Jesus Cristo. **“Os quais [os sacrifícios da Velha Lei] servem de exemplo e sombra das coisas celestiais, como Moisés divinamente foi avisado, estando já para acabar o tabernáculo... Mas, vindo Cristo, o Sumo Sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerros, mas por Seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção”** (Hebreus 8:5; 9:11-12; cf. 10:1).

F) -- Se o Antigo Concerto foi com sangue confirmado por Moisés, o Novo e Eterno Concerto foi inaugurado e selado pelo sangue do próprio Jesus Cristo. **“Porque isto é o Meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados”** (Mateus 26:28). **“E a Jesus, o Mediador duma Nova Aliança e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel”** (Hebreus 12:24; cf. Lucas 22:20; I Coríntios 11:25; Hebreus 10:29; 13:20).

No decurso dos séculos da vigência da Antiga Aliança, o sangue dos animais, figura e sombra do sangue de Jesus Cristo, foi derramado com imensa generosidade e espargido em larga profusão no culto dos israelitas e nos sacrifícios do Templo. Só na oportunidade da inauguração do Templo ofereceu Salomão vinte e duas mil vacas e cento e vinte mil ovelhas (cf. I Reis 9:63).

O sangue de Jesus Cristo, contudo, é de valor infinito e só foi efundido uma vez. **“E assim todo o sacerdote aparece cada dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar os pecados; mas Este [Jesus], havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus”** (Hebreus 10:11-12). **“Em quem temos a redenção pelo Seu sangue, a saber, a remissão dos pecados”** (Colossenses 1:14).

Por conseguinte, com o sangue de Jesus Cristo não se dá o sentido figurado de sombra, como acontecia com o sangue dos sacrifícios da Antiga Aliança.

O sangue de Jesus Cristo, em si mesmo, tem valor expiatório e remidor.

Não se reduz a um símbolo da Sua Obra Salvífica. Não é apenas um equivalente da morte de Cristo, como querem os teólogos de tendência neo-modernista.

As imagens tomadas do vocabulário sacrificial, como expiação e aspersão, e jurídico, como reconciliar e resgatar, nos demonstram constituir-se o sangue de Cristo em mais do que um equivalente concreto de Sua morte.

O sangue de Jesus excede infinitamente o simbolismo por se constituir ele no valioso preço pago por Cristo para nos resgatar e remir do pecado. **“Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um Cordeiro imaculado e incontaminado”** (I Pedro 1:18-19). **“Em quem temos a redenção pelo Seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da Sua graça”** (Efésios 1:7).

Excede o sangue de Cristo -- e excede infinitamente como a realidade excede à expectativa -- a um mero simbolismo porque por ele, pelo sangue fomos justificados. **“Logo muito mais agora sendo justificados pelo Seu sangue, seremos por Ele salvos da ira”** (Romanos 5:9). Fomos lavados. **“Àquele que nos ama, e em Seu sangue nos lavou dos nossos pecados”** (Apocalipse 1:5). Fomos purificados. **“Quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito Eterno se ofereceu a Si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas para servirdes ao Deus Vivo?”** (Hebreus 9:14). Fomos reconciliados com Deus. **“Ao qual [Jesus Cristo] Deus propôs para propiciação pela fé no Seu sangue, para demonstrar a Sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus”** (Romanos 3:25). Pelo Sangue de Cristo obtivemos a paz. **“E que, havendo por Ele feito a paz pelo sangue da Sua Cruz”** (Colossenses 1:20). Fomos santificados. **“E por isso também Jesus, para santificar o povo pelo Seu próprio sangue, padeceu fora da porta”** (Hebreus 13:12) e continuamos a ser purificados de todo o pecado pela aspersão do sangue. **“E o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo o pecado”** (I João 1:7). **“Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo”** (I Pedro 1:2).

O sangue de Jesus Cristo excede a todo simbolismo -- e excede infinitamente -- porque, por ele, pelo Seu sangue, Cristo, o Sumo Sacerdote da Nova Aliança, de uma vez por todas, entrou no Céu. **“Por Seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção”** (Hebreus 9:12) e pelo sangue temos

ousadia para entrar no santuário. **“Tendo pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus”** (Hebreus 10:19).

O sangue de Jesus Cristo transcende a todo simbolismo porque, por ele, Jesus adquiriu para Deus homens de todas as tribos e línguas. **“Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o Teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação”** (Apocalipse 5:9), multidão essa que venceu o diabo. **“E eles o [ao diabo] venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho”** (Apocalipse 12:11) e que João viu nos Céus. **“Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro”** (Apocalipse 7:14).

O sangue de Jesus Cristo é o preço que Ele pagou para conseguir a Igreja. **“A Igreja de Deus que Ele [Jesus] resgatou com o Seu próprio sangue”** (Atos 20:28).

Em vista dos méritos do sangue de Jesus Cristo, conclui-se possuir ele valor intrínseco, objetivo e, por isso, transcendente.

Falta base nas Escrituras para a teoria neo-modernista que cobiça a substituição, troca, do SANGUE por MORTE.

SANGUE e MORTE quando aludem ao sacrifício de Cristo não significam a mesma coisa? Não se identificam?

Não!

Consoante a teologia neo-modernista, não é o sangue de Cristo que nos resgata do pecado. Somos libertos pelo fato de encontrarmos na morte desinteressada de Cristo um exemplo de desprendimento e renúncia, de despojamento, a nos ensinar que os nossos erros causam tristeza a Deus. Aprendendo este ensino somos movidos ao arrependimento (cf. Moser Jr., M. L. -- *Good News for Modern Man -- The Devil's Master Piece* -- The Chailege Press -- 6º Printing -- 173).

Reconhece-se o exemplo de desprendimento e de abnegação de Jesus. Mas é mais enfático o valor objetivo do Seu sangue porque somos **“justificados pelo Seu sangue”** (Romanos 5:9). Aliás, se fosse incruento, ou seja, sem derramamento de sangue, teria sido inútil o sacrifício de Cristo.

A LH, atrelada ao neo-modernismo, secularizada e secularizante, foge dessa preciosa revelação sobre o valor transcendente do sangue de Jesus Cristo.

Supondo, à luz da teologia neo-modernista, constituir-se o sangue de Cristo um mero símbolo de Sua morte, apresenta as Escrituras que falam do valor do sangue, com o vocábulo *morte* em substituição da palavra *sangue*. Conserva esta palavra, contudo, nos versos onde supõe aparecer como símbolo.

O rev. Robert Bratcher, em seu artigo aludido, no interesse de esclarecer o motivo pelo qual a LH faz aquela troca, afirma: “Esta palavra grega (*haima*) se refere não ao líquido que corria nas veias e artérias de Jesus, mas à Sua morte sacrificial e redentora em favor dos homens”.

Se a idéia do dr. Bratcher conferisse com a sabedoria Divina, o Espírito Santo teria inspirado os escritores sacros a usarem a palavra *morte* e não *sangue* nesses nove versículos.

Se na Bíblia consta o vocábulo *sangue* é porque Deus achou melhor e realmente objetiva essa palavra para Ele nos ensinar o que Ele quer nos ensinar.

Os “intérpretes” neo-modernistas da Comissão de Tradutores da LH, penso, não sabem mais do que Deus, apesar de quererem dar lições a Ele.

Eis os nove textos onde se cancelou o precioso vocábulo da inspiração divina:

Romanos 3:25: “*Deus apresentou Cristo como sacrifício, para que, por Sua morte na cruz, Cristo se tornasse o meio de os homens receberem o perdão dos pecados, pela fé nEle*”.

Romanos 5:9: “*E agora, já que fomos aceitos por Deus por meio da morte de Cristo na Cruz, com muito mais razão ficaremos livres, por meio dEle, do castigo de Deus*”.

Efésios 1:7: “*Porque, pela morte de Cristo na cruz somos libertados, isto é, os nossos pecados são perdoados*”.

Efésios 2:13: “*Mas agora, unidos a Jesus Cristo, vocês, que estavam longe de Deus, foram trazidos para perto dEle, pela morte de Cristo na cruz*”.

Colossenses 1:14: “*É Ele que nos liberta, e é por meio dEle que os nossos pecados são perdoados*”.

Colossenses 1:20: “*Portanto, por meio do Filho, Deus resolveu trazer o universo de volta para Si mesmo. Ele fez a paz por meio da morte do Seu Filho na cruz, e assim trouxe de volta para Si mesmo todas as coisas, tanto na terra como no Céu*”.

Hebreus 10:19: “*Por isso, irmãos, por meio da morte de Jesus na cruz nós temos completa liberdade de entrar no Santíssimo Lugar*”.

Apocalipse 1:5: “*Ele nos ama, e pela Sua morte na cruz nos livrou dos nossos pecados*”.

Apocalipse 5:9: “*Tu és digno de pegar o livro e de quebrar os selos. Porque foste morto na cruz e, por meio da Tua morte, compraste para Deus os homens de toda a tribo, língua, nação e raça*”.

Em outras passagens neotestamentárias que mencionam a palavra sangue, afora estas nove, a LH a conserva intacta.

Retirou-a apenas das Escrituras onde o sangue de Jesus é exaltado como valor objetivo da nossa salvação na qualidade de preço pago pelo nosso resgate.

Quanto às outras passagens onde se conserva o termo, o dr. Bratcher, para explicar ao sabor neo-modernista, diz: “Em todas estas passagens (João 6:53-56; Hebreus 9:12, 14; 10:29; 12:24; 13:12; I João 1:7; Apocalipse 7:14; 12:11) é claro, do contexto, que o termo *sangue* não deve ser entendido literalmente. O mesmo é verdade em relação às passagens a respeito da ceia do Senhor (Mateus 26:28; Marcos 14:24; Lucas 22:20; I Coríntios 10:16; 11:25, 27). O sangue de Cristo aí é o símbolo de Sua morte sacrificial e redentora em favor dos homens”.

Esta “explicação” do rev. Bratcher, por demonstrá-lo encaixado na teologia neo-modernista, confirma nossa assertiva.

A LH apresenta-se como a Bíblia POP ao nível das “pessoas que não tiveram a felicidade de perflustar bancos escolares de universidades, ou de fazer cursos de teologia, para entender rebuscadíssimas palavras do nosso vocabulário culto e outras difícilimas palavras e frases já subentendidas nos ambientes evangélicos” (Rev. Ewaldo Alves, op. cit.).

Acaso a palavra *sangue* é ignorada pelas pessoas infelizes com a falta dos bancos universitários?

Acaso a palavra *sangue* é rebuscadíssima ou esotérica?

O brasileiro analfabeto desconhece-a?

Se é ignorada do povo comum, então, a LH falhou. Frustrou-se!

Propunha-se valer às pessoas semi-analfabetas e usa a palavra *sangue* desconhecida do povão. Sim, em muitas passagens a LH a emprega.

Se a emprega em muitas passagens do Novo Testamento por que a substituiu nos nove versículos transcritos?

Fez essa troca exatamente com o intuito de atender a orientação neo-modernista das Sociedades Bíblicas às quais se junte a SBB.

O rev. Robert Bratcher quer embair a fé das pessoas desprovidas de espírito de crítica quando assegura: “Em português, todavia, a palavra *sangue* não significa morte: significa apenas o líquido que corre nas veias e artérias de homens e animais”.

Nem parece que sua senhoria nasceu no Brasil e aqui viveu muitos anos!

O brasileiro comum entende, sim, senhor, o vocábulo *sangue* também com o significado de *morte*, por exemplo, quando diz: “Derramar o sangue pela Pátria”. Entende-o com o significado de sacrificio quando diz: “Custou-lhe sangue criar aquele filho”.

Melhor teria sido para a LH que os seus interessados se calassem porque toda vez que algum deles fala sobre o assunto mais evidencia seus nefastos propósitos.

Nesse contexto neo-modernista a LH ainda agride o precioso sangue de Cristo, quando traduz (?) Atos 4:12: “A salvação só podia ser conseguida por meio dele. É por meio do nome dele, e de ninguém mais no mundo, que podemos ser salvos. E Deus tem colocado esse nome ao alcance de todos”.

Confronte-se com a VA: **“E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”**.

Qual das palavras desse texto na versão de Almeida é rebuscada? Porventura algum analfabeto ignora alguma delas?

Outro texto importantíssimo pelo seu conteúdo, intimamente vinculado ao Plano da Salvação é Efésios 2:8-9 que a LH apresenta: “Porque é pela graça de Deus que vocês são salvos por meio da fé. Isto não vem de vocês, mas é presente dado por Deus. A salvação não é resultado dos esforços de vocês mesmos, e por isso ninguém deve se orgulhar”.

Em lugar de *presente* a VA, de acordo com o grego original, grafa *dom*.

Dom é uma coisa. *Presente*, outra.

Dá-se presente a um amigo. Ou por interesse de se preparar terreno, agradando.

Dom é mais do que *presente*.

A salvação é *dom*. Mais do que *presente*.

No afã de minimizar, de miniaturizar, o sacrifício de Cristo, a LH em Romanos 6:23 também substituiu *dom* por *presente*. “Porque o salário do pecado é a morte, mas o presente de Deus é a vida eterna em união com Jesus Cristo Nosso Senhor”.

O vocábulo *dom* é desconhecido?

E por que a LH o usou em outras passagens?

Ela não diz: *presentes espirituais*. Teria os pentecostais contra ela e perderia grande faixa em seus interesses econômicos. Em I Coríntios 12:4 a LH escreve: *dons espirituais*.

Se a salvação é um simples presente, pode ser merecida. Por isso, a LH glosa Lucas 14:14: “Mas Deus lhe pagará no dia em que as pessoas que fazem o bem ressuscitarem”.

Ninguém faz o bem no sentido de se poder merecer a ressurreição!

A VA é fiel ao original e ao teor do Evangelho da graça: **“Mas recompensado te será na ressurreição dos justos”**.

Os justos são os justificados pelo sangue de Cristo!

A LH favorece inclusive o “purgatório” em II Pedro 2:13: “*E vão pagar com sofrimento por aquilo que fizeram os outros sofrer*”. (VA = **“perecerão na sua corrupção, recebendo o galardão da injustiça”**).

Se, ao invés de perecerem na sua corrupção, os ímpios vão pagar com sofrimento, depois de pagarem, de certo, a conta se liquida e estarão livres.

A sanha sanguinoclasta da LH em I João 1:7,9 também se manifesta ao trocar o verbo *purificar* por *limpar*. “*E o sangue de Jesus, seu Filho, nos limpa de todo o pecado*”, “*perdoará os nossos pecados e nos limpará de toda maldade*”.

Purificar é muito mais do que *limpar*.

Uma roupa pode estar limpa, sem ser purificada. Limpa, na aparência, mas carregada de bactérias.

Um bisturi pode estar limpo e, contudo, sem condições de uso por lhe faltar a purificação.

O sangue de Jesus nos purifica! Que é muito mais, profundamente mais, do que simplesmente limpar.

Se as obras influem na salvação do pecador, se o purgatório oferece no além outra oportunidade de reabilitação e se o sangue de Cristo apenas limpa, a LH é coerente com o neo-modernismo ao considerar Jesus Cristo um simples Auxiliador quando faz o Salvador, falando do Espírito Santo, dizer em João 14:16: “*Ele (o Pai) dará outro Auxiliador*”.

Se o Espírito Santo é outro Auxiliador, então, Jesus Cristo o é igualmente.

A que estado a LH reduziu o nosso bendito, ÚNICO e TODO-SUFICIENTE Redentor!

Qual o crente sincero, doutrinado na Palavra de Deus, apaixonado pela salvação das almas e fiel ao Senhor que não se aflige com tantos agravos à Bíblia e ao Salvador?

.oOo.

18

“DAR A BIBLIA À PÁTRIA”?

SIM!!!

QUER DIZER: dar a Bíblia aos brasileiros e aos estrangeiros em nosso País residentes. Eis o ideal do crente ardoroso.

Quanto mais se propagar a Palavra de Deus tanto melhor e esta é vontade soberana do Senhor.

Retê-la no círculo dos evangélicos significa incorrer no pecado de Jonas, aferrado ao seu estreito nacionalismo que o tornara desatento ao mandato Divino de ir pregar a Palavra do arrependimento aos ninivitas.

Contudo, “dar a Bíblia à Pátria” não é transformá-la em artigo comercial como faz a SBB, a crer-se no rev. Sambalate Contaprosa e Sempreatrasado.

“Dar a Bíblia à Pátria” não é tornar-se colportor da SBB com o interesse da comissão de 5% sobre o valor bruto das vendagens.

“Dar a Bíblia à Pátria” não é promover a SBB e arranjar-lhe sócios com a cobiça da porcentagem sobre as ofertas a ela destinadas.

“Dar a Bíblia à Pátria” não é corromper-lhe os textos na intenção de facilitar a sua compreensão.

“Dar a Bíblia à Pátria” não é apresentá-la numa linguagem desfigurada e vulgar, de banca de jornal da imprensa marrom.

“Dar a Bíblia à Pátria” não deve constituir-se numa fuga ao testemunho oral de Cristo e à abordagem pessoal ao pecador.

* * *

Já verificamos!

Satanás, o inimigo, empenha-se em, nestes derradeiros tempos de seu domínio como **“príncipe deste mundo”** e **“deus deste século”**, prejudicar as almas, dificultando-lhes a compreensão do plano divino de sua salvação.

E seus maiores esforços recaem contra as Escrituras Sagradas.

Por isso, entre o Povo de Deus alastram-se as heresias em nome da Bíblia.

Por isso, a SBB, aconchavada ecumenicamente com a CNBB, deteriora as mensagens do Livro Santo com a sua LH, na caminhada em busca da Bíblia ecumênica a incluir os apócrifos.

Por isso, muitos evangélicos se deixaram cegar e não vêem o desenvolvimento do esquema da SBB a caminho do seu máximo objetivo.

Por isso, tornaram o Livro Santo artigo de consumo nesta desgraçada sociedade de consumo, onde tudo é consumido, inclusive o próprio consumidor.

Por isso, fazem da Bíblia um grande produto vendável em rendoso investimento comercial sempre posto como “best-seller”.

Por isso, quando leva notas de dinheiro e bilhetes de recado, ela substitui a bolsinha.

Por isso, os evangélicos bradam o slogan: “Leia a Bíblia”, enquanto eles próprios não a lêem. Não a estudam! E, como trágico resultado, confundem seus preciosos ensinamentos com as águas sujas das cisternas rotas de pregações heréticas.

Por isso, muitos crentes evangélicos, chamados de Bíblias, não vivem e não se conduzem segundo as normas da Bíblia.

Por isso, como suprema desgraça, apesar dos milhões de exemplares da Bíblia e suas porções, espalhados a cada ano, o mundo vai cada vez mais de mal a pior.

* * *

“Dar a Bíblia à Pátria” com a eficiência requerida por Deus exige algumas condições pessoais:

Primeira: Conduta digna de crente em Jesus Cristo e fiel seguidor da Bíblia.

Segunda: Fidelidade INTRANSIGENTE às doutrinas bíblicas que nos imuniza de toda e qualquer heresia.

Terceira: Disposição de se combater o erro na defesa do Evangelho.

Quarta: Paixão pelas almas perdidas que move ao despreendimento do comodismo e ao espírito de sacrifício e de renúncia pessoal.

Quinta: Superposição dos interesse do Reino de Deus.

A quem faltam estas condições torna-se improficiente o serviço de “dar a Bíblia à Pátria”. É arriscá-la à poluição das heresias, ao desprezo, ao nivelamento com quaisquer livros, ao ridículo de pessoas insensatas.

* * *

Sob a influência do slogan “dar a Bíblia à Pátria” muitos, desprovidos de coragem para falar do Evangelho ao pecador, supõem seu dever cumprido quando numa circunstância qualquer (no aniversário ou nas festas de fim--de-ano) oferecem uma cópia da Bíblia a alguém. Pronto! Já cumpri meu dever. Agora o fulano que leia. Estou livre do sangue dele.

Isso é um subterfúgio na intenção de tranquilizar a própria consciência na acomodação do pecado de desobediência à Grande Comissão: **“Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em Nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado”** (Mateus 28:19-20).

Difícilmente uma pessoa de moto próprio resolve ler a Bíblia. E, se tenta, desiste por achar difícil a leitura.

* * *

O “dar a Bíblia à Pátria”, além das cinco condições pessoais acima enunciadas, requer também cinco etapas:

Primeira: Oração fervorosa e constante.

O trabalho numa instituição que imprime a Bíblia e a divulga, como a Imprensa Bíblica Brasileira, a Sociedade Bíblica Trinitariana, a SBB e como as livrarias evangélicas, o trabalho aí deve ser fecundado num clima de intensa oração, pois se trata de um ministério espiritual e não de um simples ganha-pão.

A Bíblia é Livro Sagrado e só pode ser cuidado e manipulado em espírito de oração.

De forma idêntica, ou mais ainda, exige-se o espírito de oração à pessoa que o entrega ao pecador.

Segunda: Ensinar a lê-la a quem a recebe.

De fato, a Bíblia é um Livro estranho para o pecador. De difícil compreensão. Poderá até parecer contraditório.

Sua leitura enfada o pecador.

Sei disso por experiência própria do meu tempo de incredulidade. Embora homem da religião -- era padre -- não encontrava prazer algum na leitura da Bíblia.

Quem oferecer uma Bíblia a alguém deve orientá-lo, sugerindo-lhe a leitura de passagens e de certos livros, como os Evangelhos e sobretudo o Evangelho segundo João.

Terceira: Orientar a entendê-la porque a Bíblia se entende com a própria Bíblia.

Conheço no Rio de Janeiro uma senhora crente que ofereceu a Bíblia a uma vizinha. Ofereceu-a como todo mundo faz.

Dali a dias a vizinha lhe disse que passara a freqüentar terreiros de macumba porque nas Escrituras encontrara a prática de sacrifícios de animais.

E quem a demoveu do contrário?

Hoje, convencida de que a umbanda está baseada na Bíblia, que é a verdadeira religião da Bíblia, Dona Onezina é mãe-de-santo com seu terreiro de macumba no quintal.

Entregar a Bíblia sem orientação segura para compreendê-la é ajudar as aves de Satanás, os ministros da heresia, que se alimentam com a semente da Palavra de Deus (cf. Lucas 8:5,12).

Daí a necessidade do conhecimento das doutrinas das falsas religiões para, se surgir o caso, confrontá-las com os ensinamentos bíblicos e, assim, combatê-los.

Quarta: Ajudar a aceitar a sua mensagem que, em última análise, implica na aceitação de Cristo como ÚNICO e TODO-SUFICIENTE Salvador.

O entregar-se a Bíblia a alguma pessoa responsabiliza-nos mais ainda à pregação.

Com efeito, Paulo Apóstolo nos adverte, após declarar que **“todo aquele que invocar o Nome do Senhor será salvo... como pois invocarão Aquele em quem não creram? e como crerão nAquele de quem não ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue?... De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus”** (Romanos 10:13,14,17).

A pregação, aquecida pelo testemunho pessoal, é o método estabelecido por Jesus e por Ele próprio praticada. É o método dos Atos dos Apóstolos. É o método de Paulo.

A autoridade da experiência quotidiana também se coloca à nossa disposição ao nos demonstrar que na aquisição de conhecimentos, insuficientes são os livros, pois reclamam o concurso do professor. Por isso existem as escolas. Do contrário, bastar-nos-iam as livrarias.

Quinta: Ensinar a vivê-la.

Convertido, o pecador deve ser integrado pelo batismo bíblico (como Jesus foi batizado), em uma das igrejas locais fiéis ao Novo Testamento.

Batismo não salva, mas quem está salvo faz questão de obedecer a Jesus Cristo, aceitando ser batizado como Ele manda e quer. Portanto, quem diz ser crente e recusa o batismo está longe da conversão.

Convertido, o carcereiro de Filipos na madrugada de sua conversão, quis ser batizado (cf. Atos 16:33).

Igreja não salva, mas quem foi salvo aceita, com alegria, ser membro de uma Igreja local fiel ao Novo Testamento, porque a Igreja é o Corpo de Jesus e por Ele e nEle próprio fundada. Desprezar-se a filiação a uma Igreja local é sintoma de permanência teimosa na incredulidade.

O crente, batizado e membro de uma Igreja, integrar-se-á, com a ajuda dos irmãos na fé, na Causa do Evangelho e se desenvolverá na graça e no conhecimento do nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo.

* * *

Assim é “dar a Bíblia à Pátria” com eficiência!!!

*** **

